



Foto: Eduardo Knapp / Folhapress

## VOLUNTÁRIOS EM ESTUDOS COMEMORAM VACINAÇÃO UM ANO APÓS INÍCIO DA CAMPANHA NO PAÍS

Cecília Tavares, Thiago Cuesta, Cristina Jatobá, Cesar de Almeida Neto e Ana Escobar são 5 dos mais de 55 mil participantes de pesquisas de imunizantes contra a Covid no Brasil Saúde B3

Nos últimos 30 dias, você teve algum desses sintomas?

Em milhões de pessoas



Fonte: Datafolha

## População que diz ter contraído Covid é o dobro da conta oficial

Em Datafolha, 42 milhões declaram terem sido infectados, ante 23 milhões registrados por estados

Um em cada quatro brasileiros com 16 anos ou mais — cerca de 42 milhões de pessoas — diz ter recebido diagnóstico de Covid, segundo o Datafolha. É quase o dobro dos 22,8 milhões de casos registrados oficialmente.

Para especialistas, a diferença não surpreende, já que o país tem problemas na sistematização dos dados de Covid. A pesquisa, feita em 12 e 13 de janeiro com 2.023 entrevistados, tem margem de erro de dois pontos.

Entre os já infectados, 90% não haviam completado o ciclo vacinal ou mesmo tomado a primeira dose. A pesquisa mostra também um elevado número de pessoas com sintomas que podem ser de Covid, como tosse e febre.

Em meio à disparada de casos, 8,1 milhões disseram não ter encontrado testes de Covid em farmácias ou postos de saúde nos últimos 30 dias, aponta o levantamento. Há risco de desabastecimento do produto. Saúde B1

Dois em dez dizem ter passado réveillon com 13 pessoas ou mais B2

**Análise** Atila Iamarino Cansada, a população se expõe à variante ômicron B2



## Linha do desejo

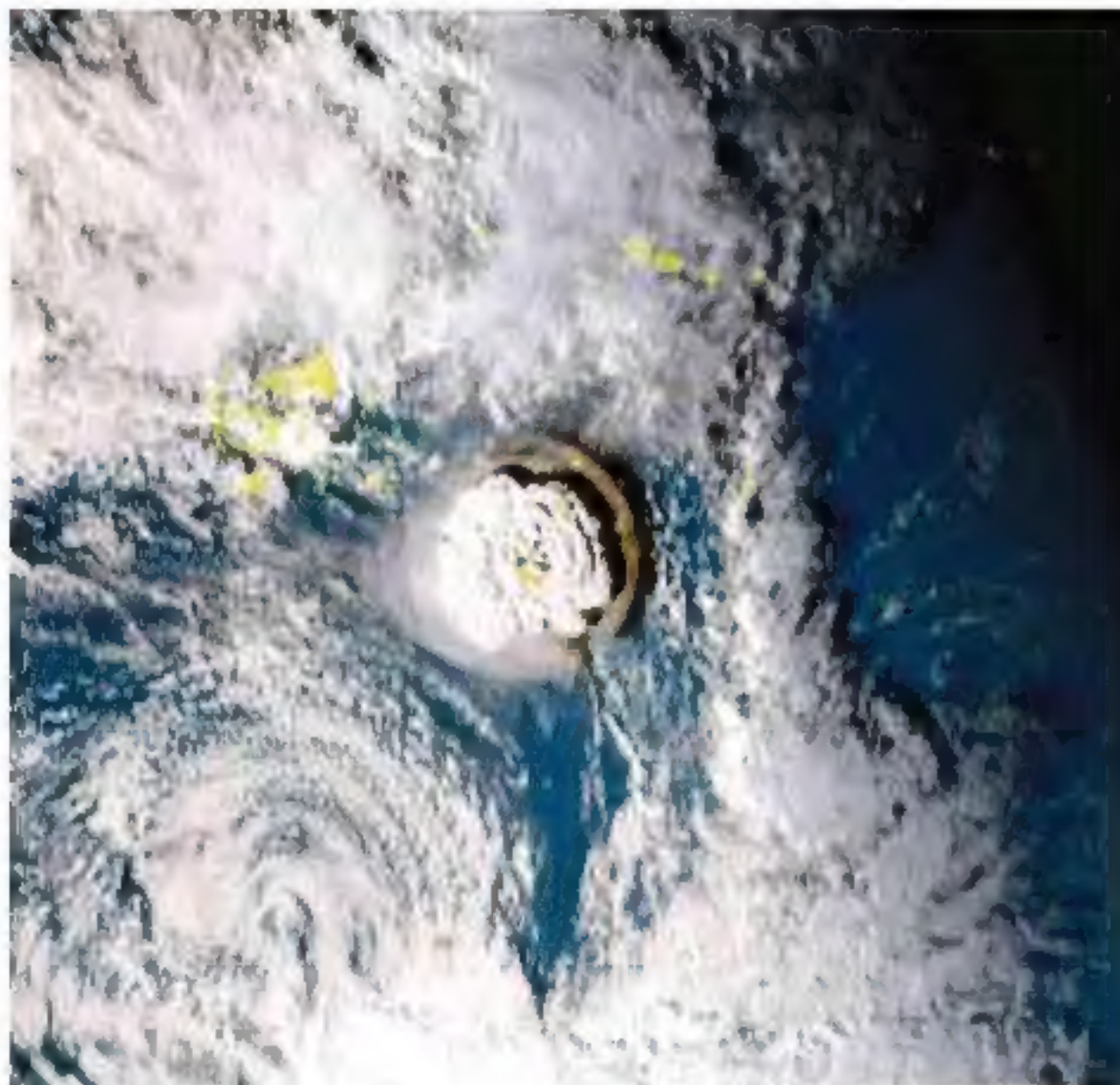
Artistas de diferentes vertentes e áreas de expressão, vindos de várias regiões brasileiras, conformam um novo imaginário cultural que reage ao urbanismo excludente criado no Distrito Federal. C&E C5

## MÔNICA BERGAMO

Meu sonho é ser lembrado como um marco na música, afirma Vitão C2

## Esporte B7

Busca de clubes por técnico estrangeiro aumenta, e 2022 começa com recorde



Instituto Nacional de Informação e Comunicação do Japão/APP

## VULCÃO SUBMARINO CAUSA TSUNAMI NO PACÍFICO

Foto de satélite mostra erupção que gerou ondas em Nukualofa, capital de Tonga, a 65 km; fenômeno atingiu também o Japão e a Samoa Americana, sem registro de vítimas Mundo A13

## Em mais de mil cidades, 3 em 4 ficam sem ajuda do governo

Mesmo com a expansão do Bolsa Família para originar uma marca social para a gestão de Jair Bolsonaro (PL), a transição para o Auxílio Brasil deixa uma lacuna em muitas cidades. Com o fim do auxílio emergencial, cerca de 27 milhões de famílias ficaram sem ajuda do governo, fora do novo programa.

Esse impacto é observado com força nas cidades que sentiram os efeitos do auxílio emergencial, embora tivessem cobertura menor do Bolsa Família. Em 1.036 municípios, 75% ou mais da população que teve acesso a algum desses benefícios ao longo de 2021 ficou sem atendimento. Mercado A14

## Miguel Srougi Queiroga, pare de ser oportunista

Ministro Marcelo Queiroga: você não tem direito de manchar sua biografia e envergonhar seu entorno com atitudes que contribuem para aniquilar o nosso povo. Abandone a complacência oportunista e defenda a nação contra os ataques do vírus e da indecência. Opinião A1

## Brasileiro rouba nome de criança morta nos EUA

O brasileiro Ricardo César Guedes está preso no Texas pelo uso, por 25 anos, do nome de uma criança americana morta em 1979 aos quatro anos. Comissário de bordo, ele dizia se chamar Eric Ladd e só foi descoberto em 2020, ao tentar mudar de sobrenome após se casar. Mundo A13

## EDITORIAIS A2

Clareza de propósitos Sobre intenções de presidenciais na economia

## Agenda papal

Acercas de declarações polêmicas de Francisco

## Afastar-se de Bolsonaro é aceno de militares a Lula

Poder A6

## Aliados veem chapa PT-Alckmin consolidada

Aliados de Lula (PT) e de Alckmin (sem partido) avaliam que a construção da chapa conjunta está pavimentada, já que resistiu a desafios partidários. A5

## A pandemia em 15 jan. Dólar das 20h

## POPULAÇÃO VACINADA

## No Brasil

Até 15 de janeiro atualizado (dados à noite de 15 de janeiro)

78,1%

1ª dose vacinal completa (primeira e segunda dose)

68,3%

Dose de reforço

15,3%

## ESTÁGIO DA DOENÇA

## Óbitos

Média diária

147

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

## SP oferece 70 ações públicas para os idosos

**VIDA PÚBLICA** Plano lançado pela prefeitura paulistana se compromete em oferecer 70 iniciativas para pessoas acima de 60 anos até 2024 em áreas como cultura, saúde e cuidado domiciliar. B4



ISSN 1414-3723

9 771414 572018

33891



## opinião

## FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda D'Araújo, Hélio Schwartzman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Meili, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Paru

DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Nércio Simões Amaral

(financeiro, planejamento e novos negócios) e Marcelo Benex (comercial)

## EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## Clareza de propósito

Frente ao quadro econômico, é fundamental que candidatos ao Planalto detalhem planos desde já

Na partida do ano eleitoral, esta Folha publicou artigos e entrevistas com os assessores econômicos de quatro dos candidatos mais bem posicionados nas pesquisas.

Participaram os colaboradores de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Sérgio Moro (Podemos), Ciro Gomes (PDT) e João Doria (PSDB). Assessores dos demais candidatos, assim como de Jair Bolsonaro (PL), não quiseram se manifestar.

Embora a lógica convencional diga que não há incentivo para as campanhas anteciparem propostas, a emergência nacional exige transparência desde cedo para que se faça uma escolha informada. As transformações globais, aceleradas pela pandemia, demandam disposição política para amplas reformas a serem debatidas já.

As análises das candidaturas têm pontos em comum. O principal é a necessidade de recuperação da capacidade do Estado em fazer políticas públicas. Requalificar a ação estatal, de fato, é condição para que o país possa reverter os retrocessos do governo atual e superar o quadro de estagnação e concentração de renda das últimas décadas.

A recuperação da estabilidade fiscal se insere nesse contexto, pois sem ela não será possível controlar a inflação e manter os juros baixos.

As divergências quanto aos meios para obtê-la logo aparecem, sobretudo em relação à atual âncora fiscal, o teto de gastos, defendido pe-

la candidatura Doria, mas que, na opinião de Lula e Ciro, deveria ser reformado, especialmente no que tange aos investimentos públicos.

De um modo geral, os economistas ligados à centro-direita pregam um Estado enxuto, com ação focada em áreas de alto retorno social, além de boa regulação para incentivar investimentos privados.

Para a centro-esquerda, o papel do Estado é mais amplo. Na plataforma de Ciro, além da estabilidade macro, seria necessária a retomada dos investimentos públicos em larga escala, coordenando a iniciativa privada num plano nacional de desenvolvimento. O foco na indústria, caro ao desenvolvimentismo, aparece com clareza.

O tema do meio ambiente também figura com ênfases distintas, mas não deixa de ser curioso que tenha sido a direita a falar em carbono e desmatamento zero.

No entanto, é o artigo de Guido Mantega, representante de Lula, que destoa ao ignorar erros petistas sem apresentar propostas para o futuro. As pertinentes críticas ao governo Bolsonaro logo dão lugar a um resgate das mesmas receitas de tutela do Estado sobre investimentos e a retomada de políticas industriais, apesar dos repetidos fracassos nessa área.

O ano eleitoral está só começando, mas será fundamental que as campanhas desçam cada vez mais aos detalhes daqui para frente.

## Agenda papal

Ao condenar fake news e cancelamentos, Francisco se mostra atualizado, mas igreja tem suas falhas

Em discurso dirigido a diplomatas, o papa Francisco criticou a cultura do cancelamento, o pensamento único, o anacronismo historiográfico e as fake news, em especial aquelas contra a vacinação. No mérito de cada uma dessas questões, não há como discordar substancialmente do sumo pontífice.

No caso do cancelamento, muito melhor do que tentar destruir a reputação de um adversário é rebater os seus argumentos.

Fosse o papa Francisco um cidadão particular ou um ativista de ONG, só poderíamos louvar-lhe as agudas observações —bem mais pertinentes do que quando chamou de “egoístas” os que preferem animais de estimação a filhos, sendo que os próprios padres não estão autorizados a geri-los.

Mas Francisco é também o líder da Igreja Católica, o que significa que ele carrega 2.000 anos de bagagem. E, se há uma instituição que, ao longo de sua história, abusou de cancelamentos e exerceu em impor o pensamento único, é a Igreja Católica.

Não se trata aqui de aderir àquelas correntes que abraçam o maniqueísmo histórico, segundo o qual a religião seria sempre uma força do atraso que bloqueou o quanto pôde o avanço da ciência e a libe-

ralização dos costumes. A realidade é infinitamente mais complexa e nuancada do que isso.

O ponto central é que, mesmo com abertura para essas ponderações, não há como negar que a Igreja esteja por trás de atos da fé e muitas outras manifestações de intolerância. Queimar hereges é, por qualquer ângulo, levar o cancelamento a seu estágio final.

Não é difícil, para quem abraça doses moderadas de relativismo, conciliar as coisas. A Igreja agiu dessa forma numa época em que todos os poderes o faziam.

Mas, para os que defendem que a moral é absoluta, como os religiosos, não é tão simples. É complicado afirmar que queimar pessoas vivas é um problema hoje, mas não era tanto no passado.

Tais considerações não têm o propósito de silenciar o papa Francisco. Seria injusto responsabilizá-lo pelos atos de seus correligionários pregressos. Mas, até para dar maior concretude a seu apelo por contextualização histórica, ele poderia ter abordado alguns desses problemas em seu discurso.

Seja como for, é alentador constatar que temos hoje um papa muito mais preocupado com os grandes desafios do presente do que com os dogmas do passado.

Base do Antif

Telegram: <https://t.me/ancadoantif>Issuub: <http://issuub.com/user/book/1712>Issuub: <http://issuub.com/user/book/41484>

## Os cientistas e a ética

Hélio Schwartzman

Cientistas se comportam melhor do que não cientistas diante de problemas éticos? Nunca tantos cientistas foram submetidos a tantos dilemas morais em tão curto espaço de tempo como no Projeto Manhattan (PM), que criou as primeiras bombas atômicas. E eu não diria que eles tenham destoadado muito do resto da humanidade.

O principal argumento para arregimentar os pesquisadores é que os EUA precisavam desenvolver essa arma antes de Hitler —um argumento forte, especialmente quando se considera que um número significativo das cabeças pensantes envolvidas no PM em de físicos judeus que fugiram do nazismo. Mas, quando, em novembro de 1944, ficou óbvio que a Alemanha não chegara nem perto de fabricar a bomba, um único indivíduo, Joseph Rotblat, se retirou do PM. Todos os demais continuaram.

Os cientistas se saíram um pouco melhor em relação ao bombardeio de cidades japonesas. Não conseguiram impedi-lo, mas ao menos desenharam-se uma reação, liderada por Ja-

mes Franck e Leo Szilard. Eles achavam que, antes de lançar as bombas sobre cidades, os EUA deveriam fazer uma demonstração de seu poder e dar aos japoneses a oportunidade de render-se. O lançamento da segunda bomba sobre Nagasaki despertou objeção ainda mais vivida dos cientistas. Não obstante, alguns deles, encabeçados por Edward Teller, insistiram em desenvolver a bomba de fusão nuclear, muito mais poderosa que os artefatos de fissão e praticamente sem serventia tática.

Tirei essas informações do excelente "Robert Oppenheimer", a monumental biografia que Ray Monk escreveu do cientista americano que liderou o PM.

Nós, que temos o benefício de conhecer a história, sabemos que o chamado equilíbrio do terror funcionou, evitando a guerra nuclear entre EUA e URSS. Mas, para quem viveu esse período como presente, não como passado, a perspectiva de que o fim do mundo estava próximo era assustadoramente real.

helio@uol.com.br

## Atalho pelo lamaçal

Bruno Boghossian

Nenhuma investida de Sérgio Moro na corrida presidencial pareceu tão intensa até aqui quanto a busca pelo voto conservador. O ex-juiz escalou um advogado evangélico para coordenar essa área da campanha e se reuniu com mais de 50 líderes religiosos. Na última semana, ele disse que pretende lutar contra a "sexualização precoce" de crianças.

Não há candidato que defenda o contrário, então a promessa de Moro poderia ser encarada como uma proposta vazia para enfrentar um problema inexistente. Essa plataforma, no entanto, lembra o jogo sujo que o bolsonarismo explorou para demonizar adversários e assegurar o domínio do eleitorado conservador.

Em 2018, Jair Bolsonaro transformou a questão num ponto central da campanha. Ele dizia que a esquerda distribuía na rede pública de ensino um livro infantil que "estimula precocemente as crianças para o sexo". Depois de eleito, usou o tema para esconder os fracassos de seu governo e afirmou ter zerado "aquela sexualização na escola".

O bolsonarismo trabalhou para difundir uma falsa ameaça que só o capitão poderia combater. Apoiado por influenciadores e líderes religiosos, inundou as redes sociais com desinformação e ataques à educação sexual. Sem apresentar nenhum programa consistente, uniu em torno de sua candidatura cerca de dois terços do eleitorado evangélico, um segmento notadamente conservador.

Moro parece disposto a buscar um atalho pelo lamaçal para tomar esses votos de Bolsonaro. Uma maioria significativa (87%) dos eleitores evangélicos dizem conhecer o ex-juiz, mas só 8% votam nele no primeiro turno. Segundo o Datafolha, só 5% dos entrevistados desse grupo o identificam como o candidato "que mais defende os valores da família tradicional brasileira".

O coordenador da campanha de Moro no eleitorado evangélico, Uziel Santana, disse que o ex-juiz se apresenta como um "conservador moderado". Em alguns casos, porém, o candidato caminha em terreno próximo dos desvarios bolsonaristas.

## Discos só em sonhos

Ruy Castro

Falando outro dia de filmes que teriam enriquecido o cinema se tivessem sido feitos, lembrei-me de discos que também nunca foram gravados. Um deles, que poderia ter abalado a bossa nova nos anos 60, reuniria o grupo vocal-instrumental Os Cariocas e o instrumental-vocal Tamba Trio. Seus líderes, Severino Filho e Luiz Eça, se adoravam, se admiravam e eram contratados pela Philips. E por que não saiu? Porque nenhum dos dois grupos aceitava fazer só aquilo que realmente faziam como ninguém: Os Cariocas, cantar; o Tamba Trio, tocar. Queriam fazer tudo.

Veja agora esse time: João Gilberto, violão; João Donato, piano; Tião Neto, contrabaixo; Milton Banana, bateria. Só em sonho? Não. Em 1963, eles tocaram por três meses em Viareggio, no sul da Itália. Alguma noite terá sido gravada? Se sim, onde estão as fitas? Se não, por que um estúdio de Roma não teve essa ideia? Porque aquilo era normal, a grande música abundava. Eles nunca mais se viram num palco —nem mesmo

João Gilberto e Donato, que levaram a vida se encontrando para queimar um e discutir filosofia.

Francisco Alves e Mario Reis, Tom Jobim e Dorival Caymmi, Letty Andrade e Pery Ribeiro, Doris Monteiro e Lucio Alves, Dick Farney e Claudette Soares, Chico Buarque e Maria Bethânia, todos um dia dividiram um microfone, e com históricos ressakados —confira na internet. Por que Emilinha Borba e Mariene, Orlândio e Jorge Ben, Nelson Cavaquinho e Cartola, Simonal e Elza Soares, Tim Maia e Rita Lee, tão compatíveis, nunca fizeram o mesmo? Por que ninguém pensou nisso.

Os americanos não deixavam passar. Frank Sinatra gravou com Bing Crosby, Louis Armstrong com Ella Fitzgerald, Doris Day com Harry James, Duke Ellington com Charles Mingus, Miles Davis com John Coltrane. Nenhum deles saiu menor desse encontro. Só a música saiu maior.

Mas ainda temos uma chance. Hoje pode-se juntar post mortem quem se queira, eletronicamente.

## Vacina institucional

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Inóvil" e "Pensar Nado". Escreve aos domingos

Diretamente, o filme "A Grande Mentira" (2019), de Bill Condon, não tem nada a ver com o que se passa na vida pública brasileira, avassalada ao longo de três anos pelo fake das redes e pela corrupção do discurso social. Na tela, um vigarista aproxima-se de velha dama milionária para roubá-la. Só que as coisas não se passam exatamente assim, pois o roteiro desmantela aos poucos a farsa inicial e torna incerto o verdadeiro sujeito da fraude.

O interesse de agora é que a expressão "grande mentira" comece a entrar no vocabulário das análises como chave explicativa mais ampla. Basta pensar que a atual ocupação democrática do poder deveu-se a falsos argumentos que impactaram eleitores convenientes numa conjuntura crítica. Abriu-se uma brecha no arraçoado liberal, campo livre para um ataque.

Sobre esse tipo de lance, mas noutro contexto, individual, os mestres de artes marciais falam de um átimo de tempo em que o corpo perde a unidade e se torna vulnerável. A forma estável, de repente inadequada, abre-se ao golpe inesperado. Tudo depende da ocasião certa.

No corpo coletivo, o ataque lesivo também prospera na oportunidade. Um exemplo histórico entre nós é o Plano Cohen, a falsa conspiração usada por Vargas como pretexto para a ditadura do Estado Novo (1937-45). Quatro anos antes, o incêndio do Reichstag (1933) tinha servido a Hitler como acontecimento crucial para instaurar a Alemanha nazista.

Apesar das diferenças, há uma convergência na crise das mediações entre o poder e as massas, brecha propícia à fabricação de um bode expiatório comum: a suposta ameaça comunista. Nenhuma explicação melhor para a universalidade desse bode do que o Levítico, no Antigo Testamento. O imaginário é sem fronteiras.

Hoje fica cada vez mais nítida a inadequação entre o corpo coletivo oficial e o estado latente da nação. Em sua aversão ao território popular, as elites perderam o pudor. A violência urbana desfez a ideologia da brasilidade cordial. O vácuo da política deu lugar a uma comunicação cega do sistema de poder com o país. Emergiram as minorias, mas se dispersaram rápido demais as mediações tradicionais (partidos, sindicatos etc.). E a internet, com todas as suas redes e aplicativos, não cria espaços reais de representação coletiva.

Fez-se assim oportuna a Grande Mentira do populismo autoritário: uma brecha na imunidade democrática. Deu no que está dando. Mas, como no filme, é viável a desmontagem da farsa. O corpo nacional foi atingido, porém instituições estáveis e independentes despontam como vacina. A reabilitação não pode ser apenas eleitoral e midiática: o grande desafio é a recuperação da civilidade.



# TENDÊNCIAS/DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br  
Os artigos publicados com essa natureza não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## Tenham piedade, excelências

Queiroga, abandone a complacência oportunista

Miguel Srougi

Professor titular de urologia da Faculdade de Medicina da USP e pós-graduado em urologia pela Universidade Harvard, membro da Academia Nacional de Medicina e presidente do conselho do Instituto "Ciência é Vida"

No início de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou que a humanidade estava sob ataque de um vírus ensandecido, espalhado pelos cinco continentes. Explicitamente, anunciou uma nova pandemia e, implicitamente, indicou que esse patógeno não mais abandonaria o nosso planeta. Como a história e a ciência previram, e em resposta à pressão evolucionária, os coronavírus ancestrais de Wuhan, na China, sofreu sucessivas transmutações para se perenizar, culminando agora com o aparecimento da variante ômicron, já disseminada pelo planeta. Com a mesma velocidade e competência, os nossos cientistas desenvolveram os principais mistérios que envolviam esse novo agente com o objetivo de enfrentar o novo desafio. Assim, demonstraram que: 1 - essa infecção tem uma assombrosa capacidade de disseminação; 10 portadores de ômicron infectam, dentro de 2 a 3 dias, 100 pessoas não vacinadas; 2 - em 8 de janeiro, a variante já era responsável por 98,7% dos casos de Covid no Brasil; 3 - previsão da Universidade de Washington indica uma escalada incontrolável no número de casos em nosso país, com 1 milhão de pessoas sendo infectadas diariamente dentro de dez dias. Esse número não será reconhecido pelo governo federal,

que insiste em subestimar vergonhosamente a prevalência da doença; 4 - as taxas de internações em UTI e de óbitos são de 4 a 5 vezes menores nos pacientes infectados pela ômicron se comparadas aos casos atingidos pelas variantes prévias. Esses índices mais baixos não devem ser menosprezados, já que a disseminação incontrolada da doença talvez mate 400 ou mais brasileiros por dia dentro de três semanas; 5 - a vacinação com duas doses do imunizante entre 10% e 51% das pessoas expostas à ômicron, mas três doses protegem 88%; 6 - a capacidade da ômicron de infectar crianças é duas vezes maior que a das variantes anteriores. Apesar da baixa letalidade, crianças precisam ser vacinadas para não se transformarem em reservatórios perpetuadores da pandemia. E, também, porque baixa letalidade não é baba se quem morre é um ente querido; 7 - bobagens têm sido ditas por pessoas que convencem mais quando ficam caladas. A vacina da Pfizer é bastante segura em crianças, e nenhum óbito foi relatado após quase 9 milhões de doses administradas a esse grupo nos Estados Unidos; e 8 - finalmente, a pandemia pela ômicron só será extinta se pelo menos 90% da população em cada país for imunizada de forma correta e rápida para evitar a emergência de novas variantes agressivas.

Como essa meta é utópica, e provavelmente inatingível, o vírus continuará bailando pelo mundo, reescrevendo de forma trágica a nossa história. Confesso que, neste momento, não consigo disfarçar minha aflição. Vivendo numa nação esfaqueada, com uma rede sanitária inaceessível às pessoas mais simples e, pior, com líderes que não prestam, prevejo um futuro tenebroso para os nossos cidadãos. Sem vislumbrar qualquer possibilidade de o nosso presidente modificar suas atitudes imperfeitas e rudes, só me resta fazer um apelo público, aberto e sincero. Ministro Marcelo Queiroga: você, como membro de uma classe de heróis que recentemente mudou os destinos da humanidade e com uma história pessoal que até há pouco lhe proporcionou o respeito e a admiração dos cardiologistas brasileiros, não tem o direito de manchar sua biografia e envergonhar seu entorno com atitudes que estão contribuindo para aniquilar o Brasil e o nosso povo. Por isso, rogo-lhe que se coloque ao lado de tantos filhos da nação e assumo o combate irrestrito à pandemia, pautado na ciência, inspirando e apoiando os demais governantes, estimulando a aplicação das medidas sanitárias reconhecidas, fortalecendo os sistemas de suporte à vida, divulgando estatísticas honestas, necessárias para a gestão da crise, e promovendo a vacinação da nossa população de forma abrangente e rápida. Abandone a complacência oportunista e defenda a nação brasileira contra os ataques do vírus e da indecência. Pedindo desculpas por repetir, termino lembrando Albert Einstein: "O mundo é um lugar perigoso para se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer". Hoje, com duplo sentido,



Foto: Heato

## Estranhamento inescapável

Portugal e Brasil: o que alguns insistem em não ver

Carlos Fino

Jornalista, é autor do livro "Portugal-Brasil: Raízes do Estranhamento"

Em artigo nesta Folha ("Brasil ama a herança portuguesa", 11/01), José Manuel Diniz afirma que o estranhamento entre Portugal e Brasil — tema da minha tese de doutorado agora publicada em livro — "nunca existiu". Na sua opinião, eu teria partido de uma convicção indemonstrável com base numa amostra fraca e, em vez de ter tido a coragem de recuar e escolher outro tema, avancei para concluir o que não podia ser concluído — a saber, que existe um estranhamento entre Portugal e o Brasil, que o Brasil não valoriza a herança lusitana e que os portugueses menosprezam o Brasil. O autor tenta assim desvalorizar uma investigação de vários anos, exposta ao longo de 500 páginas e avaliada por duas universidades — a do Minho e a de Brasília. Percebe-se, entretanto, pelo teor da sua prosa, que Diniz afinal não leu a tese, limitando-se a expor, com a ousadia de quem não conhece, uma opinião pré-formada contrária às conclusões que apresentei. Se tivesse lido, teria percebido que eu não tentei demonstrar a existência de estranhamento entre

Portugal e o Brasil — fato por demais conhecido —, mas sim entender, com base em ampla investigação histórica, os porquês dessa realidade onipresente que ele se recusa a ver. Se tivesse lido, teria visto que a maior parte dos fatos que invoca para corroborar as suas posições e diz estarem ausentes da minha investigação constam afinal do meu trabalho, e nenhum deles é suficiente para derrubar o que defendo. Com efeito, o aumento dos fluxos sociais e das trocas entre os dois países, incluindo os 300 mil imigrantes e os milhares de estudantes do Brasil que frequentam universidades em Portugal, não chegam para superar o antilusitanismo histórico dos brasileiros, que pode perfeitamente viajar incógnito a bordo dos aviões da companhia aérea TAP. Por outro lado, se é verdade, como assinalo no livro, que as tradições religiosas católicas ainda vão sustentando um lusitanismo difuso, não podemos deixar de ter em conta que o catolicismo está em franco recuo no Brasil, substituído a grande

velocidade pelas diferentes correntes evangélicas — como também refiro. Quanto à nova "lei da nacionalidade" lusá, que reconhece cidadania aos netos de portugueses que tenham vindo para o Brasil, ela é certamente importante, mas não deixa de ser uma medida tomada com grande atraso em relação ao que sempre reivindicou a comunidade portuguesa do Brasil e fica, ainda assim, atrás do que fez a Itália, que reconhece a cidadania até os bisnetos. Por fim, o fato de os brasileiros terem em geral opinião positiva sobre o Portugal de hoje também não desmente a tese do antilusitanismo histórico que refiro, baseado em extensa investigação histórica que o autor nem sequer dá ao trabalho de ir verificar. Isso também está no livro — mas ele não leu! De caminho, ainda me acusa de pretender "sensacionalismo fácil", inoportuno e "perigoso" (!) sobre tema de relevância nacional e bilateral no preciso momento em que se assinalam os 200 anos da Independência do Brasil, como se as celebrações oficiais fossem impedimento da investigação e não, como é óbvio, um estímulo suplementar ao livre debate sobre tema tão relevante. Em resumo, o autor faz exatamente aquilo de que me acusa: defender uma opinião sem fundamento, baseado apenas em percepção. Mas, como se sabe há muito e escreveu um certo clássico, "se a aparência e a essência das coisas coincidissem, a ciência não seria necessária",

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br  
Cartas para el Barão de Limbra, 435, São Paulo, CEP 01302-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens — informo seu nome completo e endereço

## ASSUNTO VOCÊ, LEITOR DA FOLHA, JÁ SE SENTIU EM PERIGO DURANTE UMA VIAGEM DE TURISMO?

Sim. Nas dunas em Natal (RN), com buggies sem cinto de segurança nem oferta de capacete. Nos quadriciclos em Porto de Galinhas (PE). Nas trilhas mal sinalizadas em Fernando de Noronha (RN). Nas passarelas sobre a água em Foz do Iguaçu (PR). Nos barcos e balsas no rio Negro (AM). A conta é enorme. **Eulália Moreno** (São Paulo, SP)

Em décadas viajando, não encontrei pior lugar para o turismo que o Cairo. Nas pirâmides, as pessoas cercam o carro e batem na lataria para nos acompanhar (pagando-lhes, é claro). Balançam o carro e forçam a porta para entrar e cobrar. Os guias trocam socos para disputar turistas que querem andar de camelo. **Dalme S. Amaral Júnior** (Vitória, ES)

Para chegar ao topo da Pedra do Baú, em Campos do Jordão (SP), é necessário escalar 200 degraus prensados no paredão de pedra. Não vi nenhum esquema de segurança, nenhum alerta quanto ao risco. Lembro-me de como minhas pernas tremiam. Em alguns trechos faltava um degrau e era preciso mais força e equilíbrio para subir. E para descer foi outro drama. **Fabiana Matos** (São Paulo, SP)

Alugamos em 2017 uma pequena traneira em Arraial do Cabo (RJ) para visitar a famosa Gruta Azul, onde barcos entram e manobram. Em alto mar, deparamos com grandes ondulações. Sacudiu muito. Avistamos de longe a longa fila de barcos para entrar na gruta. Mandamos retornar e, aí sim, colocamos os coletes, em razão do alto risco, e retornamos. **Edgard Barros** (Rio de Janeiro, RJ)

Escadas verticais na praia do Sarcho, em Fernando de Noronha. Descem dezenas de pessoas, uma em cima da outra, e a escada é 100% vertical e muito alta. Se uma cair, derruba outras dez de uma altura de uns 20 metros. E tudo rocha em volta para bater a cabeça. **Vinicius Tremecoli Stipp** (Piracicaba, SP)

Logo na entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, você é informado de que ali não existe equipe de resgate e que, se ocorrer algum acidente, você, visitante, tem que ligar para o Corpo de Bombeiros de Alto Paraíso e solicitar resgate. A segurança é precária. Todos os anos temos notícia de pessoas que perderam a vida em um atrativo da chapada. **Patrick José dos Santos** (Brasília, DF)

Temas mais comentados pelos leitores no site De 8 a 14 jan - Total de comentários: 15.057

- 362 Os esbirros de Lula (Catarina RochaMonte) 11 jan
- 348 Presidente da Anvisa cobra retratação de Bolsonaro sobre insinuação contra agência (Equilíbrio e Saúde) 11 jan
- 342 Bolsonaro diz que Lula na Presidência é recondução do criminoso à cena do crime (Poder) 12 jan

## OUTROS ASSUNTOS

**Carnaval**  
Não faz sentido ouvir especialistas e jornalistas presumindo que a ômicron hibernará até 28/2. Só o Carnaval é problema? Ou se restringem todas as aglomerações, ou se permitem os desfiles. Do contrário, é pura sanha moralista sem embasamento metodológico. **Carlos Eduardo Aguiar Santos** (São Paulo, SP)

**Pesquisas**  
É bom tomar cuidado. Alguns jornais estão publicando pesquisa eleitoral que mostra Lula com 45% de preferência do eleitorado. Se a pesquisa for falsa, o jornal perde a

Em um passeio de barco nas Cataratas do Iguaçu (PR), em setembro de 2020. O guia chegou perto demais da queda d'água. Ficamos muito molhados e a lancha com muita água. Foi muito imprudente, e percebi que isso é rotineiro com todos os barcos. Foi aterroizante. **Maria Nelo** (Hidrolândia, GO)

No sábado passado (8/1), após não conseguirmos visitar Inhotim, fechado por causa das chuvas, tivemos de pegar uma estrada vicinal para sair de Brumadinho (MG) rumo a Brasília. A pista era bem sinuosa, ladeada por barrancos íngremes, muitos deles já desmoronando. Só nos tranquilizamos quando chegamos à BR-040. **Dionyzio Antonio Martins Klavdianos** (Brasília, DF)

Em visita, na semana passada, às cidades históricas de Minas Gerais, me senti em risco. Ouro Preto, Tiradentes, Bichinho, Congonhas, São João del-Rei. São cidades montanhosas, com minas ao redor e barragens de rejeitos. Não recomendo em períodos chuvosos. **Fernando de França Leão Paiva** (Brasília, DF)

O Complexo de Couros, um dos principais atrativos da Chapada dos Veadeiros, em Alto Paraíso (GO), é bastante antecado, especialmente em dias de chuva. Há vários trechos íngremes e escorregadios que terminam em abismos, sem guarda-corpo ou qualquer sinalização de advertência. Zero fiscalização. **Fernanda Mathias** (Campo Grande, MS)

Estava em um ônibus que ia para Paraty (RJ) e tombou em Ubatuba (SP). O motorista usou uma via onde não era permitida a circulação de ônibus e ali acabou perdendo o controle do veículo. Morreram seis pessoas no acidente. **Felipe Matos** (São Paulo, SP)

Sim, em 2016, no deserto de Atacama (Chile). Na região de Piedra Roja, havia um lago congelado. O guia disse que era seguro andar sobre ele, mas dava para ver que em algumas partes o gelo havia derretido. Minutos depois, o gelo cedeu e um turista afundou metade do corpo no lago. Tentei ajudá-lo e, quando estendi a mão para puxá-lo, a minha parte do gelo também cedeu e fiquei com água acima da cintura. Conseguimos sair jogando o peso do corpo em uma parte do gelo que ainda estava firme. **Leandro Panha Chaves** (São Paulo, SP)

credibilidade. Se verdadeira, somos uma nação de picaretas. E neste caso, jornais não são necessários. **André Coutinho** (Campinas, SP)

**Michel Temer**  
O que foi aprovado no governo Temer não são os "Dez Mandamentos". Tudo está sujeito a eventuais e pontuais revisões constitucionais, pois a sociedade e as leis malfeitas devem sempre estar sendo aperfeiçoadas. A reforma trabalhista não produziu resultados satisfatórios e ainda por cima precarizou relações de trabalho que já eram desequilibradas. **Sandra Ferreira** (Ponta Grossa, PR)



# poder

PAINEL | **Fábio Zanini**  
painel@grupofohla.com.br

## Hey, Brazil

Rede social muito usada por bolsonaristas e com sócio na mira da PF, a Gettr começou a investir pesado no público brasileiro. Criada por Jason Miller, ex-assessor de Donald Trump, a plataforma tem enviado e-mails em português para conquistar adeptos no país. “Enquanto o Twitter dá mais um passo para se tornar uma plataforma autoritária, o Gettr trabalha dia após dia para preservar seu direito à liberdade de expressão”, diz o texto, que começa com a saudação “querido patriota”.

**NA CRISTA...** Miller disse ao Painei que em breve pretende ter uma equipe baseada no Brasil. “Ainda não contratamos funcionários permanentes no Brasil nem abrimos escritório, mas prevejo que faremos isso assim que começarmos a monetizar a plataforma no país”, afirma.

**...DA ONDA** Segundo ele, a plataforma tem registrado “crescimento considerável” por aqui, com mais de 600 mil usuários. O Gettr passou a fazer propaganda no grupo Jovem Pan, que tem linha editorial pró-Bolsonaro. Entre os que aderiram recentemente estão o influenciador Allan dos Santos e Sérgio Camargo, da Fundação Palmareis.

**SAIDREIRA** Um dos últimos eventos do governador de São Paulo, João Doria (PSDB), antes de renunciar ao cargo para disputar a Presidência será uma espécie de cartão de visitas para seu programa de governo, baseado em investimentos do setor privado.

**TIMING** Nos dias 29, 30 e 31 de março, haverá leilões de concessão de loterias, travessias de balsas e parques da capital, com previsão de pagamento de outorgas e investimentos milionários. Dois dias depois, Doria deixará o Palácio dos Bandeirantes.

**VERDE SOU** Sérgio Moro (Podemos) pediu à equipe que formule seu programa de governo que trate de forma unificada as propostas para o agronegócio e o meio ambiente. O ex-juiz entende que essa é uma das maneiras de se diferenciar de Jair Bolsonaro (PL) e negar exclusividade sobre o tema para a esquerda.

**REPAGINADO** “O agro está sendo penalizado por causa da questão ambiental, como se os produtores fossem meros incendiadores de floresta. Temos no ambiente uma oportunidade, e não um problema”, diz o ex-deputado Xico Graziano, especialista no tema e que faz parte do grupo de colaboradores criado pelo presidente-êvel do Podemos.

### TIROTEIO

“O Lula quer tanto enfrentar o Bolsonaro no segundo turno que é capaz de votar nele no primeiro

Do presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, sobre a atual polarização eleitoral entre o petista e o atual presidente

com Guilherme Seto e Fabio Seraphim

GRUPO FOLHA  
**FOLHA DE S.PAULO** ★★ ★  
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

**Redação São Paulo**  
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseis | 01202-900 | (11) 3224-3222  
**Ombudsman** ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000  
**Atendimento ao assinante** (11) 3224-3090 | 0800-775-8080  
**Assine a Folha** assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R\$ 1,90	R\$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R\$ 9,90	R\$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R\$ 29,90	R\$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral*
MG, PR, RJ, SP	R\$ 5	R\$ 7	R\$ 827,00
DF, SC	R\$ 5,50	R\$ 8	R\$ 1.044,00
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 6	R\$ 8,50	R\$ 1.318,00
AL, BA, PE, SE	R\$ 9,25	R\$ 11	R\$ 1.420,00
Outros estados	R\$ 10	R\$ 11,50	R\$ 1.764,00

\*A vista com entrega de molhar diário. Cargo tributário 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (1VC)  
358.659 exemplares (novembro de 2021)



Geraído Alckmin e Lula (PT), com suas esposas, em jantar do grupo Prerrogativas. Ricardo Suedert - 19. dez. 2021 / Fui volgaça

# Aliados de Lula e Alckmin veem aliança pavimentada mesmo com desgastes

Divergências em propostas de governo trazem ruído, mas não são vistas como impeditivas; imbróglio entre PT e PSB permanece

Carolina Linhares

**SÃO PAULO** Aliados do ex-presidente Lula (PT) e do ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido) avaliam que a construção da chapa conjunta está pavimentada e que a união demonstrou, nos últimos dias, resistir a desafios de ordem programática e partidária.

Mesmo com as linhas gerais do plano econômico de Lula divulgadas na Folha em um artigo do ex-ministro Guido Mantega e a ampliação do debate no PT sobre a revogação da reforma trabalhista, interlocutores de Alckmin afirmam que diferenças pontuais nas propostas do petista e do ex-tucano não serão entraves para a aliança.

A leitura de quem acompanha as conversas entre Lula e Alckmin é a de que ambos querem fazer a chapa acontecer e, para isso, estão dispostos a superar diferenças — a união pode ser anunciada em fevereiro.

O ex-governador abandonou os movimentos para disputar novamente o Palácio dos Bandeirantes e se concentrou em debater o país.

Lula, por sua vez, não viu mais surgirem especulações de nomes de vices depois que o de Alckmin entrou na roda. Petistas afirmam que, na opinião do ex-presidente, o jantar que os reuniu publicamente demonstrou que as resistências no partido e na opinião pública foram menores que o esperado.

No entanto, a chapa encontra opositores no PT e no PSDB. Tucanos que contavam com Alckmin em São Paulo para fazer frente ao PSDB do presidente-êvel João Doria e do seu candidato no estado, Rodrigo Garcia, demonstram decepção e não descartam que o ex-governador volte atrás na escolha por Lula.

Embora a velha guarda tucana admita que o PSDB raiz que defendem já foi próximo do PT, lembrando a boa relação entre Lula e FHC nos anos 1970 e 1980, o entendimento é o de que o petista se deixou corromper no poder e que Alckmin não pode se associar a isso. As diferenças programáticas seriam superáveis; as éticas, não.

Entre as divergências no plano de governo, a ideia de reter a reforma trabalhista, discutida por Lula em reunião com sindicalistas e economistas na

terça-feira (11), foi tema de café da manhã entre Alckmin e o presidente do Solidariedade, deputado Paulinho da Força (SP), no dia anterior.

Paulinho, que é contrário à revogação da reforma, afirmou à Folha que Alckmin demonstrou haver preocupação do mercado com essa iniciativa.

Mais tarde, petistas e alckministas passaram a divulgar que o ex-governador, na verdade, demonstrou interesse em estudar o tema e entendia a proposta de Lula não como algo radical, mas como uma iniciativa de diálogo entre as partes para melhorar a legislação.

Como mostrou a Folha, membros da cúpula do PT fizeram chegar a Alckmin explicações sobre a proposta. A missão teria apaziguado eventuais estranhamentos do ex-governador em relação ao que sugere o ex-presidente quando fala em imitar o exemplo da Espanha, que revogou a reforma trabalhista.

Apostura de Alckmin, contudo, irritou parte dos membros do PT, já que a reversão das mudanças é pauta do partido praticamente desde que a medida foi aprovada no governo Michel Temer (MDB).

A conversa com Paulinho, registrada em foto e divulgada nas redes, sinalizou ainda que embaraços de ordem partidária à formação da aliança também tendem a ser solucionados. No encontro, o deputado reforçou o convite para que Alckmin se filie ao Solidariedade e compoeta a chapa com Lula. O ex-tucano ainda não deu resposta.

O plano original é o de que Alckmin se filie ao PSB, partido que forneceria a Lula a vice-presidência e que formaria uma federação ou aliança com o PT. Em troca, os petistas abririam mão de candidaturas próprias e apoiariam os pessebistas em cinco estados: RJ, ES, RS, PE e SP.

A questão paulista, no entanto, travou a negociação. O PT não abre mão de lançar o ex-prefeito Fernando Haddad (PT), que aparece à frente do ex-governador Márcio França (PSB) nas pesquisas. O partido argumenta ainda que São Paulo é um estado chave, berço do petismo, e que há chance real de vitória.

Do lado do PT, a expectativa é a de que França ocupe outra vaga na chapa, mas tam-

bém existe o reconhecimento de que ele tem direito de concorrer — num cenário em que Haddad e o ex-governador se enfrentariam nas urnas.

Já o PSB tampouco está disposto a abrir mão da candidatura de França, que abriu diálogo com o PDT de Ciro Gomes — o ex-governador esteve com o presidente da sigla, Carlos Lupi, neste ano. Sem nome próprio para a Presidência, o partido estaria entre apoiar Ciro ou Lula.

Petistas entendem que o PSB, ao usar Alckmin como moeda de troca na questão paulista, negocia um ativo que não possui. Primeiro porque ele não está filiado ao PSB. Segundo porque Alckmin já demonstrou que quer ser vice de Lula em qualquer partido e que seu projeto não está atrelado ao de França — algo com que alckministas concordam.

A vantagem de Alckmin no PSB seria agregar à campanha de Lula um partido grande — maior do que o Solidariedade ou o PV, que são outras opções. Mas há entre petistas e membros da terceira via quem aposte que Gilberto Kassab, presidente do PSD, poderia ser vice do Lula, o que supriria essa demanda por uma sigla de peso na coligação.

Kassab, porém, afirma que seu partido lançará a candidatura do senador Rodrigo Pacheco (PSD) à Presidência. E petistas esperam que, de uma forma ou de outra, o PSB se junte ao PT, já que Ciro estacionou nas pesquisas.

O entorno de Alckmin acredita que há tempo para que esse imbróglio partidário se resolva. Em outra frente, tampouco as propostas à esquerda no programa do PT seriam obstáculo intransponível.

Petistas e alckministas lembram conceitos defendidos tanto por Lula como pelo PSDB raiz, como responsabilidade fiscal, desenvolvimento social e defesa de uma política tributária mais justa.

Além disso, aliados de Alckmin esperam que o programa de governo não seja imposto, mas discutido — já que o ex-governador seria um vice não decorativo.

Outro ponto mencionado é o de que Alckmin retomou sua agenda pública no ano passado, após terminar a eleição presidencial de 2018 com

Continua na pág. A5

“Não importa se no passado fomos adversários. Se trocamos algumas batidas, se no calor do hora dissimos o que não deveríamos ter dito. O tamanho do desafio que temos pela frente faz de cada um de nós um aliado de primeira hora

Lula (PT) em referência à Alckmin no jantar do grupo Prerrogativas







poder

# Afastamento de militares de Bolsonaro é sinalização a Lula

Episódios no Exército e na Marinha tentam contornar distância do petista

Igor Gielow

SÃO PAULO Os recentes episódios em que as Forças Armadas demonstraram distanciamento do governo do capitão reformado do Exército Jair Bolsonaro (PL) são ao mesmo tempo sinalização de posição e aceno a outros candidatos na disputa presidencial, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à frente.

Segundo a Folha ouviu de oficiais-gerais das três Forças, apesar de a interlocução com o petista ser basicamente inexistente agora, os eventos fariam por si e serviriam para tirar da sala o bode de um golpe militar contra Lula em caso de vitória em outubro.

Nas duas últimas semanas, alguns fatos se colocaram na sempre espinhosa relação entre os militares e Bolsonaro:

1. O Exército determinou que todos os 67 exercícios militares programados para o ano fossem encerrados até setembro para liberar a tropa no caso de haver violência eleitoral ou, ainda pior, algum cenário ao estilo Capitólio dos EUA.

2. A mesma Força lançou diretrizes no trato público da pandemia que vão contra o negacionismo preconizado por Bolsonaro.

Em particular, criminalizando a divulgação de fake news, o que causou ruído.

3. O diretor-presidente da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), almirante Antonio Barra Torres, divulgou uma duríssima nota chamando o presidente à responsabilidade por ter acusado o órgão de ter interesses escusos na vacinação de crianças, que Bolsonaro critica.

O conjunto de eventos, dizem fardados em altos postos do serviço ativo, estabeleceu de saída no ano eleitoral uma linha divisória entre a balbúrdia presidencial e as Forças.

Mais que isso, buscou dizer aos candidatos ao Planalto que, independentemente de quem vença a eleição, a Força se manterá neutra. Os atos foram necessários já que, do ponto de vista de imagem, o caráter militar do governo causa justificável apreensão da esquerda à direita.

O foco, dizem generais, almirantes e brigadistas, é, claro, Lula. O petista até tentou estabelecer uma ponte com os fardados no ano passado, mas não foi bem-sucedido.

Há entre militares um sentimento refratário ao petista devido ao que consideram

leniência com a corrupção.

Tanto é assim que a candidatura de Sergio Moro (Pode-mos), o ex-juiz que colocou o petista na cadeia por 580 dias, atrai alguns setores fardados.

Por outro lado, na cúpula, há o pragmatismo de que hoje Lula é o favorito para vencer a eleição. A leitura benigna é a de que os militares buscam reter o status quo por parte do novo chefe, caso o petista volte ao poder.

De todo modo, todos os ouvidos lembram o que chamam de tempos de vacas gordas sob Lula, quando a bonança internacional das commodities e uma gestão fiscal responsável até a etapa final de seu mandato permitiram o reequipamento das Forças com programas como o de submarinos, de caças e de blindados.

Segundo interlocutores do ex-presidente, ele ainda vê com reserva o comportamento do Exército em 2018, quando o então comandante Eduardo Villas Boas pressionou o Supremo Tribunal Federal em um tuita a não conceder habeas corpus contra sua prisão.

Por outro lado, dizem que não acreditam haver óbice numa eventual relação, e que

Lula tem compreendido os sinais que vêm da caserna.

No caso do Exército, o entrecuho não provocou nenhuma crise de maior monta, a não ser questionamentos sobre a questão da Covid-19 que não foram em frente do ministro da Defesa, general da reserva Walter Braga Netto.

Já no de Barra Torres, que enfatizou em sua nota cobrando que Bolsonaro ou recusasse, ou se retratasse, a situação ficou algo em aberto. O Comando da Marinha avalizou os termos do almirante, que enfatizou sua condição de oficial-general médico da reserva ao longo do texto.

Bolsonaro buscou ignorar o episódio, dizendo que não tinha colocado a integridade da agência em dúvida — só para repetir insinuações.

O padrão tem irritado comandantes militares, ciosos de que a sinergia entre o governo Bolsonaro e as Forças é algo difícil de ser extirpada da mentalidade pública.

Como deixou claro livro-depoimento de Villas Boas, de 2021, os militares operaram uma volta à política nas costas de Bolsonaro quando foi exacerbado o sentimento antipetista na cúpula fardada. Soldado indisciplinado e

“

Se o senhor dispõe de informações que levantem o menor indício de corrupção sobre este brasileiro, não perca tempo nem prevarique, senhor presidente. Determine imediata investigação policial. Agora, se o senhor não possui, exerça a grandeza que o seu cargo demanda e, pelo Deus que o senhor tanto cita, se retrate

Antônio Barra Torres  
Presidente da Anvisa, em nota publica a Jair Bolsonaro



O presidente Jair Bolsonaro com o general do Exército Paulo Sérgio Nogueira durante cerimônia em Brasília. Lúcia Pereira - 15 ago. 2021 / Folha

## Todos terão que aceitar resultado da eleição, diz ex-presidente

SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que lidera as pesquisas para a disputa ao Palácio do Planalto, disse em rede social neste sábado (15) que a população rejeita autoritarismo e que todo mundo terá que respeitar os resultados das eleições de 2022.

A declaração, que rememora posicionamento anterior dele, ocorre após novos ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL) ao sistema eleitoral e aos ministros Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal).

“Eu disse nesse começo de ano ao jornal britânico The Telegraph que a democracia brasileira sairá mais forte de 2022, e todos terão que aceitar o resultado das eleições. A maioria dos brasileiros rejeita o autoritarismo e o desastroso desgoverno atual”,

escreveu Lula em sua conta no Twitter.

Na última quarta-feira (12), Bolsonaro acusou Barroso e Moraes de ameaçar e cassar “liberdade democráticas” com o objetivo, segundo ele, de beneficiar a candidatura de Lula.

“Quem esses dois pensam que são? Que vão tomar medidas drásticas dessa forma, ameaçando, cassando liberdades democráticas nossas, a liberdade de expressão por que eles não querem assim, porque eles têm um candidato. Os dois, sabemos, são defensores do Lula, querem o Lula presidente”, declarou Bolsonaro, durante uma entrevista ao site Gazeta Brasil.

Bolsonaro, que fez repetidos ataques a ministros do Supremo antes do ato de raiz golpista do 7 de Setembro, chegou a baixar seu tom nos meses seguintes, após se des-

culpar e escrever uma carta com auxílio da ex-presidente Michel Temer (MDB).

No final de 2021, porém, voltou a atacar integrantes da corte e o sistema eleitoral.

O presidente ainda investiu contra Moraes e lembrou o julgamento, pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), que rejeitou a cassação da chapa presidencial por participação em esquema de disparo em massa de fake news nas eleições de 2018.

Na ocasião, Moraes, que será presidente do TSE em 2022, afirmou que, se houve disparo em massa de fake news nas próximas eleições, os responsáveis serão cassados e irão para a cadeia por atentado contra as eleições e a democracia.

“Eu fui julgado no TSE, a chapa Bolsonaro-Mourão, no final do ano passado, e lá foi a vez do senhor Alexandre de

Moraes falar claramente: ‘houve sim fake news, houve disparo em massa, sabemos; no ano que vem — que é neste ano — se tiver vamos cassar o registro e prender o candidato’, afirmou Bolsonaro. “Olha, isso é jogar fora das quatro linhas [da Constituição], eu só tenho isso a dizer a vocês. Eu sempre joguei dentro das quatro linhas. Não se pode falar em terrorismo digital. Que terrorismo é esse? É o que ele acha que é? Quem são os checadores de fake news no Brasil? Contratados a troco de quê?”, seguiu o presidente.

O tom de Bolsonaro se repetiu na sexta-feira (14), em agenda no Amapá, quando voltou a dizer, sem provas, que houve fraude na eleição presidencial de 2018.

“Era para ter ganho no primeiro turno, se fossem umas eleições limpas no primeiro”,

afirmou, ao se referir ao pleito que o levou ao Palácio do Planalto.

Bolsonaro foi o mais votado no primeiro turno em 2018, com 46% dos votos válidos. Para prescindir do segundo turno, o candidato precisa receber mais da metade dos votos válidos. A eleição foi decidida no segundo turno, quando Bolsonaro venceu o petista Fernando Haddad.

Pesquisas têm apontado uma ampla vantagem de Lula para a eleição deste ano, que atualmente teria chance de vitória no primeiro turno, com Bolsonaro em um distante segundo lugar.

A retomada da contestação de urnas também ocorreu em entrevista concedida pelo presidente na quinta-feira, mas veiculada apenas na sexta-feira.

Bolsonaro recuperou uma fake news de que pessoas es-

processado por isso, o então deputado era visto com desprezo por generais.

Até que um grupo na reserva atentou a seu potencial eleitoral e viu uma possibilidade de volta ao poder. O serviço ativo aquiesceu, e forneceu quadros para o novo governo.

Ao longo de 2019 e 2020, a relação foi turbulenta, dado que Bolsonaro usava a proximidade de forma instrumental na sua disputa com outros Poderes, notadamente o Judiciário, cuja cúpula é malvista entre os fardados. Por outro lado, os militares obtiveram, além de cargos, reforma de carreira e de Previdência que pediam havia 20 anos.

O sucessor de Villas Boas, Edson Leal Pujol, chocou-se diretamente com Bolsonaro e acabou derrubado, no escopo da crise militar que levou toda a cúpula da Defesa em março passado.

Seu sucessor, Paulo Sérgio Oliveira, veio navegando com mais habilidade, embora tenha tido de ceder ao não punir Eduardo Pazuello quando o general intendente da ativa, ex-ministro da Saúde, foi a ato político com o presidente.

Tanto foi assim que, na sequência dos dois episódios recentes, ele se reuniu com Bolsonaro, que afirmou estar tudo bem na relação com sua antiga casa militar.

Na prática, os militares saíram dos holofotes desde que o presidente baixou o tom de seu embate com Poderes e firmou a aliança com o centrão, depois da crise aguda do 7 de Setembro de 2021. Como as falas recentes de Bolsonaro sugerem, isso é bastante frágil como arcabouço.

Oficiais da ativa se queixam dos movimentos dos generais de terno no governo. As conversas mais recentes giram em torno de Braga Netto, que foi ministro da Casa Civil antes de assumir a Defesa na esteira da crise de março.

Ele se mostrou um dos mais bolsonaristas dos militares no governo e tem seu nome especulado para ocupar a vaga do também general de quatro estrelas da reserva Hamilton Mourão como candidato a vice-presidente na chapa governista.

Há dúvidas se o centrão, que na prática irá governar neste último ano com a cessão de poderes orçamentários à Casa Civil sob o comando do PE, terá apetite para indicar um vice.

O apelo é a bancada que será eleita mesmo que Bolsonaro patine abaixo dos 20% no primeiro turno podem ser suficientes, sem carregar o eventual caixão político do presidente de forma tão explícita.

Neste caso, Braga Netto surge forte, até porque ele é visto como um cumpridor de ordens fiel ao presidente.

O arranjo é apoiado por Luiz Eduardo Ramos (Secretaria-Geral), que segundo aliados quer ocupar a Defesa neste último ano de mandato,

teriam emendo cães e gatos para não passar fome durante restrições na pandemia da Covid em Araraquara, no interior de São Paulo, no ano passado. Ele disse não entender como o prefeito Edinho Silva (PT) foi reeleito e colocou em dúvida o processo eleitoral.

Em rede social neste sábado (15), o ex-presidente Lula disse ainda que o “próximo presidente do Brasil terá que enfrentar o desafio de reconstruir o país, recuperar o crescimento econômico e a inclusão social, dialogando e trabalhando com a sociedade”.

“É que nosso mando precisa de mais cooperação e menos conflito entre os países para enfrentar os desafios globais — pandemia, proteção do meio ambiente, combate à pobreza”, afirmou o petista.



# Transplantes salvam vidas, mas sucesso depende de vários fatores

Cirurgia de alta complexidade exige equipe multidisciplinar, médicos experientes e estrutura hospitalar; pós-transplante também requer atenção

O transplante de um órgão, como um rim, fígado ou coração, ou de tecido, como medula óssea, é muitas vezes o último recurso da medicina diante da gravidade de determinadas doenças. Quando o paciente está entre a vida e a morte, é fundamental recorrer a quem tem expertise no assunto.

Segundo a Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), o Brasil conta com cerca de 400 equipes especializadas cadastradas para realizar transplantes de órgãos e tecidos. A fila de transplantes no Brasil tem atualmente mais de 50 mil pessoas, segundo o Ministério da Saúde. A maior parte dos pacientes aguarda uma cirurgia de cómeas e rim.

“A realização de um transplante é um procedimento de alta complexidade: exige uma equipe multidisciplinar, médicos experientes e muita capacidade e uma estrutura hospitalar com UTI muito boa, enfermagem específica, assistentes sociais... A equipe, da recepção à sala do médico, deve estar alinhada como uma orquestra”, afirma a médica Maria Fernanda Carvalho de Camargo, diretora do setor de Nefrologia e Transplante do Samaritano.

O Samaritano, hospital da rede América, realiza diversos tipos de transplante há mais de 20 anos (veja quadro abaixo), entre eles os transplantes renais e as diversas modalidades do transplante de medula óssea – fundamental para o tratamento de doenças graves, como leucemia e linfoma.

Entre 2008 e 2021, foram 530 transplantes renais adultos e 464 transplantes de medula óssea (adultos e pediátricos). Em 2021, o Hospital Samaritano realizou seu 300º transplante renal pediátrico, uma conquista que reforça o posicionamento da instituição como referência nacional e internacional nesse tipo de procedimento de alta complexidade.

João Vicente, de quatro anos, foi uma das 500 crianças que receberam um transplante de rim no hospital. Em 2017, com apenas 45 dias de vida, ele começou a passar mal e, na emergência pediátrica, foi diagnosticado uma descompensação do organismo causada por uma doença renal pregressa.

“Em Belém não havia estrutura para diagnóstico e tratamento de um bebê tão pequeno. A pediatra que nos atendia sugeriu que fossemos para São Paulo”, contou a mãe, Elyne Melo Quintesima, 39. Os médicos constataram a necessidade de um transplante renal.

Realizar um transplante em um bebê é sempre uma decisão difícil, mas Elyne trouxe informações não apenas sobre a cirurgia, mas, principalmente, sobre o local onde seria realizada e a equipe que atenderia o seu filho. Com base nessas referências, optou pelo transplante

## TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS

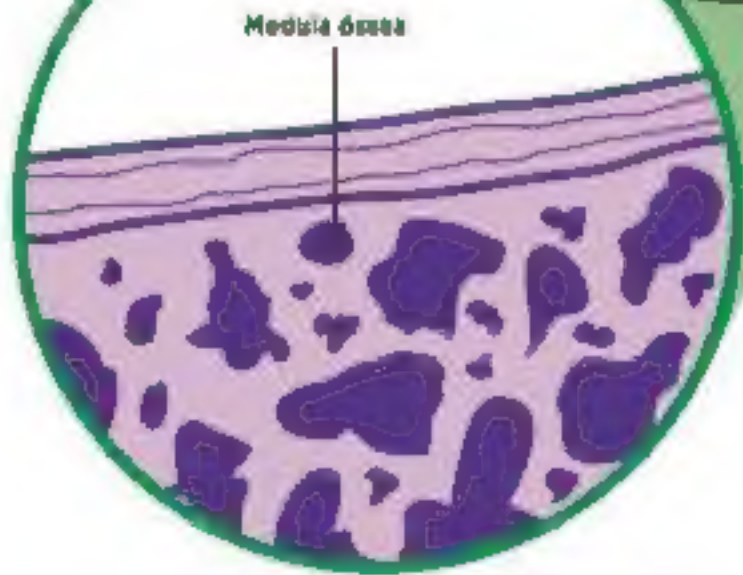
É um procedimento cirúrgico que consiste na reposição de um órgão (coração, fígado, pâncreas, pulmão, rim) ou tecido (medula óssea, ossos, córneas) do receptor por outro órgão ou tecido normal de um doador

O doador vivo pode doar um dos rins, parte do fígado, parte da medula óssea ou parte do pulmão

O doador falecido é um paciente com morte encefálica (interrupção das funções cerebrais)

## REFERÊNCIA EM TRANSPLANTES RENAIS E DE MEDULA ÓSSEA

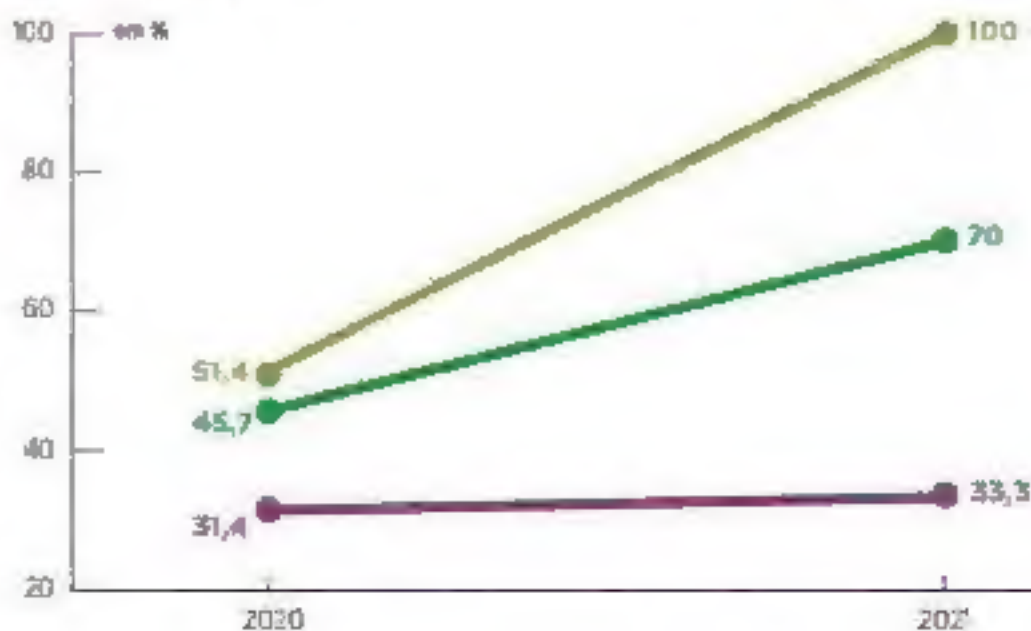
A medula óssea, encontrada no interior das ossas, contém as células-tronco que produzem os componentes do sangue (glóbulos vermelhos, glóbulos brancos e plaquetas)



O transplante de medula óssea (TMO) é utilizado no tratamento de doenças que afetam o sistema imunológico e as células do sangue, como alguns tipos de câncer hematológico (leucemias e linfomas)

## INDICADORES DE QUALIDADE DO TRANSPLANTE RENAL PEDIÁTRICO

- Frequência escolar
- Taxa de matrícula na escola
- Baixa estatura



“100% das crianças em idade escolar, que receberam transplante no Hospital Samaritano, estão matriculadas e frequentando a escola, indicador de qualidade de vida, pois demonstra a reinserção na vida cotidiana”

de no Hospital Samaritano.

Em janeiro de 2019, João Vicente já estava com sete quilos e estava para o fim do transplante. Nesses dois anos, a família se mudou para São Paulo e ele teve que se submeter a sessões diárias de hemodiálise. O transplante aconteceu em outubro de 2021.

Além das dificuldades com a cirurgia, é preciso atenção redobrada com o pós-transplante porque há o risco de rejeição do órgão no tecido – nesse período, o paciente deve ser constantemente avaliado pela equipe multidisciplinar.

“O pós-transplante foi o momento mais difícil. Mas a equipe médica é muito boa, muito bem preparada. E hoje o João está ótimo, andando para todo lado, comendo bem...”, afirma a ex-

perfeita da equipe, a mãe, destaca o cotidiano com que ela e o filho foram tratados. “São profissionais extremamente competentes e que cuidam do paciente e da gente, família, de uma forma muito amorosa, com muito carinho.”

Maria Fernanda, médica responsável pelo setor de Nefrologia e Transplante, acompanhou toda a jornada de João Vicente e conta que o hospital realiza, em média, 38 transplantes renais pediátricos por ano, mais do que o triplo dos demais centros do mundo.

Além do alto número de transplantes renais pediátricos, outro diferencial do Samaritano é a experiência de sua equipe para realizar o procedimento em crianças com menos de 15 quilos.

“É um tipo de transplante muito delicado, que depende de uma habilidade cirúrgica extrema de uma estrutura de hospital robusta. Poucos centros do mundo fazem o procedimento em pacientes com baixo peso”, diz o pediatra nefrologista Paulo Koch Nogueira, responsável técnico de transplante renal pediátrico no Samaritano.

Esperar um bebê com doença renal crônica atingir 15 quilos para passar por um transplante, como muitos hospitais fazem, significa que ele permanecerá vários anos em diálise. “O transplante é o tratamento mais eficaz que pode ser oferecido para as crianças pequenas com doença renal crônica: é uma questão humanitária fazer isso o quanto antes”, diz Nogueira.

Maria Fernanda destaca que o programa clínico de transplante renal pediátrico da instituição foi o primeiro no mundo certificado pela Joint Commission International (JCI), principal certificador internacional que atesta a qualidade e a segurança dos hospitais em todo o mundo. “Esse reconhecimento internacional demonstra a excelência do cuidado prestado.”

Quem passa por um transplante de rim, diz a especialista, sempre será um paciente renal crônico, mas com qualidade de vida. Esse é um ponto central para o hospital, tanto que o Samaritano desenvolveu um indicador que mede a qualidade de vida para as crianças que passam por transplante renal.

“Levantamos dados dos dois últimos anos (2020-2021): o índice de matriculados na escola subiu de 51,4% para 100% no período e a frequência escolar aumentou também, de 45,7% para 70%. Conseguir frequentar a escola normalmente depois de um transplante renal é um indicador de qualidade de vida”, diz a médica.

Elyne, mãe de João Vicente, destaca a importância de as pessoas se conscientizarem sobre a doação de órgãos. “Nada disso teria acontecido sem o ‘sim’ de uma família para a doação.”

## NÚMERO DE TRANSPLANTES REALIZADOS DE 2006 A 2021 NO HOSPITAL SAMARITANO

**504**  
transplantes renais pediátricos

**330**  
transplantes renais adulto

**287**  
Transplantes de medula óssea adulto

**177**  
Transplantes de medula óssea pediátrico

**TRANSPLANTE RENAL PEDIÁTRICO**  
Número de transplantes por equipe/ano

**38**  
no Samaritano

**10 a 12**  
no mundo

**6,3**  
no Brasil

## O HOSPITAL SAMARITANO REALIZA VÁRIOS TIPOS DE TRANSPLANTE

- Transplante cardíaco adulto e pediátrico
- Transplante renal adulto e pediátrico
- Transplante hepático adulto e pediátrico
- Transplante de medula óssea (TMO) adulto e pediátrico
- Transplante de tecidos



poder

# Ex-cadete negro da turma de Mourão tenta anular punição de 46 anos atrás

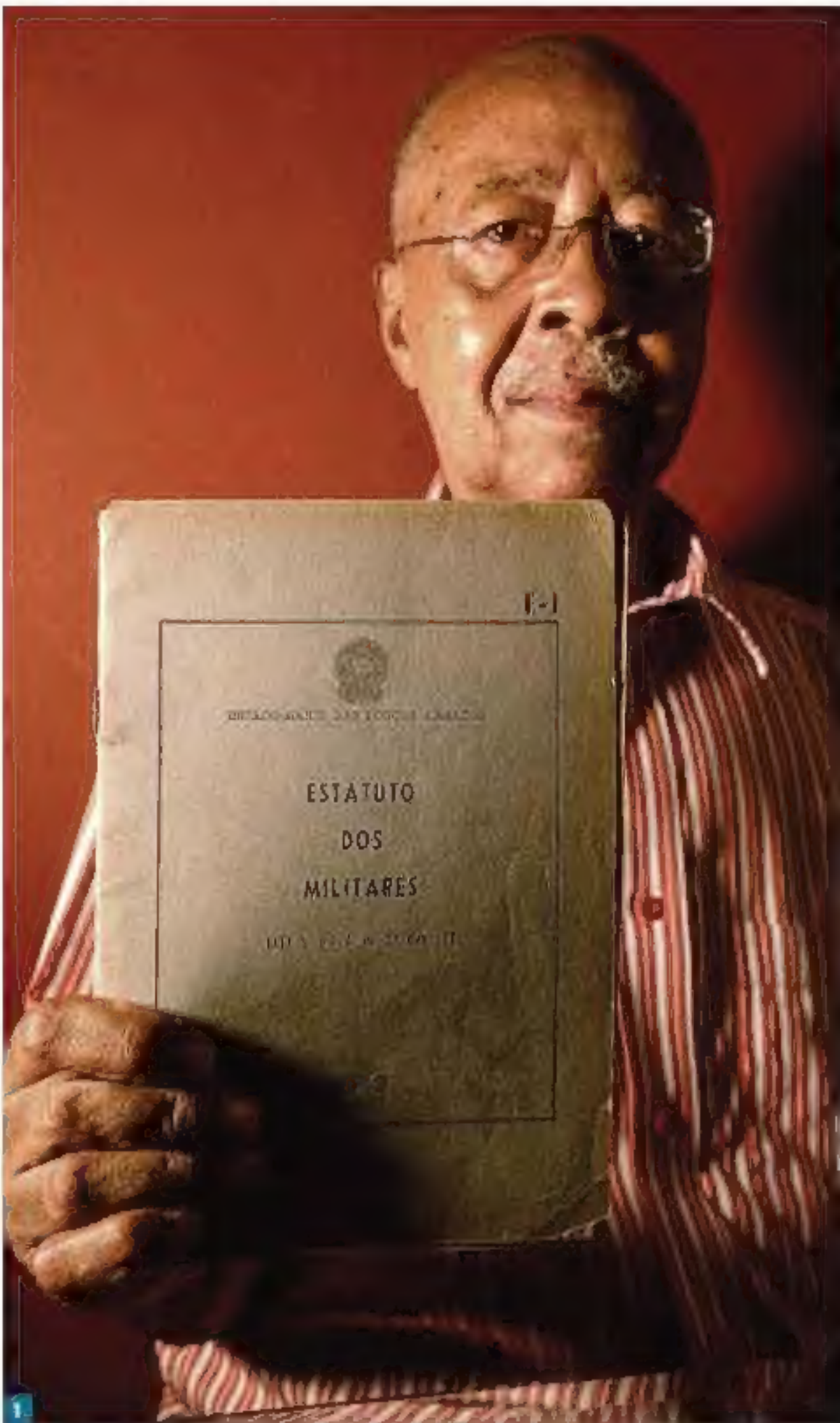
Acusado de 'colar' em provas e de falta de 'aptidão moral' se diz vítima de racismo na ditadura

Vinícius Sassine

BRASÍLIA Mauricio do Nascimento tinha tudo pronto: comprou a espada de oficial, mandou fazer a roupa de formatura, já tinha o uniforme do quartel. O cadete de 23 anos, após quatro anos de estudos na Aman (Academia Militar das Agulhas Negras), em Resende (RJ), estava a 17 dias da cerimônia em que cadetes se tornam aspirantes a oficiais. Um capitão que integrava o time de professores da Infantaria, arma escolhida por Nascimento, mandou chamar o jovem à sua sala. Já não havia mais aulas naquele momento na Aman, a tradicional escola que forma os oficiais do Exército. "O senhor está desligado da academia. O resultado da sindicância vai ser publicado num boletim interno", disse o capitão ao cadete. "Sim, senhor", respondeu Nascimento, que bateu continência, deu meia volta e saiu da sala. Um amigo o levou de volta ao Rio de Janeiro no mesmo dia. Ele ainda voltaria à Aman no dia seguinte para entrega de material. Foi seu último gesto como aluno da instituição. Um boletim interno da Aman de 28 de novembro de 1975 efetivou a exclusão do cadete. Certificados registram uma conclusão formal do curso, mas ele foi impedido de seguir a carreira militar. Nascimento passou a ser, formalmente, aspirante a oficial da Infantaria da reserva. Na formatura da turma de 1975 estava Antonio Hamilton Martins Mourão. Ele chegou a general de Exército, a mais alta patente possível. Há três anos, é vice-presidente da República. Mais de 46 anos depois, Nascimento, 68, tenta reescrever a história. Negro, ele diz "reboiolar" na mente o que ocorreu e afirma ter sido vítima de racismo nas fileiras de formação do Exército. O ex-cadete também aponta perseguição por parte de agentes da ditadura militar que tinham influência na Aman, sendo impossível, segundo ele, dissociar o que ocorreu do espírito autoritário da época. Nascimento quer anular a punição aplicada e ter acesso ao relatório final do processo de sindicância que resultou em sua exclusão. O ex-cadete diz nunca ter tido acesso a esse documento. Para reverter uma punição severa aplicada quase meio século atrás, ele já recorreu aos comandantes da Aman e do Exército e ao ministro da Defesa no governo Jair Bolsonaro (PL) e em governos passados. Mourão teria dito a ele que se dedicaria ao caso, relata. Até agora, tudo foi em vão. O aspirante da reserva, que passou a maior parte da vida como servidor público do Metrô do Rio —ele permanece no RioTrilhões—, começou a partir de 1998 a reunir documentos sobre a própria história na Aman, um hiato de 23 anos. "Eu não me sentia discriminado. Essa percepção surgiu com o tempo. Se eu fosse branco, não teria sido excluído", diz Nascimento à Folha, em sua casa no Rio. "Eu era o 'neguinho abusado'. O preto que não questiona, que aceita o que lhe impõem, é um preto de alma branca. Quando questiona, é um 'neguinho abusado'."

A partir da documentação solicitada à Aman, fornecida de 1998 em diante, o ex-cadete reuniu informações so-

bre o que ocorreu em 1975. Esses elementos, para ele, apontam para uma injustiça e uma necessidade de anulação da punição. Os documentos reunidos mostram: a sindicância durou 24 horas; a Aman apontou falta de "aptidão moral" e não tratou a exclusão como uma punição disciplinar formal; houve diferença de tratamento em relação aos investigados, com punição mais leve para dez cadetes e exclusão de outros três; uma comissão de julgamento se formou no mesmo dia da publicação das penas em boletim interno. Por três vezes, em 1998, 2014 e 2020, a Aman informou a Nascimento que "não consta no arquivo deste estabelecimento de ensino os autos da sindicância". O ex-cadete recebeu cópias de cinco folhas de boletins internos e cópia de uma pasta individual do então estudante. A abertura da sindicância ocorreu em 25 de novembro de 1975, em razão de suspeitas de que cadetes "colaram" em provas. O resultado do procedimento foi publicado no dia seguinte. As punições foram distintas: Nascimento e mais dois foram excluídos do curso de Infantaria, sem especificação clara sobre a infração cometida; nove foram punidos com prisão administrativa de até 30 dias, por "cola"; e um teve a mesma punição por ter mentido sobre a participação de colegas, conforme o boletim interno. Nascimento nega ter participado de qualquer episódio de "cola". Segundo ele, sua exclusão ocorreu por racismo, por ser questionador e por ter sido "classificado" por oficiais do curso de Infantaria como sendo do "grupo MDB", uma alusão dos oficiais ao partido de oposição à ditadura. A classificação dos cadetes era explícita, segundo Nascimento. O "grupo da Arena", o partido de apoio à ditadura, era formado por cadetes que concordavam com os métodos de formação da academia. A Folha ouviu cinco militares da turma de 1975, dos quais três foram punidos na mesma sindicância. Nascimento era chamado pelos colegas de "Gasolina" ou "Gasosa", uma referência a um cantor negro que carregava o apelido "Gasolina" nas décadas de 50 e 60. Os cinco colegas de turma dizem que nunca ficou claro por que Nascimento acabou punido com a exclusão da academia. Dois dizem que a pena foi injusta. Dois afirmam que episódios distintos da "cola" foram incluídos na sindicância. Um dos excluídos, por exemplo, teria sido punido por incapacidade de pular de um trampolim de cinco metros. Outro teria pedido para sair. Nascimento afirma ter havido, semanas antes da abertura da sindicância, interrogatórios informais de cadetes acusados de "cola". Oficiais ligados a atos da ditadura participaram desses interrogatórios e também das oitivas formais, como confirma um dos envolvidos na investigação. "Abriu-se uma sindicância da noite para o dia. Foi ouvido de madrugada. Um oficial me ameaçou, queria me agredir e que eu reagisse contra ele. Ele achou que estava envolvido nesse negócio de 'cola' e dizia: 'Vou dar um soco na sua cara'", diz um ex-cadete, que pede para não ser identificado.



1 Maurício do Nascimento com o estatuto dos militares 2 Carteira de identificação militar do 'cadete Gasolina', aspirante oficial da reserva 3 Maurício na revista Agulhas Negras 1975, da Aman, na ocasião da formatura da turma

“ Eu não me sentia discriminado. Essa percepção surgiu com o tempo. Se eu fosse branco, não teria sido excluído

Maurício do Nascimento aspirante oficial da reserva

“ Abriu-se uma sindicância da noite para o dia. Fui ouvido de madrugada. Um oficial me ameaçou, queria me agredir e que eu reagisse contra ele

ex-cadete não identificado

cumento, em maio, o general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, comandante do Exército, negou pedido para anular a punição. Ele argumentou que o cadete tinha dez dias para recorrer, após a decisão do comando da Aman. Isso só teria ocorrido pela primeira vez em janeiro de 1976, dois meses depois. Vinze anos atrás, o comando do Exército deu a mesma interpretação e entendeu estar prescrito o direito a recurso contra a exclusão. A decisão de duas décadas atrás foi anexada à posição mais recente do comando da Aman, do último dia 30 de novembro, de que "o assunto em tela já se encontra esgotado na esfera administrativa". Nascimento ainda recorre a Exército e Ministério da Defesa. Espera uma intervenção de Mourão, a quem ele diz ter pedido um cargo no governo Bolsonaro. O presidente e capitão reformado é da turma de 1977 da Aman; Nascimento diz que não o conheceu nem na academia nem depois. O ex-cadete entende que as recusas de um cargo que ocorreram até agora, na contramão do que ocorre com milhares de militares no governo, se devem ao que se passou em novembro de 1975. Ele quer ser reformado como capitão, e receber salários retroativos a um período de cinco anos. Se a ofensiva seguir falhando na via administrativa, Nascimento diz que buscará a Justiça. "Esse governo tem um viés autoritário. Os militares têm mais poder nesse governo, e isso acaba refletindo nessas negativas no meu caso. Se a punição for anulada, eu volto para o jogo."

## Mourão diz que não soube o que motivou punição de ex-cadete

Na Aman, o vice-presidente Hamilton Mourão cursou Artilharia. Mauricio do Nascimento foi da Infantaria. Mesmo assim, o ex-cadete que tenta anular a punição aplicada em 1975 afirma ter tido uma relação de proximidade com o vice-presidente. Os dois dividiram um apartamento, com mais quatro cadetes, no primeiro ano do curso, segundo Nascimento. Fizeram dupla no vôlei. E se viam mensalmente nos almoços da "facção carioca", expressão usada para os egressos da turma de 1975 que são do Rio de Janeiro. Nascimento diz ainda que esteve uma vez com Mourão na Vice-Presidência em Brasília, em 19 ou 20 de fevereiro de 2019. Não há na agenda oficial um registro do encontro. A Folha questionou Mourão, por meio da assessoria da Vice-Presidência, sobre o caso do colega de Aman. "O general Mourão, em que pese ser da mesma turma do citado sr. Mauricio do Nascimento, é oriundo de arma diferente. No caso, ele foi de Infantaria e o vice-presidente, de Artilharia. À época nem sequer tomou conhecimento dos fatos que levaram à punição do então cadete Nascimento", afirma a Vice-Presidência, em nota. Segundo Mourão, o assunto "é da esfera do comando do Exército, cabendo à instituição estudos, análise e pronunciamento, se julgar conveniente". "Não existe possibilidade de o general Mourão mediar qualquer colocação em algum cargo de governo para o citado senhor."

Procurados pela reportagem, a Aman e o Ministério da Defesa disseram que respostas às perguntas caberiam ao Exército. A Folha enviou um primeiro email ao Exército, com oito perguntas, em 18 de novembro. Reiterou os questionamentos em 19 e 21 de novembro e em 16 de dezembro. Todos os emails ficaram sem resposta. Três meses antes desse do-

A Folha não localizou os oficiais vivos relacionados à sindicância aberta em 1975. "Eu queria ser militar. Meu sonho era ser paraquedista. Não posso ser tachado de que não tinha aptidão moral", afirma Nascimento. Um documento da Aman de 2 de agosto de 2021, ao negar a revisão da punição aplicada, trata o caso, pela primeira vez, como sendo um processo disciplinar. Isto abre uma brecha para anulação, segundo o ex-cadete, porque uma punição disciplinar pode ser anulada em qualquer tempo e em qualquer circunstância pelo comandante do Exército.





## ONDE TEM SAÚDE, TEM FUNDAÇÃO DO ABC!



A Fundação do ABC foi criada em 1967 pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, com objetivo de implantar uma faculdade de medicina na região do ABC Paulista. Deu certo! Em 1969, surgiu a Faculdade de Medicina do ABC – hoje Centro Universitário FMABC –, uma referência nacional em ensino, pesquisa, extensão e assistência.

Caracterizada como pessoa jurídica de direito privado, qualificada como Organização Social de Saúde e entidade filantrópica de assistência

social, saúde e educação, a Fundação do ABC é declarada Instituição de Utilidade Pública nos âmbitos federal e estadual e na cidade-sede de Santo André. Em 2007 foi reconhecida como Entidade Benemerita pelas Câmaras de Vereadores de São Bernardo e São Caetano e, em 2009, pela Câmara de Santo André.

Ao longo dos anos, a FUABC foi se consolidando cada vez mais como parceira estratégica de municípios e do Governo do Estado de São Paulo para a gestão de equipa-

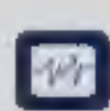
mentos públicos de saúde, primando pela qualidade no atendimento, alta resolutividade e humanização. Com mais de 50 anos de tradição, hoje está presente em unidades de saúde instaladas em Santo André, São Bernardo, São Caetano, Mauá, Diadema, Guarulhos, Itatiba, Itapevi, Sorocaba, São Paulo (Capital) e Mogi das Cruzes, além de Praia Grande, Santos e Guarujá.

A entidade conta com mais de 27 mil funcionários diretos e orçamento anual de R\$ 2,9 bilhões. Responde

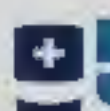
pela gestão de 18 hospitais e 6 Ambulatórios Médicos de Especialidades (AMEs), além do Centro Universitário FMABC e de uma Central de Convênios, que está à frente de dezenas de unidades nas áreas de Atenção Básica, Saúde Mental, Urgência e Emergência, entre outras.

Anualmente, a rede de saúde da Fundação do ABC realiza mais de 5 milhões de consultas e atendimentos, além de 68 mil cirurgias, 83,5 mil internações e 12,6 milhões de exames e procedimentos.

## Em um ano, milhões de pessoas atendidas



**12,6** milhões de  
Procedimentos e Exames



**5** milhões de  
Consultas e atendimentos



**83,5** mil  
Internações



**68** mil  
Cirurgias




**2.9** bilhões  
Receita Anual (R\$)



**27** mil  
funcionários diretos



[www.fuabc.org.br](http://www.fuabc.org.br)

   fuabcoficial



poder



Júlia Freitas

# O mico da fábrica de fertilizantes

Bolsonaro acha que o problema vem dos índios

Elío Gaspari

Journalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encoberta"

O atual governo é amigo da agronegócio, a Petrobras é administrada como uma empresa, o ministro da Economia é um campeão da iniciativa privada e na cidade de Três Lagoas (MS) há um elefante branco, candidato a fóssil. Com nome de vírus, é a UFN3, ou Unidade de Fertilizantes Nitrogenados, projetada pela Petrobras para produzir uréia e amônia suficientes para reduzir o gargalo das importações. Sua história completou 12 anos e retrata a bagunça da administração pública nacional, onde todos têm razão, mas produzem maluquices. As obras da UFN3, em terreno doado à prefeitura, começaram em 2010, a cargo da empreiteira Queiroz Galvão e de um consórcio chinês. A obra chegou a ter 7.000 trabalhadores, mas os seus responsáveis começaram a calotejar fornecedores e operários, provocando greves e até mesmo desordens. Em 2014 a Petrobras rescindiu o contrato com os empreiteiros e

a obra parou, com 83% do serviço já concluído. Àquela altura, a UFN3 já havia consumido cerca de R\$ 3 bilhões. Passaram-se três anos e em 2017 a Petrobras anunciou que venderia a fábrica. Falta combinar com o Supremo Tribunal Federal e no ano seguinte o ministro Ricardo Lewandowski bloqueou o feirão das privatizações da petroleira. Em 2019 esse bloqueio foi levantado e começou a caça a um comprador, com uma novidade: a Petrobras anunciou que sairia do mercado de fertilizantes. Quem quiser conhecer esse assunto saberá que todas as partes tomaram as decisões certas e que todos tiveram suas razões, mas a fábrica continuará lá, 84% concluída e inoperante. Apenas por curiosidade, o general Silva e Luna poderia mandar uma equipe de arqueólogos para pesquisar o caso da UFN3 para responder a algumas perguntas óbvias. Por que não aparece com-

prador? O preço está alto? Como ensinou o Cande Francisco Matarazzo, preço de mercado é o que o freguês quer pagar. Quando a Petrobras resolveu sair do mercado de fertilizantes e vender a UFN3 usou a linda palavra "desinvestimento" para justificar sua política. No entanto, desinvestir é uma coisa, fabricar micos é outra. Com sua paixão por afirmações apocalípticas e pela transferência de responsabilidades, o presidente Bolsonaro disse em novembro que "o governo está se virando atrás de fertilizantes" para evitar uma crise de abastecimento e emendou: "O que é pior disso tudo, né? Não temos aqui potencial para isso tudo, mas o potássio que está lá na foz do rio Amazonas, aquela grande área está demarcada como terra indígena." Os índios da foz do Amazonas têm pouca a ver com isso. O mico da UFN3 está a 684 quilômetros de Brasília.

**O BlackRock se fechou** O gestor do fundo de investimentos BlackRock para a América Latina avisou que não botará dinheiro no Brasil enquanto Bolsonaro estiver no Planalto. Com uma carteira de US\$ 9,5 trilhões, é o maior do mundo, opera em cem países com o olho em negócios de longo prazo. O doutor Paulo Guedes talvez saiba que a coisa é pior. Em outubro passado o BlackRock cogitava sair do Brasil, com uma terrível sinalização para o tal de mercado. Quem quiser achar que isso é uma gripezinha, que ache. **Amil à venda** Dez anos depois de ter entrado no setor de saúde brasileiro comprando a Amil, a gigante americana UnitedHealth pagou R\$ 3 bilhões para se desfazer de sua carteira de clientes individuais e está negociando o restante da sua operação em Pindorama. Ela tem 5,7 milhões de clientes e

19,5 mil colaboradores. E ainda tem gente achando que empresas estrangeiras fazem fila para operar no Brasil. **O bicentenário de Poyais** As flutuações do humor dos investidores internacionais serão um fator relevante na campanha eleitoral deste ano. Até que ponto o BlackRock não confia mais em Bolsonaro? Até que ponto desconfia de Lula? Só eles sabem, mas neste ano do bicentenário da Independência do Brasil, não custa lembrar que se comemora também o nascimento de Poyais. Era uma nação paradisíaca localizada na América Central, onde está hoje a república de Honduras. Bolsonaro não se fez representar na posse de sua presidente. Em 1822 um escocês chamado Gregor MacGregor lançou na praça de Londres papéis desse país. Em dinheiro de hoje, com sucessivos lançamentos, recolheu o equivalente a US\$ 5 bilhões. Entre setembro de 1822 e janeiro de 1823 ele embarcou cerca de 250 imigrantes que receberiam lotes de terra ou trabalhariam numa cidade que tinha até teatro de ópera. Um deles seria o supateiro da princesa local. Os novos habitantes de Poyais encantaram-se com a paisagem quando viram o oeste. Ao desembarcar, em setembro, verificaram que Poyais não existia. Era tudo mal e muitas mosquitos. O supateiro da princesa matou-se. Alguns colonos regressaram a Londres e contaram o que lhes aconteceu. Mesmo assim, MacGregor fez um novo lançamento de papéis e teve compradores. O malandruço cometeu a imprudência de lançar papéis em Paris e acabou na cadeia. Julgado, foi absolvido e voltou a operar sem sucesso. Em 1828 estava na penúria e morreu sete anos depois. **Simone Tebet** Está em curso uma costura para fortalecer a candidatura da senadora Simone Tebet, que se lançou pelo MDB. Com 20 anos de vida públi-

ca, ela depende da indicação do seu partido e hoje falta-lhe o apoio de alguns caciques que já estão no navio de Lula. A singularidade da costura está no seu alcance, pois ela se estende a um pedaço do tucanato, insatisfeito com a opção de João Doria. Tebet tem a seu favor o desempenho estelar que teve na CPI da Covid. **Joaquim Barbosa** Noutro pista, costura se a possibilidade de uma candidatura do ex-ministro Joaquim Barbosa. Morreu na nascedoura a possibilidade de ele apoiar o nome de Sergio Moro. Se Barbosa vier a entrar na corrida, é possível que Moro prefira concorrer a uma cadeira de senador. **Covid na China** Quem entende de China e conversou com o chinês que entende de Covid ouviu que os rigorosos controles de isolamento não serão atenuados antes de junho. **Covid nos EUA** Está pesando a barra para os americanos que decidiram não se vacinar. Há profissionais de saúde defendendo a ideia de que eles sejam tratados em hospitais exclusivos, eventualmente, por profissionais que também são contra as vacinas. **Delfim e Paulo Guedes** Em 1969 o professor Delfim Netto era um desconhecido na elite do Rio e assumiu a Ministério da Fazenda. Aos 39 anos, garço e com o sotaque dos italianos do Camêni, fantasiava-se de viúvo com ternos pretos e camisas brancas. Dormia pouco e operava o dia inteiro. Nunca incorporou uma única repartição, mas colocava gente sua onde podia. Três anos depois, tornou-se o ministro da Fazenda mais poderoso da República. Há três anos, Paulo Guedes aceitou a ridícula nobiliarquia de "Pasto Ipiranga" e assumiu anexando quatro ministérios. Três anos depois, deu no que deu.

# Ministro diz estar com Covid 3 dias após evento com Bolsonaro

Renato Machado

BRASÍLIA O ministro do Turismo, Gilson Machado Neto, escreveu em suas redes sociais neste sábado (15) que recebeu resultado positivo em exame realizado para detectar a Covid-19. O titular da pasta teve agenda com o presidente Jair Bolsonaro na quarta-feira (12), no Palácio do Planalto. A Presidência da República foi procurada, mas ainda não informou se Bolsonaro está cliente da infecção do ministro, se vai realizar exame para detectar a doença ou se sentiu sintomas recentemente. Gilson Machado escreveu em suas redes sociais que está sem sintomas e que vai seguir o protocolo de recuperação do Ministério da Saúde. "Testei positivo para Covid. Estou assintomático. Seguirei o protocolo de recuperação do Ministério da Saúde e do meu médico", escreveu o ministro, que vai cumprir o protocolo no Recife. O último contato de Gilson Machado com Bolsonaro foi na quarta. A audiência entre os dois está registrada na agenda desse dia do presidente, das 16h às 16h30. Na sequência, o ministro também participou de uma cerimônia no Planalto do lançamento de linhas de crédito para aquicultura e pesca. O ministro não estava no palco principal, ao lado do chefe do Executivo.



O ministro do Turismo, Gilson Machado (à dir.), sem máscara, durante evento no Planalto na quarta (12) Alan Santos/12 por 2022/PB

No entanto, estava na primeira fileira dos convidados, sem máscara, ao lado dos também ministros Carlos França (Relações Exteriores) e Joaquim Leite (Ministério do Meio Ambiente), como confirmam imagens da cerimônia. Nos últimos dias, o ministro vinha defendendo um abrandamento das regras de controle da pandemia, em particular após os casos de infecção em cruzeiros marítimos e a suspensão de novas operações nos portos brasileiros.

Gilson Machado argumentou na ocasião que a variante ômicron não provoca tanto impacto e que por isso seria possível adotar protocolos mais brandos. "É preciso adequar [a portaria] com a ômicron, porque ela não está gerando pressão nos hospitais. Mas a palavra é do ministro da Saúde. Eu torço para que haja esse entendimento", disse ele à Folha na segunda-feira (13). O ministro também já havia provocado polêmica ao desistir de visitar o Museu Cais do

Sertão, durante viagem oficial ao Recife, após ser informado de que ele e sua comitiva precisariam apresentar o comprovante de vacinação. Na ocasião, Machado justificou que foi vacinado e que tinha o cartão de vacinação, mas que outros membros da delegação não estavam com o documento. Também nesta semana, na quarta-feira, o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos divulgou que a ministra Damares Alves foi infectada pela Covid. O resultado

havia saído dois dias antes, informou a pasta, em redes sociais. Damares está de férias desde o dia 23 de dezembro. Desde o início da pandemia, vários outros ministros também foram infectados pelo novo coronavírus. Além do próprio Jair Bolsonaro, já foram infectados Marcelo Queiroga (Saúde), Tereza Cristiana (Agricultura), Fábio Faria (Comunicações), Walter Braga Netto (Defesa), Tarcísio Gomes de Freitas (Infraestrutura), entre outros.

- Veja outros políticos que contraíram Covid em 2022

Governadores

  - Carlos Moisés (SC)
  - Cláudio Castro (RJ)
  - Eduardo Leite (RS)
  - Flávio Dino (MA)
  - Heider Barbalho (PA)
  - Ratinho Júnior (PR)

Prefeitos

  - Gustavo Henrique Costa (Guarulhos)
  - João Campos (Recife)
  - Marquinhos Trad (Campo Grande)
  - Rogério Cruz (Goiânia)

Ministros

  - Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos)
  - Gilson Machado (Turismo)

Deputados

  - Jangira Feghali (PCdoB-RJ)
  - Marcelo Freixo (PSB-RJ)
  - Tabata Amaral (PSB-SP)

Senadores

  - Fabiano Contarato (PT-ES)
  - Luís Carlos Heinze (PP-RS)

Outros

  - ACM Neto (ex-prefeito de Salvador)
  - Sergio Moro (ex-ministro)
  - Roberto Campos Neto (presidente do Banco Central)





André Ventura, do partido Chega, discursa no Parlamento português, em Lisboa, ao centro, abaixo, o premiê António Costa

# Com socialistas à frente, extrema direita ganha força para Parlamento português

Crescimento em pesquisas gera debate sobre participação da sigla Chega em eventual coalizão

Juliana Miranda

LISBOA. Embalados pelo desgaste do governo do premiê socialista António Costa e por um bom resultado em eleições municipais recentes, os partidos de direita em Portugal, puxados pelo tradicional PSD, já concentram mais de 40% das intenções de voto para o próximo pleito legislativo, em 30 de janeiro. Embora o Partido Socialista siga na liderança das pesquisas, a deterioração da relação da legenda com as demais siglas de esquerda — que inviabilizaram a aprovação do último Orçamento e levaram à convocação das eleições antecipadas — pode provocar a transição do país para um governo liderado pela direita. No sistema político luso, quando não há maioria no Parlamento, os partidos costumam acordos para formar uma coalizão e conseguir governar. Assim, no cenário de uma eventual “geringonça à direita” alusão ao apelido da coalizão que levou a esquerda ao poder em 2015 —, a possibilidade de participação de um partido da direita radical no arranjo governista é um dos principais pontos de debate hoje. Pesquisas indicam que o partido Chega, que estreou no Parlamento em 2019 e tem apenas um deputado, deve conquistar mais assentos no pleito e acumular capital político para participar de negociações. O partido e seu líder, André Ventura, terceiro lugar nas últimas eleições presidenciais

É problemático que um partido como o Chega, com problemas nos tribunais devido a afirmações racistas de seu líder e que diz querer um regime diferente no país, seja tão facilmente integrável pela direita

Marina Costa Lobo  
cientista política do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

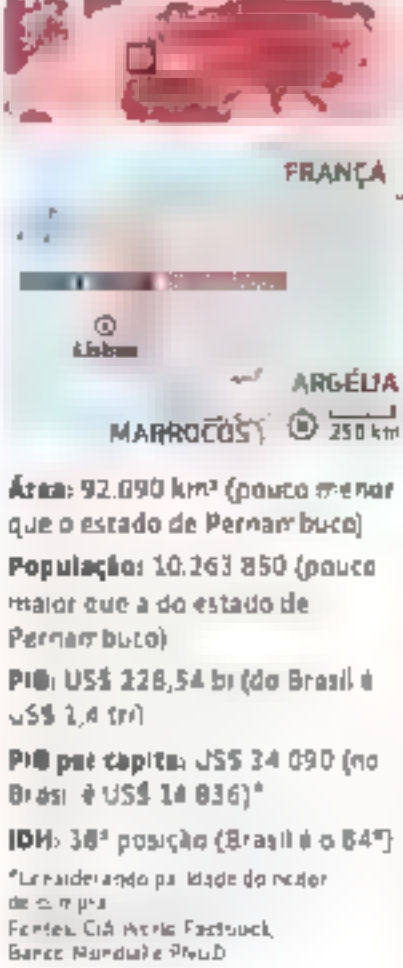
A oposição de direita está hoje mais fragmentada, o que é uma novidade em Portugal. As eleições vão consagrar esse fracionamento

António Costa Pinto  
cientista político e professor da Universidade de Lisboa

ais — colecionam propostas polémicas, como castração química de pedófilos, volta da pena de morte e obrigatoriedade de trabalho social para beneficiários do Rendimento Social de Inserção, espécie de Bolsa Família portuguesa. O Chega também já teve integrantes ligados a organizações neonazistas e é frequentemente acusado de discurso discriminatório contra comunidades ciganas. Em dezembro, o Supremo Tribunal de Justiça do país confirmou a condenação de Ventura por “ofensas ao direito à honra” por ter chamado de bandidos, durante um debate na TV, os integrantes de uma família negra e moradora de um conjunto habitacional. Sem esconder a intenção de integrar um eventual governo de direita, Ventura já fala em exigir ministérios cujos seus partidos alcancem uma votação expressiva. Apesar da pressão, Rui Rio, líder do maior partido de oposição, o PSD (Partido Social-Democrata, de centro-direita), nega a possibilidade de se juntar à direita radical para virar premiê. “Não quero o poder a qualquer preço” disse ele em debate na semana passada. O socia-democrata afirmou que há “diferenças de fundo que impedem um acordo” e citou pontos que classificou de graves no programa do Chega. A cientista política Marina Costa Lobo do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, destaca, porém, que as declarações descartam a entrada do Chega em um eventual governo, mas não excluem a chance de aceitar apoio parlamentar da legenda. É problemático que um partido como o Chega, com problemas nos tribunais devido a afirmações racistas de seu líder e que diz querer um regime diferente no país, seja tão facilmente integrável pela direita” afirma Lobo. “Se em Portugal, houvesse um governo apoiado pelo Chega, tão pouco tempo depois de esse partido ter sido criado, seria das normalizações mais rápidas em nível europeu.” O PSD já contou com o apoio do Chega para assumir o governo da região autónoma dos Açores. No final de 2020, social-democratas interromperam mais de duas décadas de liderança socialista no arquipélago graças a uma manobra com a ajuda da legenda de direita radical. Embora a política regional tenha muitas diferenças em relação ao panorama nacional, o arranjo é frequentemente citado nesta campanha eleitoral. Professor da Universidade de Lisboa, o cientista político António Costa Pinto chama a atenção para o momento de recomposição dos partidos mais à direita em Portugal. Pesquisas mostram que a acentuação do CDS-PP, partido conservador tradicional que hoje surge com 2% da preferência dos portugueses. Além do Chega, outra legenda de direita deve sair fortalecida da eleição: a Iniciativa Liberal, que defende a agenda liberal clássica de diminuição da participação do Estado e que atualmente

tem apenas um deputado. “A oposição de direita está hoje mais fragmentada, o que é uma novidade em Portugal. As eleições vão consagrar esse fracionamento” diz Pinto. “Na oposição aos socialistas, os dois partidos tradicionais [CDS-PP e PSD] coligavam-se sempre que tinham chance de chegar ao poder. Portanto, era fácil encontrar uma alternativa de governo à direita. Agora, com essa fragmentação, há incerteza também na direita.” André Azevedo Alves, professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, também considera a reorganização do voto à direita um dos pontos centrais na eleição, já que não são apenas os levantamentos pré-eleitorais a indicar essa tendência, mas também os resultados das últimas eleições municipais, com o crescimento do Chega, principalmente, e da Iniciativa Liberal. A posição moderada do maior partido da oposição, no entanto, faz com que os analistas não descartem um arranjo entre o Partido Socialista e o PSD. Rui Rio, o líder social-democrata, apresenta-se ao centro do espectro político e evita grandes polarizações com o centro-esquerda. Com ele à frente do PSD, o partido votou junto com a sigla governista em quase dois terços das propostas do Executivo na última legislatura. “Se o Partido Socialista continuar a ser o mais votado, ele vai tentar evidentemente renegociar apoios à esquerda. Se isso não acontecer, pode tentar negociar um outro tipo de acordo parlamentar” diz Pinto, da Universidade de Lisboa. “Mas é preciso ter cuidado: não é uma coligação com o PSD, mas um acordo” Assim, para ele, a solução mais provável, caso as pesquisas de intenção de voto mais recentes se confirmem, é que o PSD se abstenha no Parlamento, deixando passar um novo governo socialista.

## Raio-X de Portugal



34% das intenções vão para o Partido Socialista (esquerda)

38% optam pelo Partido Social-Democrata (centro-direita)

6% é a fatia do Chega (ultradireita), mesmo percentual do Bloco de Esquerda

Fonte: Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica de Lisboa





Líder do ActionSA, Herman Mashaba (centro) e militantes do partido em campanha em Joanesburgo

Foto: Magalen - 32.06.21/APP

# Novo partido explora discurso anti-imigração na África do Sul

Criada em 2020, ActionSA, de direita, louva capitalismo e ataca sindicatos

Fábio Zanini

SÃO PAULO O sul-africano Herman Mashaba, 62, define-se como um "cruzado ou paladino" alguém que não tem problemas em professar sua paixão por esse modelo econômico. "Eu amo o capitalismo, sou um capitalista declarado e sem restrições. É ele que vai nos salvar", diz. O discurso parece de um curso de coaching, mas é na verdade uma plataforma de governo. Mashaba, empresário do setor de cosméticos, tornou-se uma das principais novidades da política da África do Sul.

Ex-prefeito de Joanesburgo, a maior cidade do país, criou em 2020 o ActionSA, partido cujas prioridades dialogam com o recente movimento global de expansão da direita radical, embora ele rejeite o rótulo.

Além de defensor implacável do capitalismo, a legenda combate o poder dos sindicatos, denuncia o atraso de políticas socialistas e defende o endurecimento de medidas contra o crime. Há décadas um dos maiores problemas do país. De forma mais controversa, pede linha dura contra imigrantes que chegam de modo ilegal à África do Sul vindos de vizinhos bem mais pobres, como Moçambique, Maláui ou Zâmbia.

"A única coisa que as políticas socialistas fizeram pela África foi suquear o continente e enganar a sociedade", diz Mashaba à Folha. No contexto africano, a declaração é quase uma ousadia. Na formação dos países do continente, a partir dos anos 1950, a ideologia predominante dos novos grupos no poder era o socialismo. Se havia diferenças, era sobre alinhar-se mais à extinta União Soviética ou à China.

Mesmo após o fim da Guerra Fria, as legendas dominantes seguiram se confundindo com o Estado e implementando políticas intervencionistas na economia. Na África do Sul, o Congresso Nacional Africano (CNA), que liderou a luta contra o apartheid e está no poder desde 1994, tem claramente inspiração de esquerda. Entre seus apoiadores es-

tava o Partido Comunista e a maior central sindical do país. Ajudar a destronar o CNA na eleição prevista para 2024 é o que move o ex-prefeito, que administrou Joanesburgo entre 2016 e 2019.

Na época, era filiado à Aliança Democrática, legenda de centro que abandonou por achar tímida na defesa de reformas capitalistas. "O CNA é uma organização criminoso, não um partido político", afirma Mashaba. Ele se refere às inúmeras denúncias de corrupção envolvendo líderes da sigla, como o ex-presidente Jacob Zuma (2009-18) preso por desacato à Justiça.

O ActionSA teve seu primeiro teste nas urnas nas eleições municipais de novembro do ano passado. Estratégicamente, deu apoio central estreito apenas em um punhado de grandes cidades e eleições vereador. O resultado foi, considerado surpreendente para uma legenda estreante.

Mais importante, a sigla se juntou a outros partidos de oposição para impedir que o CNA formasse o governo em Joanesburgo e na capital, Pretória. A ideia é repetir a estratégia em nível nacional. "O CNA não será governado após 2024. Se não vencermos sozinho, ficaremos felizes em formar coalizões", diz Mashaba.

Mashaba se define como

um "político acidental", que entrou nesta arena por ter se cansado de ser um "crítico de poltrona". Começou a carreira de empresário nos anos 1980 e diz ter sofrido os efeitos do apartheid como qualquer cidadão negro. Mesmo assim, afirma, prosperou à base de esforço pessoal.

Em 1994, votou no ícone Nelson Mandela, do CNA, para presidente, uma eleição que marcou o fim do regime segregacionista branco no país. Mas decepcionou-se posteriormente com a corrupção e as políticas que, segundo ele, servem apenas para favorecer quadros do partido.

Uma delas é um dos pilares da África do Sul pós-apartheid, o BEE, sigla em inglês para Empowerment of Black People. Trata-se de um ambicioso programa para distribuir riquezas a camadas historicamente desfavorecidas no país. Por meio da iniciativa, cargos de direção em empresas, licitações, contratos públicos e posições na máquina do Estado são destinados prioritariamente a cidadãos negros.

Embora tenha contribuído para criar uma classe média negra, o BEE também gerou acusações de favorecimento a quadros políticos e clientelismo. Se um dia chegar ao poder, o ex-prefeito promete como uma de suas primeiras medidas, acabar com o programa. "Quando o programa foi criado, acreditamos que era necessário, porque as pessoas tinham sido impedidas de ter oportunidades. Infelizmente, as ações provaram que eram baseadas em corrupção, não tinham nada a ver com fortalecer os sul-africanos", diz.

O caminho para corrigir injustiças do passado, afirma, é investimento em educação e infraestrutura para gerar empregos. "Precisamos estimular o setor privado, o que levará as pessoas a encontrarem trabalho".

O desemprego na África do Sul é um problema crônico, atingindo 33% da força de trabalho no ano passado, segundo o FMI. Para que esse número baixe, diz Mashaba, é preciso reduzir drasticamente o poder dos sindicatos

no país, cuja militância desencorajava investimentos.

Mas é no capítulo sobre lei e ordem que o ActionSA atrai o maior número de críticas. O manifesto da sigla, embora não ofereça detalhes, promete medidas para que se am "criminosos, não os cidadãos seguidores da lei que vivem em medo". Manter a ordem, diz o ex-prefeito, inclui lidar com a imigração.

A África do Sul sofre ondas periódicas de xenofobia nas grandes cidades, em que trabalhadores de países vizinhos acabam sendo alvos de ataques, e o discurso da legenda joga mais combustível nesse cenário. "A África do Sul não pode se dar ao luxo de trazer mais emigrantes para cá", diz ele, que recusa a pecha de xenofóbico. Estrangeiros que venham ao país fazem turismo ou trazem investimentos são bem-vindos, diz.

A África do Sul foi construída por migrantes, e temos de continuar aceitando que venham, desde que respeitando nossas leis. Não podemos ser um país de anarquia, ou deixar que Estados fracassados terceirizem seus problemas para nós. Já temos problemas suficientes", afirma.

Admirador do ex-presidente americano Donald Trump, ele rejeita, no entanto, a construção de muros nas fronteiras. "Um muro não vai resolver nossos problemas. Precisamos fazer cumprir a lei".

Embora já tenha vindo de várias vezes ao Brasil, inclusive desfilando no Carnaval na Marquês de Sapucaí, Mashaba diz não ter muita familiaridade com a política do país e se esquivou de fazer comentários a respeito do presidente Jair Bolsonaro (PL). Ele afirma que seus modelos internacionais de desenvolvimento são Ruanda e Cingapura, dois países conhecidos por aplicar uma forma autoritária de desenvolvimento capitalista. "Paul Kagame [presidente de Ruanda] é meu herói", afirma.

Os próximos anos, diz o ex-prefeito, serão de mobilização intensa e organização do partido em todo o país. F sem a intenção de moderar o discurso. "Antes, todo mundo tinha muito medo de tratar de alguns assuntos."

# Geógrafo brasileiro ajuda a localizar ossadas da guerra civil de Angola

Patrícia Pamplona

FLORIANÓPOLIS Uma cooperação brasileira com Angola se tornou a ferramenta mais recente para ajudar a solucionar uma demanda antiga de familiares de vítimas da guerra civil do país africano. A aplicação desenvolvida em Mato Grosso do Sul de uma tecnologia canadense já foi usada para mapear nove possíveis locais com ossadas do período.

A descoberta começou na aula do geógrafo Ary Rezende Filho, professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) na cadeira de pedologia, ciência que estuda o solo. No curso, ele sempre faz uma saída de campo para mostrar o uso de um aparelho, o EM 38 MK, que identifica modificações no solo, e leva a metodologia aos alunos.

Um deles, na turma de 2016, era o perito da Polícia Civil Cícero dos Santos. À época, a corporação buscava corpos das 15 vítimas de um serial killer chamado Nank. Os relatos do criminoso não vinham sendo suficientes, e Cícero levantou a hipótese de que a máquina mostrada no curso de geografia poderia identificar alterações no solo que levassem a um cadáver.

A ideia deu certo, virou tema do trabalho de conclusão de curso e ganhou espaço na mídia. Anos depois, as notícias despertaram a atenção do angolano Hamilton Bonga, integrante da Comissão de Reconciliação em Memória das Vítimas dos Conflitos Políticos (Civictop), que buscava soluções para localizar ossadas de mortos na guerra civil.

Como se dava em Mato Grosso do Sul, escavações de sua equipe em locais indicados por relatos vinham acabando frustradas. Ele achou que a estratégia de Santos e Rezende poderia ajudar e, em novembro, levou o professor brasileiro para Angola.

O geógrafo ficou 30 dias mapeando terrenos indicados como possíveis locais de ossa-

das. Assim, chegou-se a nove prováveis valas. Ainda não é possível saber se nelas há de fato corpos das vítimas, porque o aparelho não funciona como um raio-x, que mostra o que está sob a terra. É preciso que um especialista analise o que o maquinário aponta.

Em trechos não há moçoico no solo, segundo Rezende, devesse estudado para determinar se a transformação se deu por intervenção humana ou a uma mudança natural — então se faz ou não a escavação.

Nos nove potenciais locais de valas da guerra civil identificados por Rezende, ao menos uma ossada já foi confirmada.

A busca resulta de uma promessa feita em 2021 pelo presidente João Lourenço na véspera do 27 de Maio. A data é marcante porque, em 1977, uma tentativa de golpe liderada por Nito Alves — que até dias antes integrava o partido no poder, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) — terminou num massacre que se estendeu por meses.

O 27 de Maio é recheado de um conjunto de antecedentes políticos, militares e, em certo ponto, de natureza social e econômica", explica Gilson Lázaro, professor associado de ciências sociais da Universidade Agostinho Neto, em Angola.

Ele cita diferenças raciais e lutas políticas que contribuíram para a insatisfação popular, fazendo servir o caldo de um conflito entre movimentos anticoloniais no qual o país estava mergulhado desde antes da independência, em 1975.

O MPLA disputava com o com o União Nacional para a Independência Total de Angola (União Nacional de Libertação de Angola (FNLA). Um acordo de independência entre os três culminaria em eleições, implodiu em guerra, com o MPLA dominando a capital.

O conflito continuou até a dissolução da União Soviética, quando o partido no poder abandonou a doutrina marxista-leninista e entrou em cena uma democracia multipartidária.

Em 1992, os três disputaram as primeiras eleições desde a independência, mas a União retomou a guerra após o resultado ser favorável ao MPLA. "A partir de 1994 [com o fim do apartheid na África do Sul] fatores externos não pesavam mais", diz Fabrício da Silva, professor de ciência política na Unirio. "O conflito se dava por questões internas, a disputa por petróleo e recursos".

O fim dos confrontos só se selou em 2002, quando o assassinato do líder da União Jonas Savimbi levaria a um acordo de paz. O MPLA continua à frente de Angola até hoje. Estimativas apontam o saldo de 500 mil soldados e civis mortos em três décadas, e reconhecimento do governo por seus erros, por sua vez, ainda demora quase 20 anos.

Segundo Lázaro, o tempo fez crescer a pressão social de gente que viu os pais mortos no conflito, para que se apurasse a verdade e se entregassem as ossadas. Assim, em 26 de maio de 2021, Lourenço pediu desculpas em nome do governo e prometeu: "Esse pedido não se resume a simples palavras, ele reflete nosso sincero arrependimento e a vontade de pôr fim à angústia que as famílias carregam consigo".

O professor pondera que o presidente quer angariar capital político, "ao se escrever como aquele que pede desculpas, na medida em que esse partido e esse governo têm responsabilidade [no conflito]". Para Bonga, ele próprio familiar de uma vítima da guerra, seu trabalho fala mais alto. "Todos os países têm um lado obscuro na história, e poucos têm coragem de limpar esse lado. Felizmente nós tivemos."



O professor de geografia da UFMS Ary Rezende Filho

Arquivo pessoal

## Raio-X de Angola



\*Letra derivada narrada do código de área A Freelec da World Factbook, Bar a Map da Better



# Brasileiro se passou por americano por 25 anos

Com identidade de criança morta, comissário de bordo frequentava eventos do mundo da aviação e foi preso em 2021

Thiago Amâncio

SÃO PAULO "Nome completo?" "Eric Ladd", responde Ricardo. "É muito comum a gente dar nome de guerra nos Estados Unidos, isso em todas as companhias aéreas. Eles pedem para a gente não divulgar muito o nome completo por questões de segurança, mas por Eric Ladd todo mundo me conhece." "Local de nascimento?" "Atlanta, Georgia", diz o homem naturo de São Paulo, segundo o governo americano. Foi assim que se apresentou, em uma transmissão ao vivo de agosto de 2020, no canal de YouTube PandAviation, o sujeito que o Departamento de Estado americano afirma que é Ricardo César Guedes. Convidado a falar sobre sua história de quase 25 anos como comissário de bordo da United Airlines, uma das maiores companhias aéreas do mundo, Ricardo (ou Eric) conta que nasceu nos EUA, mas, filho de mãe brasileira — aqui se confunde e diz que "meio que nasceu" —, foi criado em São Paulo. Arremata afirmando que se considera paulistano e que voltou aos EUA aos 22 para trabalhar com aviação. Hoje ele está preso. Segundo o governo americano, por roubar a identidade de William Ericson Ladd, este sim nascido em Atlanta, na Geórgia, em 1974 — e morto em um acidente de carro antes de completar cinco anos de idade. O brasileiro Ricardo César Guedes obteve passaporte dos EUA, fez carreira na aviação, casou-se e comprou uma série de bens fingindo ser americano durante os mais de 25 anos que assumiu a identidade da criança morta em 1979, segundo a acusação. Conhecido como "semer", chegou a participar de voos humanitários em meio à retirada das tropas ocidentais do Afeganistão, em agosto do ano passado. Foi da Apple, transportava iPhones para vender no Brasil e apareceu em vários veículos jornalísticos em 2021, inclusive nesta Folha, sempre com o nome de Eric Ladd, como a primeira pessoa a comprar uma nova versão do iPad em Nova York após 30 horas de fila. Ativo na comunidade da aviação brasileira, participava de eventos e palestras, lembra Lito Sousa, ex-mecânico de avi



Ricardo Guedes, que usou por mais de 25 anos identidade de criança americana morta em 1979, segundo os EUA

Foto: G. / Imagoeconomica

ões e hoje um dos influenciadores mais famosos da área. "Ele me escreveu em 2018 dizendo que viria a um evento ao Brasil e queria me conhecer. Trouxe bombons com formato de avião que ele mesmo havia feito. Depois nos encontramos em um voo, ele me tratou superbem. E aí o convidamos para jantar aqui em casa. Uma pessoa agradável, boa de conversar", conta. Na semana passada, Sousa recebeu da esposa uma sugestão de tema para seu canal no YouTube: a história de um comissário de bordo brasileiro que fingiu ser americano por mais de duas décadas, contada pela primeira vez pelo jornal Houston Chronicle, da cidade do Texas onde o suposto Eric Ladd vivia. "Estranhei e reconheci o sobrenome. Mandeí uma mensagem para ele, ele não recebeu. Fui ver o Instagram, tinha sido apagado. A gente ficou incrédulo. Ninguém nunca desconfiou de nada." Não se sabe exatamente como Guedes conseguiu a identidade da criança morta, mas,

segundo o governo americano, ele entrou duas vezes no país com o nome brasileiro e visto de turista, em 1994 e 1996. No ano desta segunda viagem, Guedes conseguiu emitir um número de seguridade social (equivalente ao CPF no Brasil) com o nome de Ladd, morto havia 17 anos, no estado da Carolina do Norte, vizinho da Geórgia. Em 1997, foi contratado pela United Airlines — ele havia feito cursos de comissário de bordo no Brasil. Seu primeiro passaporte americano foi emitido em 14 de abril de 1998, também sem custos. Ele renovou ou pediu alterações (como mais páginas, já que pela profissão viajava muito) no documento seis vezes, em 2006, 2007, 2009, 2013, 2015 e 2018. Em todas, sem obstáculos burocráticos. A luz de alerta foi acesa em 2021, quando Ladd se casou com um brasileiro e pediu a alteração do passaporte, para incluir o sobrenome do marido. O Escritório de Assuntos Consulares do Departamento de Estado estranhou que o número de seguridade social

tivesse sido emitido quando ele tinha só 12 anos — o documento muitas vezes é expedido para bebês, que precisam ser inscritos em planos de saúde dos pais ou em programas de benefícios do governo. O órgão então identificou outra pessoa de mesmo nome, data e local de nascimento: o verdadeiro William Ericson Ladd, morto mais de quatro décadas antes. Foi aí que a investigação começou. Ao pesquisar a vida do homem, encontraram uma série de laços com o Brasil — como o fato de ter sido ao país em mais da metade das 40 viagens que fez ao exterior naquele 2021. Nas redes sociais dele, o governo americano identificou uma brasileira que parecia, pelas fotos e publicações, ser sua mãe. O Consulado Geral dos EUA no Recife foi acionado, e bases de dados apontaram que ela tinha um filho, nascido no Brasil, com mais ou menos a mesma idade. Os americanos, então, compararam as impressões digitais que o governo brasileiro tinha coletado, nos anos 1990,

- +

As duas vidas de Ricardo César Guedes

BRASILEIRO

Nascimento

São Paulo

Ida para os EUA

Entrou no país duas vezes com o nome de brasileiro e visto de turista, em 1994 e 1996

AMERICANO

Seguridade social

Em 1996, emitido documento equivalente ao CPF no Brasil com o nome de William Ericson Ladd, morto em 1979

Comissário de bordo

Em 1997, foi contratado pela United Airlines

Passaporte

Emitiu o primeiro em 1998, com seis renovações ou alterações entre 2006 e 2018

Descoberta

Em 2021, ao pedir alteração do nome por ter se casado, acendeu o alerta das autoridades que descobriram a farsa
- ## Erupção de vulcão causa tsunami em Tonga, e ondas chegam a Japão e Samoa Americana
- NUKUALOFA (TONGA) REUTER/SAFP A erupção de um vulcão submarino em Tonga, na Oceania, causou tsunamis na capital do país, Nukualofa, no Japão e na Samoa Americana. Há alertas também para ilhas próximas no sul do Pacífico. Até a conclusão desta reportagem não havia registro de mortos. O vulcão Hunga Tonga-Hunga Ha'apai, a cerca de 65 km ao norte da capital tonganesa, entrou em erupção na tarde deste sábado (15) — madrugada de sábado no horário de Brasília — e provocou um tsunami de 1,2 metro, segundo o Escritório de Meteorologia australiano. A agência afirmou que monitora o evento, mas que não há ameaça de tsunami para a Austrália. A erupção durou oito minutos e foi tão forte que foi ouvida "como um trovão distante" a mais de 800 km de distância, disseram autoridades das ilhas Fiji. Horas depois, a agência meteorológica do Japão emitiu alertas de tsunami nas primeiras horas deste domingo (horário local) e afirmou que ondas de até 3 metros podem chegar à costa do país.
- 
- Ondas invadem casas em Nukualofa, capital de Tonga, após erupção
- Reprodução/ @salah.mezana no Twitter
- De acordo com o boletim, as ilhas Amami, no sul do Japão, foram atingidas por ondas de 1,2 metro, às 23h55 de sábado (16h35 em Brasília), enquanto um tsunami de menor amplitude pode ser observado em outras partes do litoral japonês. Medida registrada: ondas de 83 centímetros de altura em Nuku'alofa e de aproximadamente 60 centímetros em Pago Pago, capital da Samoa Americana, segundo o Centro de Alerta de Tsunami do Pacífico. O sistema de monitoramento, localizado nos EUA, chegou
- 
- do filho da mulher e confirmaram que Ricardo César Guedes e aquele que se apresentava como William Ericson Ladd eram a mesma pessoa. O passo seguinte foi consultar a família Ladd, que confirmou a morte do menino e disse que nunca havia visto a pessoa que se passava por ele. Depois de quase um ano de investigações, Guedes foi preso em 22 de setembro de 2021 no Aeroporto Intercontinental George Bush, em Houston. Os agentes o encontraram no portão de embarque e o levaram até uma sala privada onde ele se identificou como William Ericson Ladd e apresentou o passaporte. No interrogatório, ele foi alertado: é crime mentir a um agente federal, e o governo sabia de sua identidade verdadeira. Ele respondeu que nasceu nos EUA, mas foi criado por pais missionários no Brasil. O processo que tramita na Justiça do Texas relata que um policial afirmou que tinha uma certidão de óbito do verdadeiro Ladd, o que fez Guedes se calar. As autoridades ainda mostraram uma foto do túmulo da criança morta, na Alabama. O brasileiro então invocou seu direito de ficar calado e foi detido. Na prisão, quando a polícia foi colher suas impressões digitais, Guedes perguntou qual nome deveria preencher no formulário. Segundo o processo, ao ouvir que deveria escrever seu nome verdadeiro, assinou "R. Cesar Guedes". Com um mandado de busca e apreensão, autoridades encontraram na casa dele em Houston, duas cópias da certidão de nascimento de Ladd e um cartão com seu nome verdadeiro. Na ocasião, o marido disse aos agentes que o conhecia desde a infância, no Brasil, e que sabia que ele não era quem dizia ser. Segundo a acusação, o parceiro deve perder a autorização para viver nos EUA, já que entrou com o processo na imigração com base no casamento com um falso cidadão americano. Guedes continua preso aguardando o julgamento, marcado para 18 de abril. Procurada, a defesa afirmou à Folha que não comentaria o caso. "Consta no processo que no momento da prisão ele disse aos agentes: 'Eu tinha um filho, e assim foi. Agora preciso explicar a realidade'".
- a emitir um alerta para o Havaí, que depois foi suspenso. Nas redes sociais, foram postados vídeos do fenômeno. "Foi uma grande explosão", disse uma moradora. Mere Tafua, ao site de notícias Stuff. "O chão tremeu, a casa inteira foi sacudida. Veio em ondas. Meu irmão mais novo acreditava que bombas estavam explodindo perto de nossa casa". Policiais mudaram o posto: a água invadiu a residência da família e ela viu o mar de uma casa vizinha desabar. "Todas começaram a fugir para as áreas", acrescentou. Imediatamente, alertas de tsunami pedindo aos moradores que evitem a região do litoral, devolvam objetos, correntes e ondas perigosas. A agência de gerenciamento de emergências da Nova Zelândia também divulgou um aviso de possibilidade de correntes fortes e incoerentes e ondas imprevisíveis na costa norte e leste do país. Alertas de tsunami foram emitidos na manhã deste sábado para a Costa Oeste dos EUA, enquanto o Havaí foi afetado por "inundações menores" segundo os serviços meteorológicos americanos. Nas redes sociais, o Escritório Nacional de Emergências do Chile alertou, por sua vez, sobre a possibilidade de um "tsunami menor" atingir a ilha de Páscoa.



# mercado

## 3 em cada 4 ficam sem ajuda do governo em mais de mil cidades

27 milhões de famílias que recebiam auxílio emergencial estão fora do Auxílio Brasil, novo programa social

Thiago Resende e Bruno Boghossian

BRASÍLIA. Mesmo com a expansão do Bolsa Família para dar origem a uma marca social para a gestão de Jair Bolsonaro (PL), a transição para o Auxílio Brasil deixa uma lacuna em muitos municípios do país. Com o fim do pagamento do auxílio emergencial, criado para amparar a população vulnerável durante a pandemia, cerca de 27 milhões de famílias ficaram sem ajuda do governo, fora do novo programa de transferência de renda. Esse impacto é observado com força nas cidades que sentiram os efeitos do auxílio emergencial, embora tivessem uma cobertura menor do Bolsa Família. Em 1.036 municípios do país, 75% ou mais da população que teve acesso a algum desses benefícios ao longo de 2021 ficou sem atendimento. Essas cidades figuram entre aquelas que mais ampliaram a cobertura de assistência social enquanto vigorou o auxílio emergencial. Nesses municípios, 9,1 milhões de pessoas receberam até outubro as parcelas criadas pelo governo durante a pandemia ou pagamento do Bolsa Família. Só 1,8 milhão delas, no entanto, tem acesso ao novo programa social criado pelo governo Bolsonaro, com um benefício médio de R\$ 409 por mês.

A radiografia da cobertura assistencial de famílias vulneráveis leva em consideração dados do Ministério da Cidadania divulgados na terça-feira (11). Em janeiro, o governo ampliou de 14,6 milhões para 176 milhões o número de famílias atendidas pelo Auxílio Brasil, com benefício médio de R\$ 409 por mês. A cobertura ainda fica distante do patamar de 44,6 milhões que receberam o auxílio emergencial ou o Bolsa Família durante a maior parte de 2021. O Auxílio Brasil surgiu em um contexto de aumento da pobreza no país e de mais procura por assistência social. De janeiro a novembro de 2021, mais de 1,9 milhão de famílias entraram nas faixas de pobreza e extrema pobreza do Cadastro Único (que reúne o público que pode se enquadrar em programas sociais).

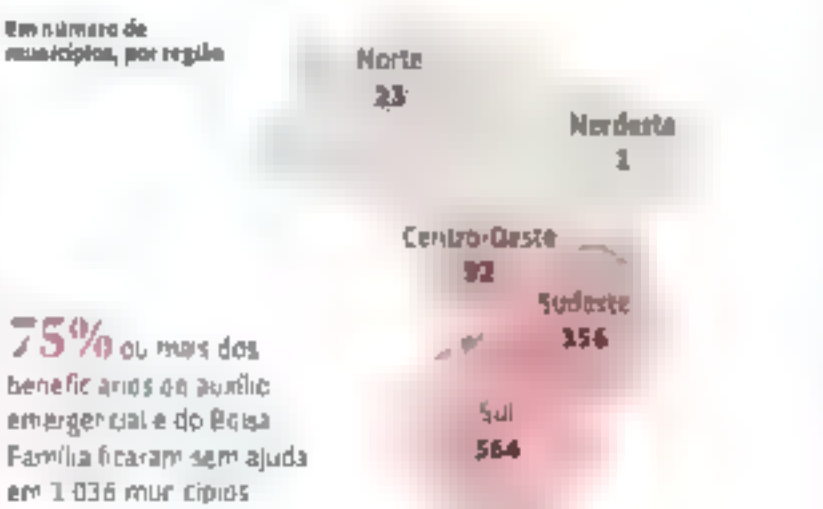
A expectativa de técnicos do governo é que esse número seja ainda maior, pois houve uma procura expressiva no fim do ano passado com o encerramento do auxílio emergencial. Quase 90% dos municípios em que há maior perda de cobertura assistencial são de pequeno ou médio porte com até 100 mil habitantes. Em Goiânia (GO), cerca de 15 mil famílias tiveram acesso aos pagamentos do Bolsa Família e do auxílio emergencial até outubro, mas só 3.469 estão no Auxílio Brasil. Também há perda expressiva de cobertura em capitais e outras grandes cidades. É o caso de Florianópolis, Cuiabá, Goiânia, Curitiba, Belo Horizonte e Brasília. Nesses 1.036 municípios, circularam mais de R\$ 1,8 bilhão por mês com os pagamentos do auxílio emergencial do Bolsa Família até outubro de 2021.

Com o Auxílio Brasil, o volume fica em R\$ 721 milhões —uma queda significativa na assistência aos mais vulneráveis durante o período em que se busca uma recuperação da economia. Em Nova Serrana (MG), município de 105 mil habitantes, 23,6 mil famílias tiveram acesso a algum benefício até outubro, mas só 1.576 estão incluídas no novo programa do governo. O secretário municipal de Desenvolvimento Social, Gustavo Amaral, afirma que, por causa da pandemia e da crise econômica, houve aumento na procura por programas de assistência na cidade. A demanda por inscrições no cadastro do Auxílio Brasil foi um sinal do aumento da pobreza. “Quem quer entrar no Cadastro Único hoje precisa agendar entrevista para mar-

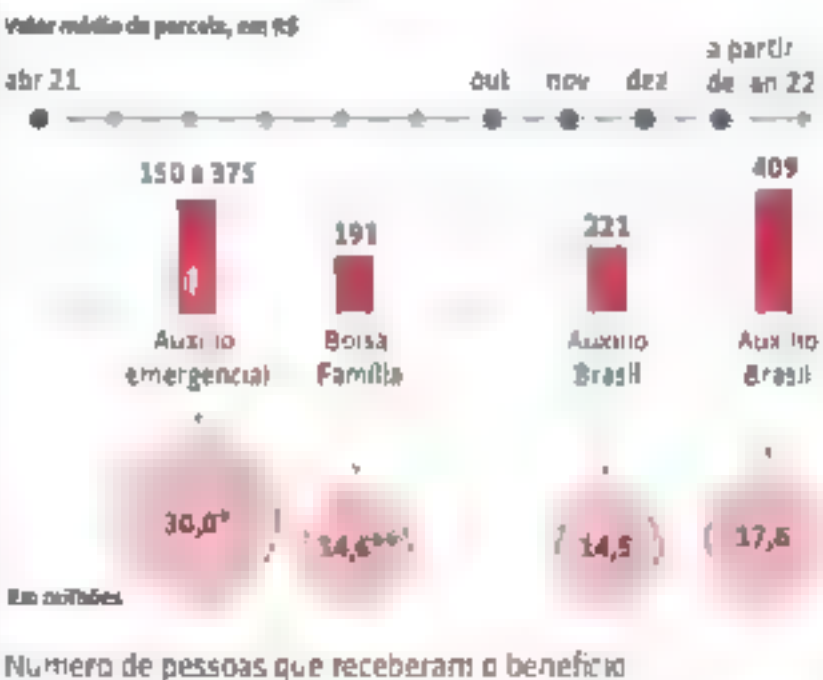
### Brasileiros ficam sem renda emergencial



### Municípios com a maior perda de cobertura



### Diferenças entre o auxílio emergencial, Bolsa Família e Auxílio Brasil por período de vigência



Em milhões

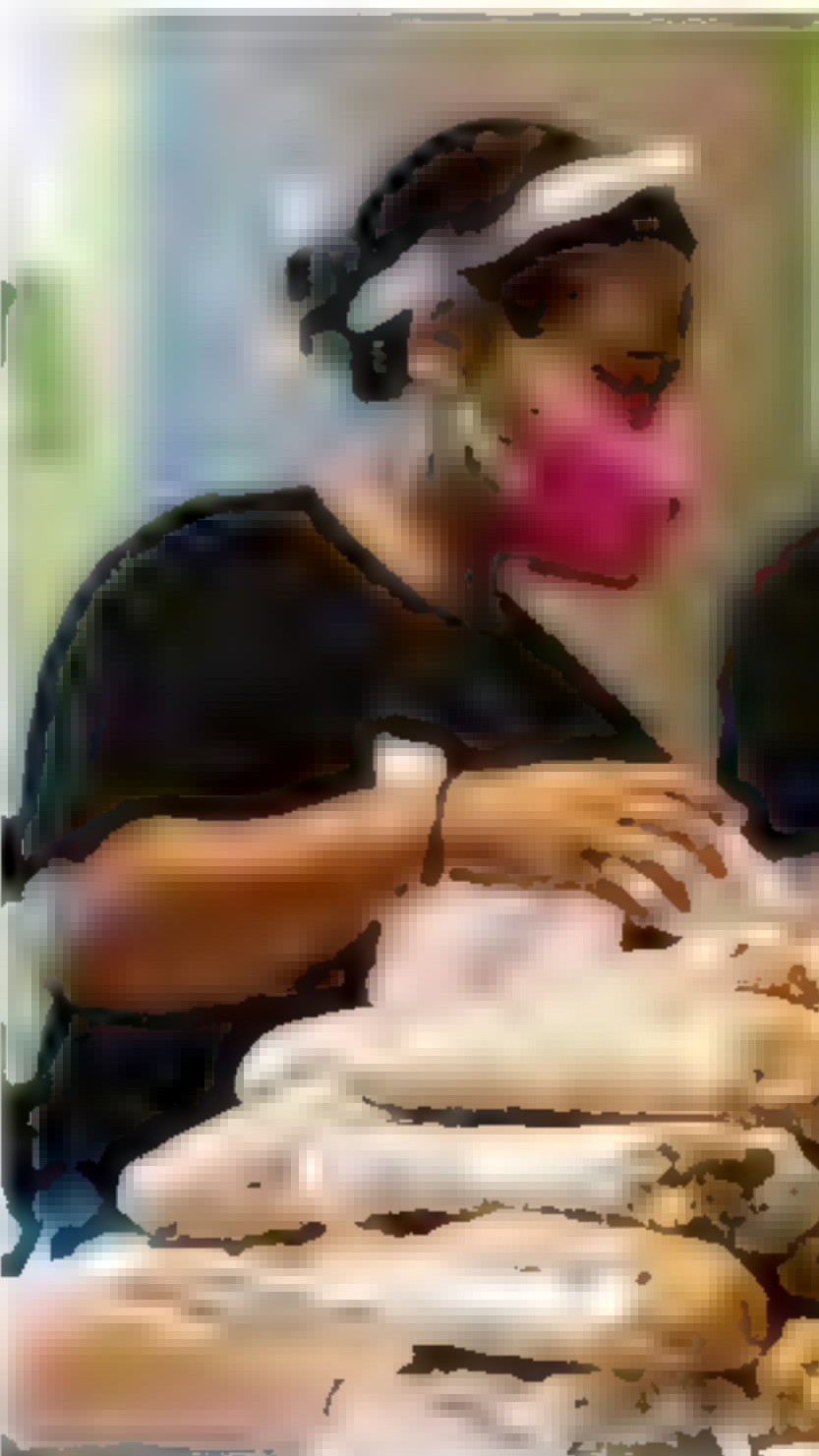
Número de pessoas que receberam o benefício

\*Até 11 milhões, cerca de 9,1 milhões que já estavam no Bolsa Família receberam o auxílio emergencial por 11 meses. \*\*Bolsa Família recebeu o auxílio emergencial até outubro de 2021. \*\*\*Bolsa Família recebeu o auxílio emergencial até outubro de 2021. \*\*\*\*Bolsa Família recebeu o auxílio emergencial até outubro de 2021.

lume fica em R\$ 721 milhões —uma queda significativa na assistência aos mais vulneráveis durante o período em que se busca uma recuperação da economia. Em Nova Serrana (MG), município de 105 mil habitantes, 23,6 mil famílias tiveram acesso a algum benefício até outubro, mas só 1.576 estão incluídas no novo programa do governo. O secretário municipal de Desenvolvimento Social, Gustavo Amaral, afirma que, por causa da pandemia e da crise econômica, houve aumento na procura por programas de assistência na cidade. A demanda por inscrições no cadastro do Auxílio Brasil foi um sinal do aumento da pobreza. “Quem quer entrar no Cadastro Único hoje precisa agendar entrevista para mar-

ço. Além disso, nem todas as pessoas cadastradas conseguem entrar no programa. Tem fila de espera para receber o benefício”, diz Amaral. Nova Serrana é uma cidade industrial, com forte atuação no ramo calçadista. Por causa da exigência por qualificação, parte dos moradores do município tem dificuldade de encontrar emprego na região, o que agrava o quadro. Para Luciana Leão, professora-assistente e pesquisadora da Universidade de Michigan, a transferência de renda, que visa dar o suficiente para as famílias se alimentarem, é o primeiro passo do combate à pobreza. “Os empregos no Brasil ainda são muito frágeis. Nas cidades do interior, mesmo com o crescimento do consumo por causa do auxílio emergencial, a família ex-

tremamente pobre dificilmente conseguiu se beneficiar de um impulso na atividade econômica”, afirma Leão, que é especialista no combate à pobreza. A região Sul concentra mais da metade das cidades com perda significativa de cobertura assistencial. São 64 municípios em que 75% ou mais dos antigos beneficiários estão sem pagamentos. Os três estados da região enfrentam esse desequilíbrio porque tiveram um aumento considerável de beneficiários durante a vigência do auxílio emergencial. No entanto, boa parte da população não se enquadra nos requisitos do Auxílio Brasil. O ministro da Cidadania, João Renna, afirmou à Folha que não é possível comparar o número de beneficiários por causa das características de cada programa. Ele apontou que Bolsa Família e Auxílio Brasil são programas de superação da pobreza, enquanto o auxílio emergencial foi uma resposta a uma calamidade. “O foco do governo [com o Auxílio Brasil] são as pessoas mais necessitadas. Não se pode estruturar um programa desses em um período posterior ao pagamento do auxílio emergencial sem critérios definidos”, disse o ministro. Renna destacou que o auxílio emergencial fez pagamentos de R\$ 350 bilhões, enquanto o orçamento do Auxílio Brasil para 2022 é de cerca de R\$ 90 bilhões. O ministro disse ainda que o governo trabalha para oferecer uma linha de microcrédito para os brasileiros que não recebem os pagamentos do novo programa e afirmou que espera ampliar o público do Auxílio Brasil para 18 milhões de famílias até março. “É um programa diferente, com elementos transformadores”. Ao elevar o valor médio da transferência de renda, Bolsonaro busca amenizar os efeitos da inflação e pode colher dividendos políticos —uma vez que o patamar anterior do Bolsa Família não superava R\$ 200 e não era reajustado desde 2018. A transição, porém, ocorre num cenário em que o país enfrenta baixo crescimento e uma taxa de desemprego que não recuou aos índices registrados no período anterior à pandemia. Para receber o auxílio emergencial, a renda por membro da família não poderia ultrapassar meio salário mínimo (R\$ 550). No caso do Auxílio Brasil, esse limite passou para R\$ 310, patamar aprovado pelo Congresso e sancionado por Bolsonaro. Em Fagundes Varella (RS), município de 2,741 habitantes, 201 famílias receberam o auxílio emergencial ou o Bolsa Família até outubro, mas apenas 8 estão cobertas pelo Auxílio Brasil. O prefeito da cidade, Nelson Carlos Conte (MDB), diz que a maior parte dos beneficiários do auxílio emergencial era formada por trabalhadores autônomos, que não têm renda estável. “A população com maior fragilidade econômica e social foi atendida, e eles puderam ter renda [nesses meses de auxílio]. Isso acabou influenciando o encadeamento de demais setores e movimento de atividades econômica na cidade”, diz Conte. Os demais municípios impactados na troca do auxílio emergencial pelo Auxílio Brasil estão concentrados na região Sudeste (356 cidades) e no Centro-Oeste, onde 93 cidades terão uma redução de 75% ou mais no número de beneficiários. O impacto é menor no Norte (23 municípios) e no Nordeste (uma cidade). As duas regiões tinham cobertura mais abrangente do Bolsa Família, o que permite que boa parte dos beneficiários seja absorvida pelo Auxílio Brasil.



Voluntários do Projeto Ruas distribuem alimentos na região central do Rio de Janeiro. Foto: Paulo Amaral/Projeto Ruas

## Sequelas sociais da Covid exigem ações estruturais para além da assistência

Leonardo Vieceli e Fernanda Brigatti

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO. A crise gerada pela pandemia, com aumento do desemprego e da fome, impulsionou ações de assistência social dos setores público e privado e até de indivíduos, como doações. Para especialistas, no entanto, as sequelas sociais da Covid-19 vão exigir mudanças estruturais para de fato amparar os mais vulneráveis. Durante a pandemia, o Brasil deu anestesia, interrompeu algumas dores, sobretudo com transferência de renda. Mas vamos precisar de operações complementares para a reabilitação”, afirma o economista Marcelo Neri, diretor do centro de estudos PGV Social. Desde a eclosão da Covid, prefeituras de grandes cidades como Rio e São Paulo viram crescer a demanda por serviços de assistência social, exigindo das gestões públicas a ampliação de programas e a criação de novas frentes. No Rio, a Secretaria de Assistência Social diz ter adotado medidas como aumento no número de vagas em abrigos, transferência emergencial de renda (Auxílio Carioca), inclusão de famílias até então invisíveis no CadÚnico, visitas a comunidades vulneráveis e capacitação de pesso-

as em abrigos para o mercado de trabalho. A pasta prevê um aumento no orçamento para assistência social em 2022 de R\$ 4,15 milhões previstos para 2021 para R\$ 591,5 milhões para execução em 2022. Até 2024, as principais metas são o combate à extrema pobreza e à insegurança alimentar e a viabilização da empregabilidade da população em situação de rua que está nos abrigos, de acordo com a secretaria. Segundo a prefeitura, um censo realizado em 2020 identificou 7.372 pessoas em situação de rua no Rio. A gestão municipal diz que não há como comparar o número com anos anteriores, devido à ausência de um levantamento com as mesmas características. O próximo censo está previsto para 2022. Mesmo sem os dados para comparação, a prefeitura carioca diz que há uma perceptível mudança no perfil das pessoas que estão vivendo na rua. Pelo censo de 2020, o grupo era formado principalmente por homens adultos e que viviam sozinhos na capital fluminense. Com a crise aprofundada pela pandemia, mais famílias passaram a procurar a rede de assistência municipal em busca de acolhimento. “Havia o grupo em situação de rua que frequentava nossas ações aqui no Rio. Com a pandemia, vemos mais pessoas que até moram em casas, mas não conseguem manter a alimentação”, afirma Juliana Silva, gestora de parcerias e relacionamento do Projeto Ruas. O projeto organiza doações de marmitas e corte de cabelo, entre outras atividades. Em uma dessas ações, acompanhada pela Folha em dezembro, uma aposentada de 71 anos relatou que conta com o projeto para conseguir se alimentar. Ela pediu que não fosse identificada. A idosa, que trabalhava como doméstica, vive atualmente em uma ocupação. Segundo ela, diante do valor da aposentadoria, precisa escolher entre comer, comprar remédio e pagar o aluguel. Para Juliana, além de ações emergenciais por parte do poder público, a melhoria do qua-

### Medidas adotadas pelas prefeituras

- Com os núcleos de convivência fechados, cestas básicas e kits de higiene passaram a ser distribuídos em São Paulo, os recursos destinados a esses centros bancaram 1,6 milhão de cestas e 7 milhão de kits.
- Expansão de vagas em abrigos, ampliadas em 2.600 no Rio de Janeiro em 2021 e expectativa de mais 600 em 2022. A proposta neste ano é de também diversificar as com reservas para mulheres, idosos e a população LGBTQIA+.
- Ampliação do orçamento dos núcleos de assistência social.

Continua na pág. A15





# Tratar burnout envolve reconhecer papel do coletivo, dizem especialistas

Desde 1º de janeiro, síndrome deixou de ser vista como condição de saúde e passou a ser classificada como fenômeno ocupacional

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO O burnout termo em inglês adotado para descrever o esgotamento profissional, veio a reboque da Covid como uma das principais preocupações recentes no campo da saúde. Há livros sobre o recorte geracional da síndrome, podcasts e perfis em redes sociais tratam do assunto, e celebridades como a ginasta Simone Biles vieram a público contar suas experiências.

Desde o dia 1º de janeiro, a síndrome ganhou nova e mais detalhada descrição na CID-11 (Classificação Internacional de Doenças). De uma condição de saúde, ela passa a ser descrita como fenômeno ocupacional, no índice de "problemas associados com estar empregado ou desempregado".

Para o psiquiatra e psicanalista João Salla, a nova classificação pode ajudar as sociedades médicas a definir fluxos de atendimento.

"Talvez seja um norte interessante para pensar, para olhar para esse paciente em burnout e estabelecer um fluxo de atendimento", diz. "A abordagem do burnout no Brasil ainda é muito acadêmica", critica.

A descrição mais detalhada da síndrome, para além do simples esgotamento profissional, aponta três dimensões que podem ou não ocorrer concomitantemente:

Há a insatisfação profissional que escapa para a vida pessoal, uma sensação permanente de falta de propósito, a despersonalização (quando as pessoas passam a ser vistas como objetos e o trabalhador se expressa por meio de um comportamento clínico) e a exaustão emocional, que pode ser vista como um estado de apatia profunda.

Um ponto delicado na abordagem do burnout é que não há tratamento definido e único para os que são acometidos pela síndrome.

O tratamento, destaca o especialista, é sempre individual. A proteção do trabalhador, porém, é ambiental, ou seja, tem relação com o local, que geralmente é onde o indivíduo trabalha, mas que também pode ser a universidade, no caso de estudantes.

Em 2019, quando aprovou a nova classificação, a Opa (Organização Pan-Americana da Saúde) e a OMS (Organização Mundial da Saúde) disseram que "burnout se refere especificamente a fenômenos no contexto ocupacional e não deve ser aplicada para descrever experiências em outras áreas da vida".

Salla diz perceber que medidas relativamente simples, como palestras, têm efeito positivo sobre os trabalhadores. Separar um momento para falar do assunto permite que aqueles que compartilham o mesmo ambiente de trabalho possam se identificar um no outro.

"O problema é que a pessoa não fala e o assunto costuma ser ignorado. Quando o funcionário é acometido pelo burnout, ele vai ser visto como um empregado ruim, mas ele é uma pessoa doente", afirma Sebastião Santos, presidente da ONG Viva Rio.

"As pessoas não querem viver a vida inteira com doações de cestas básicas. Elas querem trabalhar. Isso só vem com política econômica", afirma Sebastião Santos, presidente da ONG Viva Rio.

Antes de tudo é necessária uma mudança mais estrutural do capitalismo e da busca por lucro ou as pessoas continuarão sofrendo diante do modelo de sucesso das organizações.

João Marcos Souza, diretor executivo da Talenses Executive.

**CHUVE PRECIPITANDO PARA O DIA** Diversos planos de saúde têm programas específicos para lidar com a saúde mental em abordagens multidisciplinares, quando o paciente é atendido por vários tipos de profissionais. Empresas maiores costumam ter seus próprios programas, em geral desenvolvidos pela equipe de recursos humanos. Na rede pública, o atendimento pode ser feito a partir da UBS (Unidade Básica de Saúde), onde há serviços ambulatoriais, ou no Caps (Centro de Atenção Psicossocial). Em São Paulo, todas funcionam, segundo a prefeitura, em "regime de porta aberta" ou seja, não é necessário agendamento ou encaminhamento da UBS.

Para João Marcos Souza, diretor-executivo da Talenses Executive, que trabalha com recrutamento e seleção de mão de obra, somente uma revisão mais profunda e, portanto, mais demorada do modo como as empresas funcionam pode ter efeito sobre os casos de burnout.

"Antes de tudo, é necessária uma mudança mais estrutural do capitalismo e da busca por lucro ou as pessoas continuarão sofrendo diante do modelo de sucesso das organizações", diz.

Isso tem vindo em excesso de presente, de realidade. As pessoas caem no estresse de correr atrás de metas, de crescimento. Já era um modelo agressivo e ainda vem uma pandemia", afirma o executivo.

Na avaliação de Souza, somente uma mudança de comportamento a partir do topo das empresas pode evitar que "se enxugue gelo". O psicanalista João Salla concorda: "A teoria de qualquer mudança é que ela tem que ser de cima para baixo".

Com a nova classificação, o trabalhador que decidir buscar a Justiça do Trabalho em busca de reparação terá mais facilidade? Não necessariamente, segundo o advogado Matheus Cantarello Vieira, da área trabalhista do Melão e Torres Advogados, para quem o maior efeito da reclassificação é aumentar a atenção em relação à doença.

"De qualquer forma, na Justiça, como qualquer doença, é necessário demonstrar a culpa da empresa, que pode ser por não ter feito nada ou por ter feito algo específico", diz. "Nesse sentido, não ter metas abusivas, barrar jornadas longas, respeitar períodos de férias e permitir que a pessoa fique desconectada do trabalho são fatores de proteção".

Para o diretor-executivo da consultoria de marcas IN, Fábio Milnuszky, as organizações já sabiam da importância da saúde física como parte da própria produtividade de seus funcionários.

"Agora é necessário que elas também compreendam a necessidade de desenvolver um ambiente seguro, transparente, de escuta ativa, para que as trocas passem a fazer parte da natureza corporativa".

A nova CID em vigor desde o dia 1º também trouxe outras alterações, como a reorganização dos transtornos que fazem parte do espectro do autismo, e a reclassificação da transsexualidade que saiu dos distúrbios mentais e agora está no índice de saúde sexual, sob o nome de "incongruência de gênero".

As empresas ou indivíduos interessados em levantar o potencial para o acometimento da síndrome de burnout podem usar adaptações da MBI (Maslach Burnout Inventory), uma escala criada pelo pesquisador que dá nome ao questionário.

É importante usar o teste apenas como uma referência, um parâmetro, que não substitui uma avaliação médica ou psicológica. Ele não representa um diagnóstico, mas pode ajudar o trabalhador a refletir sobre o que está vivendo.

PAINEL S.A.

Joana Cunha

joanac@grupofolha.com.br

Renato Meirelles

O que segura entregador de app em casa é preço da gasolina, não ômicron

SÃO PAULO A explosão da ômicron, que provocou o afastamento de funcionários contaminados e atrapalhou a operação em diversos setores, atingiu também os entregadores de aplicativos.

Nessa parcela da população, porém, o ficar em casa é forçado por outros motivos, segundo Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva.

"Esse cara não se dá ao luxo de não trabalhar por causa da contaminação. Só que ele não tem dinheiro para pagar a gasolina", afirma Meirelles.

★

Falou-se muito sobre o impacto da falta de mão de obra para as empresas nessa onda de contaminação da ômicron, mas e os trabalhadores autônomos? Qual é o impacto para eles? Não dá para entender a questão dos trabalhadores autônomos, os trabalhadores por aplicativo, só pelo contexto da pandemia. Temos que entender o contexto econômico como um todo.

Tem o impacto do aumento do desemprego, que não é um detalhe. Em especial o desemprego entre os jovens, que formam a maior parcela, em especial dos aplicativos. Não é à toa que, no último ano, nós temos 1,7 milhões de brasileiros que passaram a trabalhar por aplicativo. E não estou falando só de Uber e iFood. Estou falando daquela pessoa que é a manivela que passou a ter cliente direto por meio do GetNinjas, do boteço que perdeu cliente na pandemia e passou a vender pelo iFood, daquele que estampou camiseta e passou a vender no Mercado Livre.

Temos no Brasil hoje 34 milhões de brasileiros que ganham uma parte do seu dinheiro por aplicativo. Destes, 62% recebem metade, ou mais, de sua renda por aplicativo. Estamos falando, talvez, do maior setor profissional do país. E essas pessoas estão sofrendo, em especial os que trabalham com transporte porque o preço da gasolina está lá em cima.

Historicamente, nós pensávamos o preço da gasolina em duas vertentes: a do custo para a logística e a da classe média que abastece seu carro. A pandemia nos fez ver o aumento da gasolina pela lógica do insumo fundamental para os trabalhadores de aplicativo e de entrega.

E quando vem uma onda de contaminação como essa atual? Essas pessoas ficam em casa? Sim e não. Essas pessoas não se dão ao luxo de ter o isolamento social. São trabalhadores que, na grande maioria, têm que vender o almoço para comprar a janta. Apesar dos riscos e da contaminação, não se podem dar ao luxo de não trabalhar.

E tem uma parcela que trabalha em casa, seja estampando boné, seja fazendo bolo para vender. Mas isso tem muito mais a ver com a crise econômica do que com o vírus.

E os entregadores? Têm ficado em casa porque se contaminaram com essa nova variante? Ficam em casa não porque se contaminaram. Ficam porque não têm dinheiro para gasolina. Ele já não tinha alternativa quando estávamos nas outras variantes que tinham um grau de letalidade maior e a gente não tinha vacina. Hoje, ele não tem ainda mais, por causa da grana.

Cada setor responde de um jeito. Como reage a economia

das favelas a isso? Na favela, crise não é exceção. É regra. Essas pessoas cresceram na crise, seja de saúde, segurança, econômica. O que eu chamo de "se varômetro" da favela é muito maior do que na média da população brasileira.

Na favela tem também um nível de solidiedade 35% maior do que na média do Brasil. Esse dado é medido por doações. Por outro lado essas pessoas têm menor nível de proteção social. E não só pela questão econômica, mas pela própria moradia, tem mais dificuldade em fazer o isolamento.

São as pessoas que mais sofreram com os atrasos do auxílio emergencial do início do ano passado e com a incerteza do que será agora. E são pessoas que, muitas vezes, trabalham na rua.

Essa pessoa se virando para a internet e o aplicativo. E são trabalhadores que, na prática, foram os responsáveis pelo Brasil não parar.

Não foi por causa da classe média que o Brasil continuou andando. Foi por causa dos trabalhadores do ônibus, da limpeza, dos caixas de supermercado, de farmácia.

Foram eles que tiveram mais risco com a pandemia e que menos foram protegidos. E, na hora de virar público, foram esquecidos em detrimento de quem tinha nível superior.

Não é à toa que o índice de contaminação da periferia é quase o dobro do índice de contaminação do resto do Brasil.

Qual é a sua avaliação sobre a reação dos governos e o que deve ser feito? Como avalia a posição dos que têm retomado restrições? Infelizmente, o que pauta o governo federal e alguns estaduais é a lógica eleitoral e não a lógica do que é melhor para a vida das pessoas. E eles tentam essa lógica através de falsas políticas. Uma delas é a que contrapõe saúde à retomada da economia.

Se o grupo de risco fica doente, não consegue trabalhar para se consumir, a economia quebra. Só que boa parte dos governantes se ocupam transformando uma questão básica, civilizatória, que é o valor da vida, em uma disputa política.

E não existe retomada da economia que não passe por distribuição de renda. E não é mudar nome de Bolsa Família para Auxílio Brasil por causa de eleição. Distribuição de renda se dá e no aumento do salário mínimo ou da inflação. Isso a gente não viu.



**Rato-X**

Presidente do Instituto Locomotiva e membro do conselho de professores do Ibmec, onde é titular da cadeira de Ciências do Consumo. Foi fundador e presidente do Data Favela e participou da comissão que estudou a nova classe média na Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República em 2012.

Continuação da pág. A14  
dro depende de investimentos em áreas como moradia e educação.

Na capital paulista, a prefeitura não sabe informar quantos cidadãos vivem na rua. Um censo que estava marcado para 2021 devido aos impactos da pandemia. A previsão é divulgar os resultados no início de 2022.

Na cidade, o enfrentamento às consequências mais severas da pandemia — falta de segurança alimentar ou vítimas de violência doméstica por exemplo — está dividido entre as subprefeituras e as secretarias de Assistência Social e de Direitos Humanos.

No período, algumas ações foram ampliadas, como os NCI (Núcleos de Atendimento a Idosos), cujas vagas foram ampliadas em 1,760 cotas, de acordo com a Assistência Social. Outros programas, como o Cidade Solidária e a Rede Cozinha Cidadã, foram criados com o início da crise sanitária.

Em nível nacional, a discussão sobre políticas de assistência social está voltada para o Auxílio Brasil. Lançado pelo governo Jair Bolsonaro (PL), o programa substitui o Bolsa Família, mas tem pontos contestados por especialistas e ainda desperta incertezas sobre a capacidade de financiamento.

"Fala-se em um auxílio de R\$ 400 que não leva em conta o tamanho das famílias. As famílias maiores e mais pobres têm uma necessidade maior de ajuda do que as menores. O manual não está sendo seguido", afirma Marcelo Neri, da FGV.

O economista Ely José de Mattos, professor da Escola de Negócios da FGV, também questiona pontos do Auxílio Brasil.

"Há uma pressão social por transferência de renda, mas o novo programa ainda está muito incerto. Seria melhor se tivéssemos usado a energia para ampliar e melhorar o Bolsa Família. Estamos desperdiçando algo que é muito valioso, a expertise de um programa social", diz. Para Mattos, é necessário pensar em transferência de renda acompanhada por iniciativas de inclusão no mercado de trabalho e educação.

"As pessoas não querem viver a vida inteira com doações de cestas básicas. Elas querem trabalhar. Isso só vem com política econômica", afirma Sebastião Santos, presidente da ONG Viva Rio.



mercado

# O Bolsonaro golpista na eleição

Ataque a urnas, ao STF, favor para amigos e loucura antivacina estão no menu

Vinicius Torres Freire

Journalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA).

Na semana passada, Jair Bolsonaro voltou a dizer que roubaram seus votos em 2018 —sua vitória teria ocorrido no primeiro turno, caso as eleições fossem “limpas”. Voltou a atacar ministros do Supremo Tribunal Federal. Disse que Alexandre de Moraes e Luis Barroso são lulistas.

O Bolsonaro freneticamente golpista de setembro de 2021 volta a botar as asinhas de fora. O arroz com feijão bolsonarista está no prato —ou, melhor dizendo, o pão com leite condensado está na mesa. São mais pistas do que deve ser a

campanha da reeleição, sinais visíveis desde a virada do ano de vadiagem e desumanidade. Parece que Bolsonaro e sua turma querem garantir votos para passar para o segundo turno e ver o que dá no mata-mata final.

Como? Com favores localizados e loucura generalizada. Quer garantir aqueles eleitores que, depois de tudo, ainda o apoiam, cerca de 25%, o bastante provavelmente para jogar para fora da pista o pes-sal da “terceira vida”, apesar de dois terços do eleitorado o rejeitarem.

Bolsonaro quer uma medida provisória a fim de reajustar a tabela do Imposto de Renda, promessa da campanha de 2018. Da para fazer, com alguma ganhlarra no déficit público. Não vai render lá muito voto, mesmo isentando de imposto uma meia dúzia de milhões de eleitores. Pode tentar outros remédios do tipo.

Agora medidas muito alopriadas, Bolsonaro não terá muito mais o que arrumar na frente eleitoral dita “econômica”. O ritmo de crescimento da economia e o da inflação estão fora do seu controle; na melhor

das hipóteses, teremos estagnação do PIB e taxa de inflação caindo pela metade, mas com um nível de preços insuportavelmente alto.

O interesse maior é manter vivo ao menos parte das fagulhas das infernas que a levaram ao poder em 2018. Voltou a falar com frequência da jacaca. Atacou a lisura do sistema eleitoral, ressurte-se, cometendo mais crimes. Moraes e Barroso tocam, lentamente, aliás, as inquéritas sobre essas mentiras, tratados no Código Penal e na lei do impeachment. Chamou os dois de lulistas e

mais. “Quem eles pensam que vão? Vão tomar medulas drásticas dessa forma, ameaçando a nossa liberdade de expressão. Porque eles não querem assim, porque eles têm euandidado. Os dois, nós sabemos, são defensores do Lula, quem o Lula presidente”, disse.

É um sinal de que vai apelar ainda mais ao mote de candidatura contra o “sistema” que agasalha corruptos e o impede de governar. É teoria da conspiração com fumaças golpistas.

Bolsonaro também apela sua base mais fanática com um dose de reforço de sua campanha contra os vacinados, sabotando a imunização das crianças e fazendo ataques injuriosos à Anvisa. É um indício de que vai apelar aos piores sentimentos e ignorâncias para manter junto de si o que restou de seu eleitorado. Sim, piores sentimentos: na sua viagem desembrana, fez questão de se mos-

trar indiferente aos sofrimentos de quem morreu ou perdeu tudo nas enchentes do B. dia.

Na frente política, deu a Cléo Nogueira mais poder de dirigir para ali ou acolá doces gordos do Orçamento. Nogueira é ministro da Casa Civil, presidente licenciado do PR cardeal, pois, do centrão e deve ser um dos coordenadores de campanha de Bolsonaro. Vai se pagar palanque com rabichos do Orçamento.

Bolsonaro ainda quer dar um jeito de reajustar salários de policiais federais até a metade do ano. Não rende voto e, se houver aumento, vai dar ruído com servidores, talvez contraproducente. Mas ele quer manter a fidelidade de parte dessa tropa. Para quê?

O arsenal de loucuras pode garantir presença no segundo turno, uma sabrevida para tumultuar a eleição o quanto puder.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

## Felipe Salto

# Leniência com inflação produziu resultado fiscal positivo em 2021

Diretor-executivo da IFI diz que alta dos juros vai corroer ganhos em 2022 e colocar dívida novamente em trajetória de crescimento

### ENTREVISTA

Eduardo Cuccolo

SÃO PAULO As contas do setor público devem registrar o primeiro resultado positivo desde 2013, segundo dados do Banco Central para 2021 que serão divulgados no fim deste mês. Essa suposta melhora, no entanto, é uma ilusão provocada pela disparada da inflação, afirma o diretor-executivo da IFI (Instituição Fiscal Independente), Felipe Salto. Para 2022, a expectativa da instituição ligada ao Senado é que a alta dos juros comece a corroer esse ganho, colocando a dívida pública novamente em trajetória de crescimento e deixando para o próximo governo a tarefa de recuperar a credibilidade fiscal.

Em entrevista à Folha, Salto diz que sociedade e políticos já mostraram que não querem fazer um ajuste só pelo lado da despesa. Por isso, será difícil escapar de um aumento da carga tributária para garantir a estabilidade da dívida e recursos para mais investimentos e gastos sociais.

A IFI estima que as contas do setor público devam ter fechado 2021 no azul. Você disse que essa suposta melhora é uma ilusão. O que explica esse resultado? O que houve fora ajuda camarada da inflação, que apareceu de novo, ainda que em menor proporção do que acontecia nos anos 1980. Na época, não tinha déficit no Orçamento. A receita evoluiu com a inflação, e a despesa estava fixada desde o ano anterior. Tinha um Orçamento que não refletia a realidade das contas públicas.

Tem um paper de 1993 do Edmar Bacha alertando que, quando fosse feita a estabilização, iria aparecer um déficit enorme. O que aconteceu em 2021, guardadas as propor-

ções, foi a mesma coisa.

A inflação turbinou a receita. Você produziu artificialmente um resultado primário que não vai durar. Tanto que em 2022 ele piora novamente. A dívida vai ficar pelo menos dois pontos percentuais do PIB mais alta até o final do ano, vai ter déficit primário em torno de 1,5% do PIB.

Não é o fim do mundo, mas é uma situação muito delicada. Não dá para simplesmente dizer que houve melhora na situação fiscal. Não houve melhora estrutural. O que houve foi uma leniência com a inflação que produziu efeitos fiscais positivos que são conhecidos na literatura. O fato é que a inflação ajudou. A relação dívida/PIB caiu de

89% em fevereiro para 81% em novembro de 2021. Isso também foi resultado da inflação? O fator preponderante foi a inflação elevada. Primeiro porque ajudou a elevar a arrecadação em termos nominais. O resultado primário (receita menos despesa) melhorou muito. Estados e municípios também foram beneficiados e devem terminar o ano com superávit.

O aumento da inflação afetou o PIB nominal mais do que se esperava. Ninguém projetava dívida a 83% do PIB, até que, em julho, quando se começou a perceber que a inflação ficaria elevada até o fim do ano e que aquilo já tinha tido um efeito expressivo no PIB nominal, todo o mundo

ajustou as projeções.

Claro que houve também dois outros fatores importantes, que foram a reforma da Previdência e o congelamento dos salários dos servidores civis, porque os militares tiveram reajuste.

Mesmo temporária, essa ajuda da inflação poderia ser vista como bem-vinda? É bom que a dívida fique em 83% e não acima de 95%, como muitos projetavam, inclusive nós. É positivo, mas a taxa de juros está muito mais alta. A Selic está em 9,25% ao ano, e a inflação esperada para 2022 é de 5,05%. Estamos falando de uma taxa real de juros de 4% a 4,2%. Isso significa que, para estabilizar uma

dívida de 83% do PIB, se o país crescer 1% em 2022, precisaremos de um superávit primário de 1,5% do PIB. O déficit projetado para 2022 é em torno de 1,5%.

O tamanho do desafio fiscal continua enorme. O juro vai corroer todo esse ganho e vai exigir um superávit muito alto para estabilizar a dívida. Por isso que, nas nossas projeções, a dívida ainda cresce nos próximos anos.

É possível conviver com esse endividamento elevado? Não é uma trajetória sustentável. A gente projeta que o resultado primário vai melhorar a médio prazo, mas o nível de endividamento do Brasil é cerca de 30 pontos percentuais do PIB maior do que a média em países em desenvolvimento.

Preocupa inclusive que você veja por aí alguns analistas enaltecendo essa melhora em 2021, quando ela foi quase totalmente explicada pela inflação e ainda há esse desafio fiscal enorme para os próximos anos. Com a inflação estabilizando em 2022 e 2023, o juro volta a diminuir. Por isso o cenário base da IFI não é explosivo para a dívida/PIB.

Temos o cenário pessimista. Por exemplo, se em 2023 quem assumir a Presidência não conseguir restabelecer o mínimo de credibilidade.

Quem assumir vai ter de partir do zero. O teto de gastos simplesmente foi abolido. Ele continua valendo na letra da Constituição, mas na prática não existe mais. Quem ganhar em 2023 vai ter de dar um direcionamento novo para a política fiscal e que tenha como norte a sustentabilidade da dívida no horizonte de quatro ou cinco anos.

Este desafio não é impossível, mas também não é uma coisa simples, como alguns estão dizendo por aí. Se a taxa real de juros ficar em 4% e o crescimento econômico voltar para 2% em 2023 e 2024, você ainda vai precisar de um esforço fiscal primário de até 2% do PIB para estabilizar essa dívida. Se vamos sair de um déficit de 1,5%, temos de 3,5 pontos a 4 pontos do PIB de esforço fiscal, o que dá quase R\$ 400 bilhões de ajuste.

Representantes de pré-candidatos à Presidência têm apontado a necessidade de rever ou até acabar com o teto. Qual poderia ser a nova âncora fiscal? O grande medo que os agentes econômicos tinham era que a eleição de 2022 levasse à escolha de um grupo político que abandonasse o teto de gastos. Isso já se materializou, porque o próprio governo Bolsonaro resolveu abandonar o teto. É uma mudança tão expressiva, pela nossa conta de R\$ 122,6

bilhões de espaço aberto para 2022, que na prática significa a invalidação do teto então concebido em 2016.

O teto de gastos foi positivo enquanto durou. Ajudou a derrubar a dívida, melhorar as escolhas alocativas, aprovar a Previdência, mas ele tinha problemas desde a sua concepção. Foi mal desenhado. A única válvula de escape é o crédito extraordinário. E também preconizava um ajuste muito duro a partir de um certo momento e nem nos anos ruins. Por isso ficou impossível de cumprir na ausência de mudanças estruturais do lado da despesa.

O fundamental é que precise haver compromisso político em torno do ajuste fiscal. Se não houver isso, não tem regra que resolva.

Há espaço para fazer ajuste e ampliar gastos sociais e investimentos? A discussão mais importante para 2023 vai ser como resgatar a responsabilidade fiscal, mas também garantir o espaço necessário para os gastos que vão aumentar. Por exemplo, o gasto com saúde e o gasto social tendem a aumentar na próxima década. Os países da OCDE, até 2050, vão aumentar o gasto com saúde em oito pontos percentuais do PIB, por causa do envelhecimento. No Brasil, ainda não há estudo nesse sentido. Isso vai ter de entrar na discussão da nova regra fiscal em 2023. Você vai ter de dar conta também de aumentar o investimento público, que vai ter um papel importante no resgate de investimento privado.

Vai ser difícil. Acho que não vamos escapar de um ajuste também pelo aumento da carga tributária. Só pelo lado da despesa, já vimos que o Congresso, a sociedade e o próprio governo não estão dispostos a isso. Tanto que agora que o teto lá exercer sua função, houve uma virada de mesa, para gastar R\$ 122,6 bilhões a mais em 2022. E não é pelo gasto social, que vai custar de R\$ 50 bilhões a R\$ 55 bilhões. É para fazer os gastos obrigatórios no final do ano, emendas de reator e tudo isso.

É preciso colocar as forças políticas na mesa e decidir qual vai ser a forma da responsabilidade fiscal, se vai ser mais pelo lado da receita ou da despesa e que tipo de gastos estamos dispostos a cortar. Há gastos, inclusive tributários, que vêm sendo carregados por décadas sem uma revisão adequada a partir de uma avaliação técnica isenta. O Mauro Benevides está certo na entrevista que ele deu [para a Folha]. É o investimento que está pagando o pato [com o teto de gastos]. É porque está pagando? Porque ninguém quer enfrentar os gastos obrigatórios.



Agência Senado

Felipe Salto, 34

É diretor-executivo da IFI (Instituição Fiscal Independente) e responsável por sua implantação. Economista e mestre em administração pública e governo pela FGV, trabalhou na assessoria do senador José Serra (PSDB-SP). Vencedor do Prêmio Abubi de Economia em 2017 com o livro “Finanças Públicas Da Contabilidade Criativa ao Resgate da Credibilidade” (Record, 2016).



# Empresário aliado de Bolsonaro vai à Justiça para obter canal de TV digital

Anatel e Comunicações são contra pedido de Marcos Tolentino, que é dono da TV Rede Brasil

Julio Wirtack

**BRASÍLIA** Com pedido de indenizamento pela CPI da Pandemia, o empresário Marcos Tolentino, dono da TV Rede Brasil e amigo do presidente Jair Bolsonaro (PL), tenta obter na Justiça um feito inédito: o direito de ganhar sem custos, um segundo canal digital de TV.

Na prática, segundo entendimento da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) e do Ministério das Comunicações, o empresário pretende, via judicial, acumular dois canais digitais a partir de uma única concessão analógica.

Há uma década, quando a TV analógica foi desligada, cada rádio difusor receberia um canal digital correspondente. Na avaliação de técnicos do governo, caso obtenha sucesso, abriria espaço para que as demais emissoras questionassem todo o arcabouço jurídico do setor.

O Ministério das Comunicações e a Anatel afirmaram à Justiça que o pedido é estapafúrdio e ilegal. Mesmo assim, Tolentino insiste em seguir com o processo.

Em outro caso, o aliado de Bolsonaro fora beneficiado na pandemia por um decreto que permitia aos concessionários de TV dividir suas frequências em até quatro blocos para transmitir sua programação própria por um deles e alugar para terceiros os demais.

Foi graças a isso que a Igreja Universal, do bispo Edir Macedo, outro amigo de Bolsonaro, passou a transmitir cultos e programação na rede aberta de Tv.

Em relação aos canais digitais, no final do ano passado, a revelia dos órgãos competentes, a emissora do empresário, cujo nome oficial é Sistema Pantanal de Comunicação, passou a emitir sua programação de uma segunda estação do grupo, localizada na avenida Paulista, em São Paulo.

Os sinais foram interferência na rede da TIM, prejudicando chamadas de voz de mais de 4,3 milhões de clientes e conexões de internet de mais de 5,3 milhões em São Paulo, São Bernardo do Campo, Diadema, São Caetano do Sul, Guarulhos, Osasco e outros municípios da região metropolitana.

A operadora reclamou para a Anatel, que lacrou o transmissor da emissora na avenida Paulista e lavrou um auto de infração.

O grupo de Tolentino se aproveitou de um registro em duplicidade no sistema de distribuição de canais da Anatel, conhecido como Mosaico, para conseguir fazer com



O empresário Marcos Tolentino, em depoimento no Senado para a CPI da Covid

que dois canais digitais pudessem funcionar na mesma localidade e atrelados à mesma concessão da TV analógica.

O processo estava pendente de análise, justamente pela impossibilidade técnica e legal de que essa situação pudesse ocorrer.

A Folha Tolentino afirmou que o canal ligado ao primário e, portanto, não poderia causar interferências, motivo pelo qual recorreu à Justiça. Segundo ele, houve um equívoco. Consultados, o Ministério das Comunicações e a Anatel disseram que só comentem o caso nas autos do processo.

Um decreto de 2010, que definiu critérios de migração da Tv analógica para a digital, determinou que "toda outorga [de concessão analógica, seria contemplada com a consagração de um canal digital"

A Justiça e Anatel afirmam que o Sistema de Comunicação Pantanal operava à época da digitalização no canal 50, na tecnologia analógica.

\*Diante disso, foi consigna-  
do, à entidade, um canal de rá-  
dio-frequência com largura de  
banda de 6 MHz (megahertz).

(...) A entidade obteve a consagração do canal digital 56 comparado ao seu canal analógico primário 50", respondeu a agência no processo.

No entanto, a Anatel explicou que "seria consignado o canal 56 da localidade de Barueri [na Grande São Paulo], com as coordenadas geográficas do canal em São Paulo [capital]"

O canal digital 56 foi então atrelado como par da concessão do grupo de Telentia. No entanto, por equivo-

ro, de acordo com a Anatel, ele foi cadastrado como canal secundário em São Paulo. Um canal secundário po-

ra de forma precária e sem direito a ter seus sinais protegidos, mas com o dever de evitar interferências em quem opera em caráter primário (com proteção).

Essa situação perdurou até que a telefonia celular começasse a operar na faixa de 700 MHz (megahertz), principal faixa de 3G e 4G. Antes da implementação do serviço, a Rede Brasil passou a operar em definitivo no canal 12 (digital).

No final do ano passado, no entanto, a emissora emitiu sinais a partir de São Paulo na frequência de 700 MHz, gerando chamadas telefônicas e dificultando conexões de internet em toda a região metropolitana de São Paulo.

Frequência é uma averdada no ar por onde as empresas fazem trafegar seus sinais. Quando uma empresa ocupa a faixa da outra, ocorrem interferências.

A faixa de 700 MHz não pode mais ser explorada por radiodifusores porque foi leilada para as operadoras de telefonia, que pagaram mais de R\$ 16 bilhões pelo direito de uso e custos atrelados ao deslocamento dos sinais de TV para outra faixa.

Fiscais da Anatel então lacraram o transmissor da emissora de Tolentino e abriram um processo sancionador que segue em curso na agência reguladora.

Durante o recesso de final de ano, a Rede Brasil foi à Justiça contra a medida da Anatel e obteve uma liminar favorável até que o Ministério das Co-

comunicaçõesse manifestasse, o que ocorreu de forma tão célere que nem deu tempo de os fiscais da Anatel cumprirem a decisão liminar para desativar a estação da emissora.

Em recurso, Tolentino criticou ao juiz a eficiência do governo que, "em menos de 24 horas", tomou decisões pen-

dentes há anos.

\*Estranhamente, processos que estavam pendentes de decisão desde 2019 foram decididos e negados, em tempo recorde de 24 (vinte e quatro) horas, causando estranheza e diminuindo o tempo levado pelo Ministério das Comunicações para analisá-los, expe-

dar Nota Técnica, assinar e publicar o despacho. Tudo repetiu-se em impressionantes 24 (vinte e quatro) horas, contadas da decisão em que este Juízo estabeleceu prazo para esclarecimento da Anatel sobre o motivo pelo qual ainda não havia cumprido a decisão de deslaço do Canal 56D", escreve a defesa da empresa à Justiça.

No processo, o Ministério das Comunicações afirma e demonstra, que o grupo —que agora solicita o pareamento com o canal 13D— já obteve o pareamento com o canal 12.

Amigo de Bolsonaro, Telenor foi alvo da CPI da Pandemia por suspeita de ser sócio oculto da FTB Bank Garantias, companhia usada pela Precisa Medicamentos como intermediária para oferecer uma carta de fiança à Saúde em negociação suspeita para a compra da vacina Covaxin.

A comissão recomendou o indiciamento sob acusação de formação de organização criminosa e improbidade administrativa.

Sobre o processo em andamento, Tolentino afirma que houve afronta a uma decisão judicial.

"Existe um grande equívoco da administração pública ao manter o lucro do canal 56D legalmente autorizado, com base em um erro do cadastro [do canal no sistema Moralca], em afronta direta a uma decisão judicial que, até agora, vem sendo solenemente ignorada" disse o empresário.

"Por fim, na hipótese de haver interferência entre os serviços, e considerando a condição de caráter primário do canal protegido contra interferência, caberia à Anatel sanar a suscitada interferência com a alteração do canal, para outra [frequência]"



**Leilões**

[contato@lottileiloes.com.br](mailto:contato@lottileiloes.com.br)

**(11) 3675-3868 (11) 3862-5698 (11) 95821-8156**

**GLEBA**

GLEBA CONTENDO 163 661 D8M²  
COM ZRE DE 35 222.44M²  
LOCAL RODOVIA CÔNEGO DOMÊNICO  
RAGONI

**ÁREA 35 HECTARES**  
ÁREA COM APROXIMADAMENTE 35  
HECTARES  
LOCAL JUIZ DE FORA/MG

**26/01/2022 14:00 HRS**

**MÓVEL**

MÓVEL COM ÁREA TOTAL DE  
34 100 M²  
LOCAL CUR Y.BA/PR

**ÁREA DE 93 58**  
IMÓVEL CONTENDO  
93 58 HECTARES  
LOCAL PRESIDENTE KENNEDY/ES

**10/02/2022 14:00 HRS**

**CENTRO DE TREINAMENTO**

IMÓVEL COM ÁREA TOTAL DE  
78.652.00M²  
LOCAL ANCHIETTES

**IMÓVEL**  
MÓVEL URBANO COM ÁREA  
TOTAL DE 704 22M²  
LOCAL CORUMBÁ/MS

**25/02/2022 16:00 HRS**

**IMÓVEL URBANO**

IMÓVEL COM ÁREA TOTAL DE  
1 219 36 M²  
LOCAL AIMORÉS/MG

**11/03/2022 16:00 HRS**




**LEILOEIRO OFICIAL - WAGNER LOTTI JUCESP 964**

**WWW.LOTTILEILOES.COM.BR**



## CONSULTE NOSSA AGÊNCIA DE LEILÕES NO SITE

# WWW.FREITASLEILAO.COM.BR

Central de Informações: (11) 3117 1000

Assessoria: (11) 3117 1000

 [YOUTUBE.COM/FREITASLEILAO](#)  
 [INSTAGRAM.COM/FREITASLEILAO](#)  
 [FACEBOOK.COM/FREITASLEILAO](#)

**Atenção: PARA A COMPRA EM LEILÃO É OBRIGATORIO PRESTAR EM GARANTIA FIDUCIARIA PAGAMENTO A AGÊNCIA FISCAL.**

LEILÕES DE VEÍCULOS		
<div style="background-color: #e67e22; color: white; padding: 5px; font-weight: bold;">750 VEÍCULOS</div> <p><b>Dia: 10.01.2022</b> 8ª FERRA - 10h00 SALVANTE ON-LINE</p> <p><small>Veículos de 200 a 250 mil reais</small></p> <div style="background-color: #2e86c1; color: white; padding: 5px; font-weight: bold;">VEÍCULOS COMINHADOS MOTOS SEMI-NOVOS SINISTRADOS SUCATAS</div>	<div style="background-color: #e67e22; color: white; padding: 5px; font-weight: bold;">750 VEÍCULOS</div> <p><b>Dia: 19.01.2022</b> 4ª FERRA - 10h00 SALVANTE ON-LINE</p> <p><small>Veículos de 200 a 250 mil reais</small></p> <div style="background-color: #2e86c1; color: white; padding: 5px; font-weight: bold;">VEÍCULOS COMINHADOS MOTOS SEMI-NOVOS SINISTRADOS SUCATAS</div>	<div style="background-color: #e67e22; color: white; padding: 5px; font-weight: bold;">750 VEÍCULOS</div> <p><b>Dia: 21.01.2022</b> 6ª FERRA - 10h00 SALVANTE ON-LINE</p> <p><small>Veículos de 200 a 250 mil reais</small></p> <div style="background-color: #2e86c1; color: white; padding: 5px; font-weight: bold;">VEÍCULOS COMINHADOS MOTOS SEMI-NOVOS SINISTRADOS SUCATAS</div>

Condições de venda: pagamento em 10 parcelas de 10% no ato da licitação e 9 parcelas de 10% em 9 dias úteis, a partir da data de entrega do veículo. O comprador deverá apresentar ao Banco Daycoval, no ato da licitação, o documento de identificação pessoal (CPF e RG) e o comprovante de residência atualizado. O comprador deverá apresentar ao Banco Daycoval, no ato da licitação, o documento de identificação pessoal (CPF e RG) e o comprovante de residência atualizado. O comprador deverá apresentar ao Banco Daycoval, no ato da licitação, o documento de identificação pessoal (CPF e RG) e o comprovante de residência atualizado.













**Dia 12.01.2022 - 2ª FERRA - 17h00 - SALVANTE ON-LINE**

**APPLE IPHONE SMARTPHONE**

**Dia 20.01.2022 - 6ª FERRA - 17h00 - SALVANTE ON-LINE**

**CHROMECAST LIFE DATA TABLE NAMCXY**

**VERIFIQUE SEMPRE AS INFORMAÇÕES NO SITE**

**SEM MAIS INFORMAÇÕES CONSULTE NOSSA AGÊNCIA DE LEILÕES: [WWW.FREITASLEILAO.COM.BR](http://WWW.FREITASLEILAO.COM.BR)**







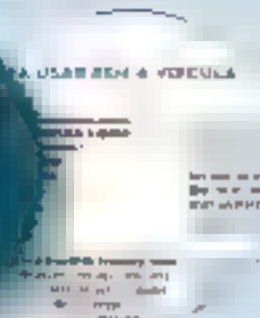
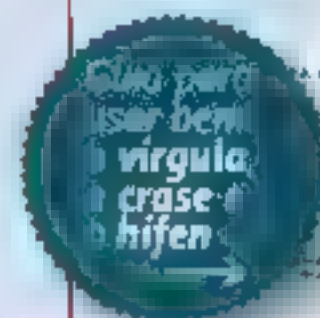
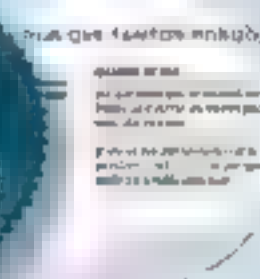


# Escreva de maneira clara e concisa com o Manual da Redação da Folha de S. Paulo

Chegou a nova edição do **"Manual da Redação"**, obra de referência essencial para jornalistas, publicitários, advogados, estudantes e profissionais de todas as áreas que precisam apresentar **textos claros e bem redigidos**.

Revistos e ampliados por uma equipe de especialistas, os conteúdos sobre as **boas práticas da escrita e normas da língua portuguesa** abrangem novos temas e tópicos que ganharam relevância nos meios de comunicação nos últimos anos.

A obra apresenta um **resumo detalhado das regras gramaticais para evitar os erros mais comuns**.



22ª  
EDIÇÃO

## Manual da Redação

AS NORMAS DE ESCRITA E  
CONDUITA DO PRINCIPAL  
JORNAL DO PAÍS

PE DA FOLHA



PRETE  
GRÁTIS

Para os estados de  
SP, RJ, MG e PR



Venda exclusiva no site:  
[folha.com.br/manualdaredacao](http://folha.com.br/manualdaredacao)

**FOLHA100**

\*\*\*



esg

ERIC PEDERSEN

# Investidores devem olhar para empresas que alinham sua trajetória à redução de carbono

Para diretor da Nordea Asset Management, excluir do portfólio companhias sem compromissos sociais e ambientais claros serve para enviar mensagem ao mercado

Lucas Bombana

SÃO PAULO Com cerca de € 393 bilhões (R\$ 2,5 trilhões) em ativos sob gestão, a escandinava Nordea Asset Management é uma das referências globais em investimentos sob a ótica ESG (sigla em inglês para ambiental, social e de governança). Em 2019, a gestora revelou, noticiando a sua carteira, ações do frigorífico JBS por não enxergar melhorias em governança ambiental. Após o episódio, a empresa disse seguir “rigorosa política de controle de compra de matéria-prima”.

“Devemos deixar claro que nossa paciência tem limites e que a exclusão é, em alguns casos, necessária para enviar uma mensagem clara às empresas que estão atrasadas nesse processo”, diz Eric Pedersen, diretor da área de investimentos responsáveis da Nordea Asset Management.

“Investimos em empresas que ajudam a acelerar a transição para uma energia limpa e a eliminação de combustíveis fósseis e desinvestimos de empresas que estão retardando essa transição.”

Como a Nordea Asset Management tem acompanhado o processo de transição energética em curso na economia global? Os custos de mitigação envolvidos na prevenção de novos aumentos de temperatura provavelmente afetarão adversamente os retornos dos ativos até pelo menos meados do século. De modo geral, as economias emergentes parecem ser as mais afetadas pelas mudanças climáticas.

Por outro lado, existem oportunidades de investimento substanciais na própria transição climática, onde a China é um dos maiores mercados potenciais.

Segundo um estudo da Nordea, enquanto as temperaturas globais forem mantidas em cerca de 2°C acima do nível pré-industrial, os países europeus, e os nórdicos em particular, parecerão ser os menos afetados. Esse resultado é uma combinação de vários fatores. A temperatura média atual é suficientemente baixa, de forma que um aumento moderado, na verdade, elevaria a produtividade. Isso se deve em parte à gama de condições em que os próprios seres humanos são mais produtivos, mas também porque a maioria das economias europeias depende menos diretamente do capital natural que pode ser destruído em consequência das mudanças climáticas do que, por exemplo, um país como o Brasil.

Quais as melhores maneiras de os investidores se posicionarem para aproveitar ao máximo o processo de transição energética? Os investidores devem olhar para as empresas que têm buscado alinhar sua trajetória com as metas de redução de carbono do Acordo de Paris, empresas que começaram a in-

vestir na construção de soluções e processos para uma economia mais verde.

A política de investimento responsável da Nordea determina nosso compromisso de termos um portfólio alinhado com as metas do Acordo de Paris, o que significa que as estratégias de investimento devem ser consistentes. E a medida mais importante que podemos tomar para limitar o aquecimento global é reduzir as emissões a partir de combustíveis fósseis.

Por isso, investimos em empresas que ajudam a acelerar a transição para energia limpa e desinvestimos de empresas que estão retardando essa transição. Devemos deixar claro que nossa paciência tem limites, e que a exclusão é, em alguns casos, necessária para enviar uma mensagem clara às empresas que estão atrasadas nesse processo.

Como funciona o trabalho de engajamento da área de investimento responsável da Nordea Asset Management com as empresas investidas nas carteiras? Acreditamos que a melhoria da gestão

de riscos é vital para gerar retorno com responsabilidade e que o engajamento pode resultar em vantagem competitiva, aumentando a probabilidade de sucesso das empresas a longo prazo. O envolvimento com as empresas investidas nos permite abordar riscos e oportunidades de sustentabilidade relevantes. O diálogo nos permite expor nossas expectativas sobre o comportamento empresarial e apoiar as empresas na melhoria de seu desempenho em sustentabilidade.

O Sr. pode citar alguns exemplos de empresas em que a Nordea Asset Management promoveu o trabalho de engajamento de maneira bem-sucedida? A Samsung SDI é um exemplo. A empresa é especializada em tecnologia de íon de lítio, produzindo baterias recarregáveis para telefones celulares, painéis solares e veículos elétricos. O cobalto é uma matéria-prima fundamental para o negócio.

No entanto, 70% do suprimento global de cobalto é proveniente da RDC (República Democrática do Congo);

Investimos em empresas que ajudam a acelerar a transição para energia limpa e desinvestimos de empresas que estão retardando essa transição

A medida mais importante que podemos tomar para limitar o aquecimento global é reduzir as emissões a partir de combustíveis fósseis

onde a mineração geralmente não é regulamentada – ou é até mesmo ilegal – com diversos relatos de abusos dos direitos humanos, incluindo trabalho infantil.

Sollicitamos a Samsung SDI que garantisse que seu suprimento de cobalto fosse de origem sustentável certificada. Após uma visita de campo à Coreia do Sul, em 2017, pedimos à empresa que fizesse uma auditoria de modo a aumentar a transparência de sua cadeia de fornecimento.

Como resposta, a Samsung SDI criou uma ferramenta de gerenciamento de risco. A empresa tomou medidas para garantir uma linha de fornecimento com total transparência, mas também está trabalhando com pares do setor para resolver o problema em nível governamental.

Além de continuar a trabalhar em torno da transparência da cadeia de abastecimento, encomendamos um relatório que deverá ser publicado no próximo ano, revisando os riscos ESG na indústria de mineração de cobalto na RDC.

Há também o caso da Xcel Energy, empresa que fornece

eletricidade e gás natural para clientes de varejo nos Estados E.U.A. Antes do início do nosso engajamento, a companhia baseava 60% de sua geração de eletricidade em carvão e outros combustíveis fósseis.

Trabalhamos para que a empresa se alinhasse às metas estabelecidas pela iniciativa Climate Action 100+, que visa garantir que os maiores emissores corporativos de gases de efeito estufa tomem as medidas para mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

Poucos meses após o início do engajamento, a Xcel se tornou a primeira do setor a se comprometer com o fornecimento de eletricidade 100% livre de emissões até 2050. Também se comprometeu a uma redução de 80% nas emissões associadas a eletricidade até 2030.

Embora a empresa ainda não tenha um plano detalhado para atingir suas metas após 2030, as metas de 2050 estão estabelecidas.

O diálogo contínuo com a companhia está atualmente focado em esforços no período de 2030 a 2050 e nas possibilidades concretas de realizar fechamentos mais cedo do que o planejado de usinas a carvão, com adição de maior capacidade renovável.

Quais empresas brasileiras se destacam no ranking ESG da Nordea? Podemos mencionar as cinco empresas brasileiras que atualmente detemos em nossa estratégia de ações “Emerging Stars ESG”: Itaú Unibanco, BR Properties, Lojas Renner, Hapvida e Raia Drogasil. Para entrar nessa seleção, fazemos uma análise completa dos aspectos ESG, como informações a respeito de suas práticas comerciais e controversas.

A Renner, por exemplo, tem fortes práticas de governança ao longo de toda sua cadeia de suprimentos, com um código de conduta que precisa ser seguido pelos fornecedores. A política da Raia Drogasil de contratar pessoas da comunidade local, contribuindo dessa maneira com o desenvolvimento da região, também é uma ação que avaliamos de forma positiva.

No caso do Itaú, o fato de um grande banco ter poucas questões controversas relacionadas ao seu nome já representa uma importante conquista, em nossa avaliação. O banco também tem adotado medidas na frente de responsabilidade social, como por meio do programa “Todos pela Saúde”, ou via concessão e extensão de linhas de crédito a clientes atingidos pela crise do coronavírus.

Como a Nordea Asset Management avalia a evolução dos últimos anos no engajamento dos mercados emergentes em relação aos investimentos responsáveis, sejam por empresas ou investidores? Nos mercados emergentes, geralmente há pouca divulgação em relação aos riscos ESG. Portanto, antes de comprarmos a ação de uma empresa, precisamos nos encontrar, de preferência pessoalmente, e fazer perguntas.

Aproveitamos muitas das oportunidades para nos envolvermos ativamente com as empresas de modo a gerar mudanças benéficas. Nossos esforços de engajamento incluem trabalhar na melhoria da divulgação de informações.

Fezmente, estamos vendo melhorias na divulgação ESG em mercados emergentes. Por exemplo, a Bolsa de Valores de Hong Kong, uma das principais da Ásia, está em processo de tornar a divulgação de riscos ESG uma responsabilidade dos conselhos.

Os mercados emergentes representam uma oportunidade empolgante, na medida em que buscamos empresas que possam se tornar “ESG Stars” no futuro. Quando identificamos empresas que demonstram esse potencial, trabalhamos com elas para examinar as áreas onde suas credenciais ESG podem ser aprimoradas e padronizadas.



**Eric Pedersen, 54**  
É diretor da área de investimentos responsáveis da Nordea Asset Management, gestora de recursos escandinava com R\$ 2,5 trilhões sob administração. Formou-se em economia pela Universidade de Copenhague (Dinamarca) e, após concluir a tese de mestrado sobre reforma econômica na Índia, começou a carreira na ONU, como economista júnior no Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) na República do Mali (África).



# Brasileiros que dizem ter contraído Covid são o dobro da cifra oficial

Pesquisa Datafolha aponta que 42 milhões de pessoas com 16 anos ou mais afirmam ter recebido diagnóstico

Isabela Palhares e Cláudia Collucci

SÃO PAULO Um em cada quatro brasileiros com 16 ou mais anos de idade diz ter recebido diagnóstico de Covid desde o início da pandemia, o que representa cerca de 42 milhões de pessoas infectadas, segundo pesquisa do Datafolha. O número é quase o dobro do total de casos registrados oficialmente no país.

A pesquisa foi feita por telefone nos dias 12 e 13 de janeiro, com 2.023 pessoas de 16 anos ou mais em todas as regiões do Brasil. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Segundo o levantamento, 25% dos entrevistados disseram ter feito teste que confirmou a infecção pelo vírus, o que significa 41,95 milhões de pessoas contaminadas desde março de 2020. Os registros oficiais, coletados pelo consórcio de imprensa, somaram, até esta quinta (13), 22,8 milhões de casos confirmados para a doença em todo o período da pandemia.

Os dados oficiais de casos positivos reunidos pelo consórcio se referem a todas as idades. Já os do Datafolha só incluem as infecções em quem tem mais de 16 anos, o que aponta para uma subnotificação ainda maior nas estatísticas do país.

Para especialistas ouvidos pela Folha, a diferença entre os números não surpreende, já que o país tem problemas na sistematização dos dados de infectados.

Depois de quase dois anos desde o início da pandemia, o Brasil não tem nem sequer padronização para o envio dos dados de testes com resultado positivo a serem contabilizados pelo governo federal, afirmam especialistas.

Somam-se a isso o alto número de testes rápidos de Covid-19 feitos em farmácias ou unidades volantes que não entram nas estatísticas oficiais, problemas dos sistemas de articulação entre os municípios, estados e o Ministério da Saúde e a falta de estímulo das equipes para a notificação dos casos positivos.

“Os casos oficiais representam apenas a ponta visível do iceberg. A parte submersa, os casos não captados pela estatística oficial, é muito maior. Isso decorre de uma política fracassada de testagem”, diz o epidemiologista Pedro Hallal, coordenador do estudo Epicovid-19.

“O ditheuro do povo foi usado para produzir placebo, a cloroquina, e não para investir em testes ou máscaras, que são coisas que realmente funcionam para frear a pandemia”, completa.

Os dados do Datafolha apontam ainda que a subnotificação tem aumentado no último mês está relacionado ao apagão de dados que ocorre no país desde que os sistemas do Ministério da Saúde foram derrubados por ataques de hackers, em dezembro, e também à chegada da

variante ômicron.

O médico infectologista Epper Kallas, professor da USP e colunista da Folha, explica que, por ser altamente transmissível, a ômicron tem contaminado tanto as pessoas que já tiveram Covid quanto as que já foram vacinadas contra a doença, por isso, a tendência é de aumento da subnotificação. “Os dados do governo sempre ficam muito aquém da realidade.”

A pesquisa do Datafolha mostra também que o número de pessoas com sintomas que podem ser de Covid nos últimos 30 dias é elevado — muito superior ao dos que dizem ter contraído o vírus e recebido teste positivo.

Dos entrevistados, 30% disseram ter tido tosse e nariz entupido (o que representa 50,3 milhões de pessoas), 22% relataram ter tido febre (36,9 milhões) e 9%, falta de ar (15,1 milhões), no período.

Apesar do alto percentual de pessoas com sintomas, só 17%

dos entrevistados dizem ter feito exame para a Covid. Para os especialistas, isso ocorre em razão da indisponibilidade de insumos e da ausência de recomendação clara para a testagem de casos suspeitos. O resultado é a detecção do vírus apenas nos casos mais sérios e/ou que demandam internação.

A pesquisa mostra ainda que a maior proporção de pessoas com testes positivos para a doença está entre os de maior renda. Entre aqueles que têm renda superior a 10 salários mínimos, 37% disseram ter recebido teste positivo para o vírus. Já entre os que têm renda de até 1 salário mínimo, 19% foram detectados com Covid.

Os mais jovens também relatam ter sido mais contaminados. Na faixa etária de 16 a 24 anos, 28% disseram ter recebido teste positivo para a Covid. Entre os que têm 25 a 34 anos, foram 29%. Entre 35 e 44 anos, 31%. A proporção cai para 25%, entre 45 e 59 anos, e 14%, para quem tem 60 anos ou mais.

O médico sanitário Cláudio Maiorovich, da Fiocruz de Brasília, diz que a testagem no Brasil não tem servido para controle da doença, ou seja, para isolar as pessoas, orientar sobre a quarentena ou qualquer outra estratégia de vigilância.

A testagem está servindo apenas para contabilidade. Aquilo que a gente espera da vigilância em saúde ou da vigilância epidemiológica está se resumindo à contagem de casos. Se não serve para nada, é mais um motivo para as pessoas não se preocuparem em notificar. Se a informação não é útil, as pessoas deixam de alimentar o banco. Isso acontece em vários sistemas de informação”, diz Maiorovich, que já presidiu a Anvisa e foi diretor de vigilância de doenças transmissíveis do Ministério da Saúde.

Os especialistas explicam que uma boa política de testes, como a adotada no Reino Unido e na Alemanha, envolve a testagem assistencial (de pessoas com sintomas ou que tiveram contato com alguém doente), amostral (para identificar assintomáticos, e a de vigilância genômica (para identificar variantes). “Em cada uma das três o Brasil é um fracasso”, resume Hallal.

Para Wallace Casaca, coordenador da plataforma Info Tracker, sem os dados de infecções, o Brasil administra a pandemia às cegas e, por isso, não consegue adotar medidas para evitar a cadeia de transmissão do vírus.

“Não há uma visão fleeing na do vírus no país e só conseguimos entender o tamanho do problema quando explodem os dados de internação e óbito, que é quando há muito pouco a fazer”, diz.

Para o epidemiologista Paulo Lotufo, professor da USP, a subnotificação é mais um capítulo das coisas mal explicadas da gestão da pandemia de Covid no Brasil. “Onde estão os números?”

Uma exigência do Ministério da Saúde também pode explicar parte da subnotificação de casos. Desde agosto de 2021, a pasta passou a pedir a inclusão do número de lote e do nome do fabricante dos testes de antígeno para a notificação dos casos identificados por meio deles na plataforma e-SUS Notifica.

Parcela da população que declara já ter pegado Covid é o dobro da registrada nos estados

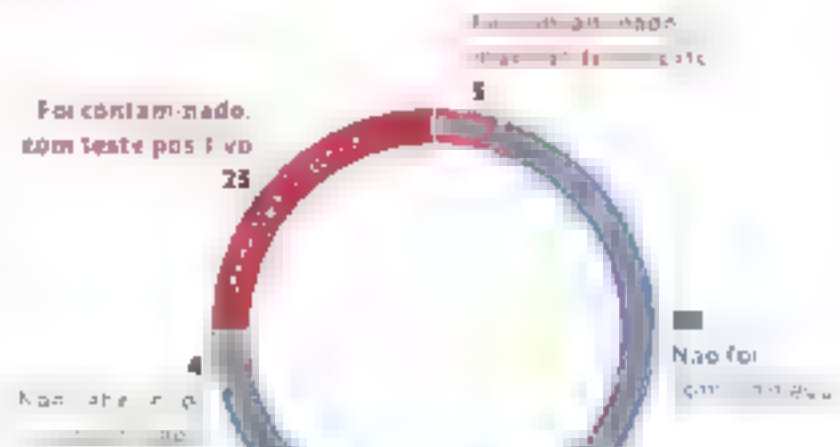
População que diz ter recebido diagnóstico de Covid



Mais jovens relatam maior contaminação

Desde o começo da pandemia, você pegou o coronavírus? Você fez o teste?

Sim %



Por idade



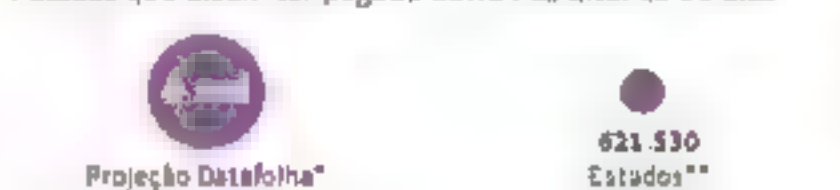
Você pegou o coronavírus só uma vez ou mais de uma vez? Quantas?

Sim %



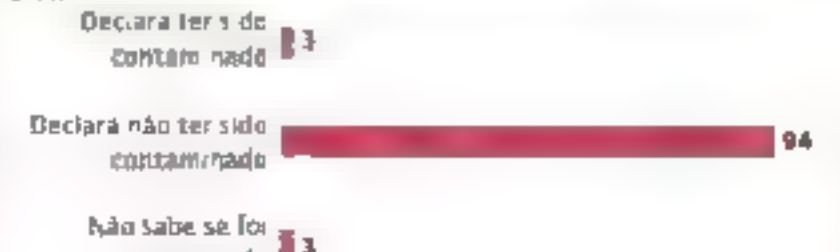
3% dos entrevistados declara ter pegado Covid nos últimos 30 dias

Pessoas que dizem ter pegado Covid nos últimos 30 dias



Você pegou o coronavírus e teve Covid nos últimos 30 dias?

Sim %



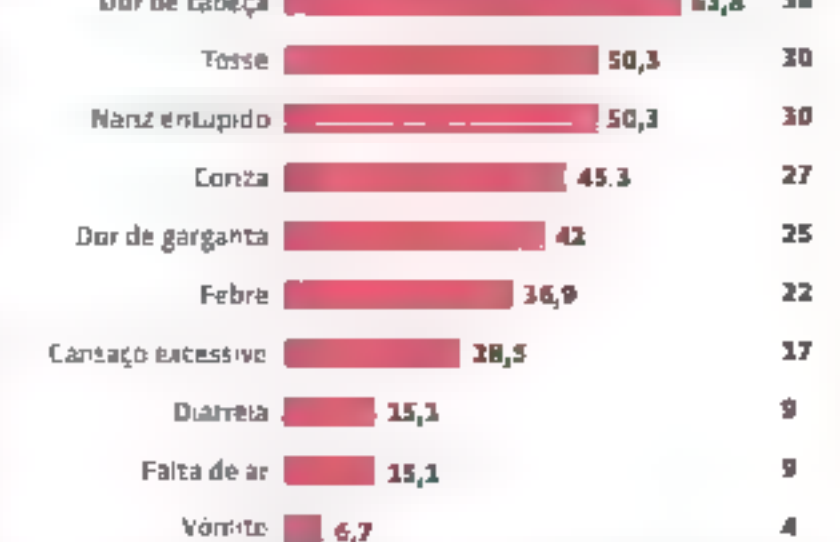
Nos últimos 30 dias, fez algum teste para saber se estava com coronavírus? Se não fez, foi porque não precisou ou porque não conseguiu encontrar?

Sim %



E nos últimos 30 dias, você teve algum desses sintomas

Em milhões de pessoas



\*Considera a população de 16 anos ou mais. \*\*Dados oficiais informados pelas secretarias de Saúde de acordo com a imprensa até quinta-feira, sem distinção de idade etária. Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.023 entrevistas por telefone com brasileiros adultos de 16 anos ou mais que possuem celular em todos os estados do país nos dias 12 e 13 de janeiro de 2022. A margem de erro é de dois pontos percentuais.

Desde então, a quantidade de resultados positivos e negativos provenientes desses testes sofreu uma queda abrupta. O efeito da nova regra atinge principalmente o registro dos casos sintomáticos leves e que podem ajudar a entender a transmissão do coronavírus.

Sergio Mena Barreto, presidente da Abrafarma (associação das grandes redes de drogarias, onde são ofertados os testes rápidos de antígeno) diz que as unidades nunca deixaram de enviar as notificações, mas encontram dificuldade para o registro por falta de padronização no país.

“Somos obrigados a enviar as notificações, mas não sabemos como essas informações são processadas, já que cada município e estado tem regras diferentes. Em alguns locais, devemos informar à autoridade sanitária do município ou ao estado, outros liberam diretamente ao Ministério da Saúde. O Brasil tem uma colcha de retalhos dessa regra e não sabemos qual o tratamento que se dá aos dados desses testes” diz.

Segundo dados da associação, somente nesta quinta-feira (13) as farmácias do país realizaram 86 mil testes de Covid, com uma positividade de 39,25%, o que significa a identificação de 33.755 infecções. O número representaria 30% dos casos contabilizados oficialmente pelos estados. No entanto, não é possível saber se esses dados estão de fato dentro dos registros oficiais.

Mais de 8 milhões não puderam fazer teste no último mês

Isabela Palhares e Isabella Menon

SÃO PAULO Em meio à explosão de casos de Covid, 8,1 milhões de brasileiros afirmam que não conseguiram encontrar testes para a doença em farmácias ou unidades de saúde nos últimos 30 dias, aponta a pesquisa do Datafolha.

Do total de entrevistados, 3% afirmam ter tido Covid no último mês, o que representa 4 milhões de brasileiros. Entre os 97% que relataram não ter contraído a doença, 5%, o equivalente a 8,1 milhões de pessoas, disseram não ter conseguido encontrar o teste.

O país corre risco de desabastecimento de testes no momento em que há projeção de uma escalada de casos, com estimativas de que o Brasil possa chegar a ter 1,3 milhão de infecções por dia.

O temor já levou a Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica a recomendar aos laboratórios que priorizem a testagem em pacientes com sintomas mais graves.

A indisponibilidade de testes já atinge as redes públicas e privadas do país, levando pessoas com sintomas a desistir do diagnóstico. Foi o que aconteceu com a publicitária Vilhena Oliveira, 26.

Ela começou a apresentar tosse, dor no corpo, garganta inflamada e coriza na segunda (10) e marcou uma vaga para realizar o exame. Encontrou uma vaga em um Laboratório, mas, no dia do exame, recebeu uma mensagem informando a suspensão do teste.

“Desisti e vou continuar em casa até o décimo dia [da doença]”, diz ela, que mora com o namorado, que também não conseguiu o exame.

A dona de casa Roberta Castabile, 48, também desistiu de ser testada e até de receber atendimento médico. Ela, que mora em Atibaia, no interior de São Paulo, procurou um hospital da cidade depois de ter febre e dor de garganta.

Além da espera, que poderia durar até cinco horas, informaram que só faziam testes em casos com sintomas mais graves. “Eu realmente desisti” afirma.



saúde

# Datafolha mostra a dimensão do ‘elefante’ da pandemia no país

Por falta de dados, entender a doença no Brasil é como descrever o lendaro paquiderme que não enxergamos

ANÁLISE  
Atila Iamarino

Entender a pandemia no Brasil é o que enfrentaremos com o espalhamento explosivo da variante ômicron: é como descrever o lendaro elefante que não enxergamos. Quantos brasileiros tiveram Covid? Quantos não se vacinaram? Quantos pretendem vacinar os filhos? Mesmo essas perguntas dadas têm mais de uma resposta. Na parábola, um elefante é apalpado por vários cegos que tentam descrever o animal que não conheciam. Quem inspeciona a tromba acha que é uma cobra, quem toca as pernas acha que parece um tronco de árvore, quem toca o ventre imagina uma parede. Todas oferecem uma perspectiva válida, mas incompleta. Mortes em excesso, números oficiais e relatos descrevem o elefante da pandemia, mas cada um descreve só uma parte. Agora o Datafolha traz outra parte do paquiderme. Talvez seu rabo, que parece uma corda que começamos a puxar e vemos que tem muito mais preso na outra ponta. Como uma população cansada, que já se expôs bastante e está vulnerável à ômicron. Segundo o Datafolha, cerca de 42 milhões de brasileiros receberam resultado positivo para a Covid. O painel oficial do Ministério da Saúde, atualizado pela última vez em 9 de dezembro de 2021, reporta quase 20 milhões de casos positivos a menos do que a pesquisa estima — já conforme o consórcio de imprensa, foram 21,8 milhões de casos até esta quinta-feira (13). Outro número oficial, escrito em fonte mais discreta, descreve os quase 617 mil óbitos e a letalidade de 2,8% do novo coronavírus no Brasil. Uma letalidade três vezes maior do que a estimada para a doença. O que indica que tivemos pelo menos três vezes mais casos do que os oficiais. Considerando as subnotificações e que muitos óbitos aconteceram quando já tinham vacinas sendo aplicadas, o que reduziu muito a letalidade do vírus, devemos ter passado dos 100 milhões de brasileiros com Covid.

A diferença entre os pelo menos 100 milhões e os 42 milhões do Datafolha pode estar na nossa testagem limitada. Além de desperdiçarmos milhões de testes, ainda testamos só casos mais graves em muitas regiões. Tanto que 70% das entrevistadas declararam

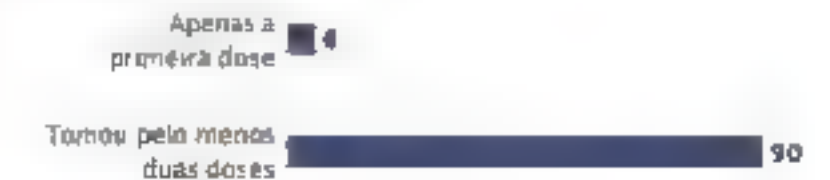
não ter sido contaminadas pela Covid, número incompatível com nossa realidade. Já os 20 milhões de testes positivos que não foram para nosso painel oficial demandam uma revisão importante do sistema de notificação. O atraso descabível dos números oficiais, desatualizados por mais de um mês, é um dos sinais das dificuldades que o sistema que o governo já tentou tirar do ar enfrenta. Independente da descrição mais proxima do elefante real de casos, se não tivéssemos vacinas e se todos os curados estivessem protegidos, ainda poderíamos ter pelo menos meio país vulnerável. Ou, olhando esse elefante por outro lado, ainda poderíamos ver o dobro de mortes se seguissemos o sonho de quem promove o contágio como forma de proteção na imunidade de rebanho. Felizmente nos vacinamos muito. Segundo o Datafolha, só 10% dos brasileiros com 16 anos ou mais ainda não tomaram duas doses de vacina. E só 2% não se vacinaram nem pretendem se vacinar. Um forte sinal de que nosso movimento antivacina conta com muitos não praticantes que falam mal da vacina em público, mas já enfiaram sua carteirinha de vacinação. A diferença para a estimativa de 100% da população adulta vacinada, registrada em algumas cidades, tem explicações. Os 100% totais são estimados com base no último Censo de 2010. E muitas cidades ainda têm uma população flutuante de trabalhadores e visitantes que não aparecem nos números oficiais. Por isso, números oficiais podem passar dos 100% dos adultos vacinados. Os 90% do Datafolha podem indicar algo mais próximo do real. Outro aspecto do elefante indica que estamos entrando em outro período perigoso. Segundo a pesquisa, cerca de 4 milhões de brasileiros acreditam que tiveram Covid nos últimos 30 dias. Mas outra resposta é ainda mais intrigante. Mais de um quarto dos entrevistados, o equivalente a 50 milhões, afirmam ter tido gripe nos últimos 30 dias. Temos uma epidemia de gripe, sem dúvidas. Mas a ômicron é o vírus com o espalhamento mais rápido que a humanidade já viu. Ela é pelo menos três vezes mais transmissível do que a gripe. Os sintomas mais comuns da ômicron em vacinados são bem parecidos com os da gripe, como nariz escorrendo, congestão nasal e garganta raspando. Provavelmente, muitos estão com Covid e confundem com a gripe, graças à proteção das vacinas. Mas não estamos tranquilos. Apesar da proteção que vacinados ainda têm mesmo contra hospitalização pela ômicron, se ainda tivermos 10% dos adultos sem vacina, podemos esperar um grande estrago. No Reino Unido, mais de 60% dos leitos de UTI são ocupados pelos menos de 10% da população que não se vacinaram. É uma parcela pequena que não se protegeu e que está sofrendo mais e ocupando mais o sistema de saúde. O elefante pode ser muito maior do que nossos sentidos nos informam.

## Maioria da população diz que já se vacinou

Você já se vacinou contra a Covid? Pretende se vacinar? Em %



Quantas doses de vacina contra a Covid você tomou até agora? (entre vacinados, em %)

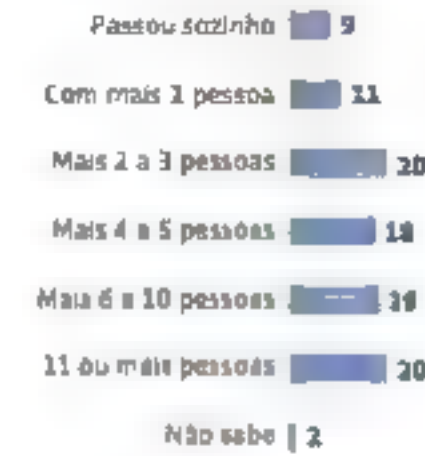


Quando você teve Covid, havia tomado alguma dose da vacina? Quantas? Em %

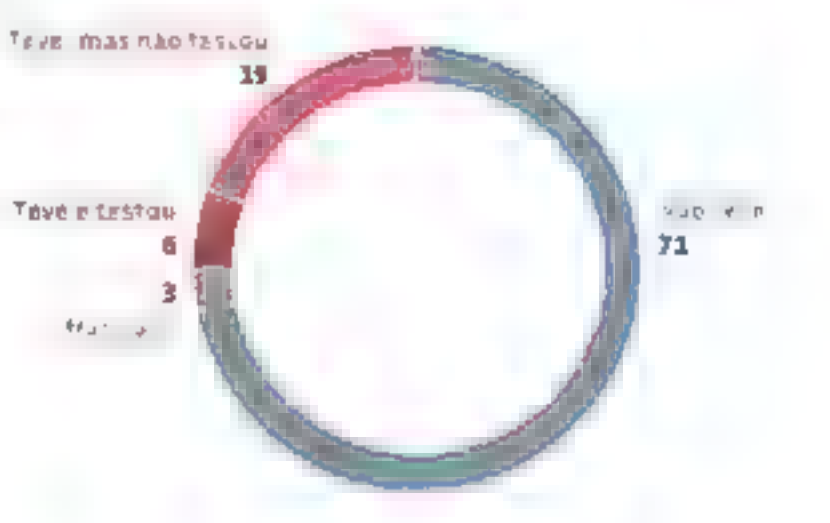


## 20% passaram o Réveillon com mais de dez pessoas

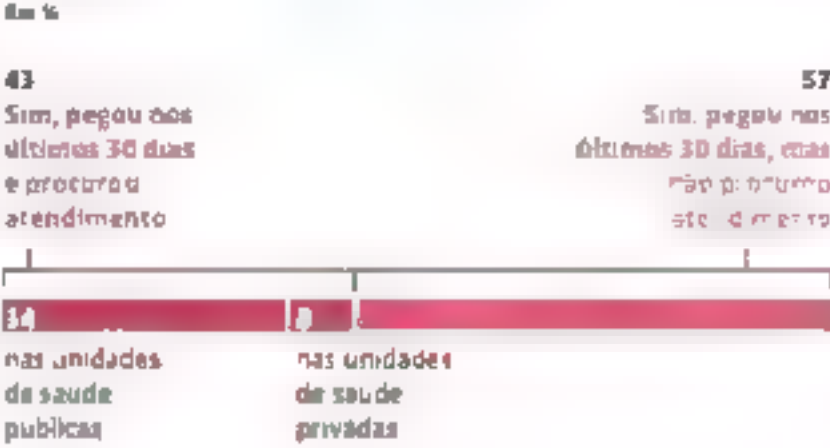
Quantas pessoas aproximadamente havia no local em que você passou a noite da virada de 2021 para 2022 no Réveillon? Em %



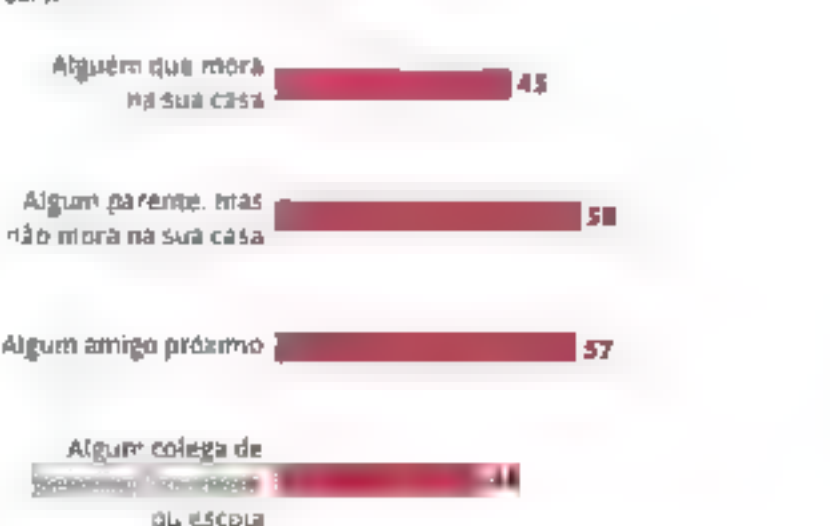
Pessoas que dizem que pegaram gripe nos últimos 30 dias Em %



Procurou atendimento médico para tratar dos sintomas da gripe? Em %



Nos últimos 30 dias, teve gripe? Em %



\*Considera a população de 16 anos ou mais.  
\*\*Dados oficiais informados pelo Ministério da Saúde até o consórcio de imprensa até quinta-feira, sem distinção de faixa etária.  
Fontes: Pesquisa Datafolha com 2.023 entrevistados por telefone com brasileiros adultos de 16 anos ou mais que possuem celular em todas as unidades do país nos dias 12 e 13 de janeiro de 2022. A margem de erro é de dois pontos percentuais.

# Maioria dos que tiveram Covid afirma que não estava vacinada à época

Philippe Watanabe

SÃO PAULO — Nove em cada dez brasileiros que afirmam ter contraído a Covid-19 não estavam com ciclo vacinal completo ou nem sequer estavam vacinados quando tiveram a doença, segundo pesquisa Datafolha. Foram entrevistadas por telefone 2.023 pessoas maiores de 16 anos em todos os estados brasileiros, entre as 12 e 13 de janeiro deste ano. A margem de erro é de dois pontos percentuais. A informação que abre este texto diz respeito somente ao grupo que declarou ter tido Covid, 647 pessoas. Nesse grupo, 10% dos entrevistados estavam com ao menos duas doses da vacina. O Datafolha aponta que pouco menos de 10% dos adultos do país afirmaram que não tinham a cobertura vacinal primária completa quando contraíram a doença. Isso representaria cerca de 15 milhões de brasileiros com mais de 18 anos e com menos de duas doses de vacina recebidas. Aqui vale uma ressalva: o instituto não diferenciou a vacina da Janssen, de dose única — em lunhas gerais, foi considerado que o imunizante em questão teria regime primário ideal de duas doses. No fim do ano passado, o Ministério da Saúde anunciou a orientação de que todos que tomaram a vacina da Janssen devem tomar uma dose de reforço da mesma fabricante de dois a seis meses após a dose inicial. De acordo com a pasta, há um aumento significativo da proteção com o reforço. O consórcio de veículos de imprensa, colaboração entre Folha, UOL, O Estado de S. Paulo, Extra, O Globo e G1, aponta que cerca de 68% da população total do Brasil já estão com esquema primário completo, ou seja, com duas doses de vacina ou com uma dose da Janssen — diferença importante de ser notada em relação aos dados do Datafolha. Para a população adulta, o consórcio aponta que 89,61% receberam duas doses ou o imunizante de dose única. Ao serem contaminados pelo SARS-CoV-2, 76% dos entrevistados brancos afirmam que não tinham tomado nenhuma dose da vacina e 87% e 86% de pardos e pretos, respectivamente, respondem o mesmo. Olhando por regiões, 79% dos entrevistados do Sudeste se contaminaram quando ainda não tinham tomado a vacina, contra 88% do Centro-Oeste e do Norte, e 87% do Nordeste. Ainda segundo a pesquisa, 95% dos assalariados sem registro, ao ter Covid, não tinham tomado nenhuma dose do imunizante. Porcentagem tão alta — também 95% — se repete somente entre estudantes. A taxa cai para 83% entre os assalariados registrados, para 69% entre funcionários públicos e para 65% entre aposentados. Há também diferenças entre as pessoas com ensino superior que contrairam Covid sem ter tomado nenhuma dose de vacina (77%) e as com ensino médio (87%) e fundamental (83%). A diferença é maior ao se observar as divisões por renda familiar. Cerca de 69% das pessoas com mais de dez salários mínimos de renda familiar mensal pegaram Covid ainda sem qualquer dose de vacina recebida. Para os que têm renda de até dois salários mínimos, a taxa sobe para 90%. Os dados anteriores po-

dem ser representações das diferentes pandemias vividas no Brasil, principalmente ao se considerar o período pré-vacinal, em 2020, e os primeiros meses de 2021, com imunização disponível apenas para alguns grupos étnicos, ao mesmo tempo em que a variante gamma fazia o país acumular números elevados de casos e mortes. Ao menos parte dos empregos formais, com salários costumeiramente mais elevados, possibilitavam o trabalho remoto e, consequentemente, menos deslocamentos e menos risco de contágio. Enquanto isso, outros trabalhos, principalmente os informais, com remuneração menor, resultaram em continuidade dos serviços e em um risco maior. No Réveillon, 20% estavam com 11 ou mais pessoas. Dois em cada dez brasileiros passaram a virada de 2021 para 2022 em grupos de 11 ou mais pessoas, segundo pesquisa Datafolha. Outros 19% afirmam ter passado a virada de ano com 6 a 10 pessoas. Isso quer dizer que cerca de 40% dos brasileiros passaram o Réveillon com 6 ou mais pessoas. Os mais jovens, de 16 a 24 anos, foram os que mais passaram a data em grupos maiores do que 11 pessoas (29%). Cerca de 21% dos entrevistados com ensino médio completo e 14% com ensino superior fizeram o mesmo. Na virada de 2020 para 2021, ainda sem vacinas, em meio à expansão da variante gamma no país e ao aumento de casos no Brasil e no mundo, especialistas e entidades de saúde indicavam que o mais seguro seria passar as festas de fim de ano em casa, sem deslocamentos e preferencialmente só com quem morasse na própria casa. Em compensação, na última virada de ano, com uma cobertura vacinal de ciclo primário (ou seja, duas doses de vacina) ampla na população adulta, especialistas apontavam que encontrar familiares seria algo possível. Mas com alguns cuidados básicos, como só haver no evento pessoas totalmente vacinadas e com dose de reforço (se possível), uso de máscaras e, de preferência, em locais ventilados. E um outro ponto ainda mais importante: grupos pequenos. A preocupação era o possível impacto que a ômicron poderia ter no país durante e após as festas de fim de ano. A variante tem uma capacidade de transmissão extremamente maior do que as anteriores. Logo no início deste ano os casos de Covid dispararam de modo nunca antes visto na pandemia. A média móvel de infecções explodiu 733% em relação a duas semanas atrás, segundo dados coletados pelo consórcio de veículos de imprensa. A média passou de 81,180 infectados por dia, em 31 de dezembro, para 68,160 casos diários, na sexta (14). As internações e ocupação de leitos de Covid também subiram rapidamente. Pelo menos um terço dos estados e dez capitais estão em alerta crítico ou intermediário para a ocupação de leitos públicos de UTI para a Covid, segundo boletim divulgado pela Fiocruz. A OMS (Organização Mundial da Saúde) chegou a alertar que a disponibilidade de vacinas poderia criar uma falsa sensação de segurança.





Antonio Luís Moreira e a mulher, Tatiana Dinato, participam de testes da Pfizer, o técnico em enfermagem Thiago Cuesta da Silva e o hematologista Cesar de Almeida Neto foram voluntários em estudos da AstraZeneca. E a pediatra Ana Escobar, da Coronavac. Fonte: Silva e outros. *Revista* 17 de maio de 2020

# Vacinação em massa orgulha voluntários em pesquisas

Mais de 55 mil participam de estudos de imunizantes contra Covid no país

Fábio Pescarini

**SÃO PAULO** No início de agosto de 2020, quando a cidade de São Paulo romava quase 12 mil mortes por Covid-19 e 240 mil casos confirmados da doença, Antonio Luis Mota Moreira, o DT Tony, 68, assistiu a uma reportagem sobre o recrutamento de voluntários para a terceira fase de testes da vacina da Pfizer contra o novo coronavírus.

Vizualiza a chance de dar uma segurança a mais para a mulher, a gerente de marketing digital Tatiana Dinato, 36, do grupo de risco por ser assintomática. Os dois superaram o receio de participar de um projeto incerto e, na manhã seguinte, estavam no laboratório responsável pelo recrutamento na Zona Sul de São Paulo.

Tony e Tatiana fazem parte do grupo de mais de 55 mil pessoas que desde 2020 participam de estudos clínicos de vacinas contra a Covid-19 no Brasil, segundo a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Ao todo, são 11 projetos aprovados. No mundo, há 316 vacinas em desenvolvimento, das quais 131 na fase de testes clínicos.

No fim, Tony, que queria adiantar a vacinação da mulher, é quem foi imunizado. Ela recebeu placebo.

O B/ tomou a primeira dose cinco meses antes do início da vacinação em geral, em 17 de janeiro de 2021, mês em que finalmente Tatiana foi imunizada no projeto da Pfizer.

Ambos não foram infectados, à tomaram a terceira dose e vão ser monitorados durante dois anos pelo projeto, que tem visitas periódicas para realização de exa-

mes, acompanhamento médico, aplicativo para preenchimento de questionário sobre o estado de saúde e um kit de teste para Covid em casa.

"Foi a coisa mais importante que fiz na vida. Fui voluntário de uma vacina que está salvando vidas", diz o DI sobre um sentimento comum entre os voluntários ouvidos pela Folha, o orgulho por ter colaborado com estudos que já garantiram a imunização

completa de 145 milhões de pessoas no país.

"Vou muita coisa ruim nesta pandemia, tristes, por isso, quando soube da possibilidade de me voluntariar para vir aqui, acho que poderia contribuir para a saúde das outras pessoas", afirma a enfermeira Line Cristina Dias Alves, 44, coordenadora da UTI (Unidade de Terapia Intensiva) adulta do Hospital São Paulo, na zona sul da capital.

Diziam que eu seria cobala, mas eu tinha era uma satisfação de dever cumprido

**Cecília Travaes**  
enfermeira, voluntária  
em estudo da Coronavac

Iane foi voluntária na Unesp (Universidade Estadual de São Paulo) para o desenvolvimento do AstraZeneca. Ela recebeu a primeira dose em julho de 2020. E só soube que havia sido imunizada de verdade em janeiro de 2021, quando começou a vacinação dos profissionais da saúde e houve a abertura do "cegamento" que informa se a pessoa recebeu vacina ou placebo.

Ela ainda levou o voluntariado para casa. Seu pai de 72 anos fez parte dos estudos da Unifesp para a aplicação da AstraZeneca em idosos.

lane não teve trações à injeção. O que não aconteceu com a enfermeira Cecília Tavares, 42, voluntária para estudos da Coronavac. Supervisora técnica da rede municipal de saúde na Vila Alpina na zona leste, ela afirmou ter sentido o mal-estar relatado

por algumas pessoas que são vacinadas. "Mas é um orgulho imenso participar de um projeto como esse."

Imunizada quando a campanha foi aberta ao público, ela pegou Covid-19 em abril do ano passado.

"Não tive medo pela garantia da vacinação, me sentia muito fortalecida" disse a enfermeira, que relatou as críticas feitas por colegas ao se inscrever no programa de estudos. "Diziam que eu seria tola, mas eu tinha era uma satisfação de dever cumprido".

Cesar de Almeida Neto, hematologista do Dasa Hospital e de Juízo, na Bela Vista, na região central, afirmou ter sido chamado de leuco quando disse que se envolvia nos estudos da AstraZeneca. E não se esquece daquele 27 de setembro de 2020, quando tomou a primeira dose de um placebo na Lufoso.

"Na época pensei que, se a gente iria necessitar destas vacinas, era preciso que pessoas se voluntariassem. Fui sem medo", afirmou ele, que, sem ter sido imunizado no estudo, tornou a primeira dose da Coronavac em 26 de janeiro, quando a vacina foi aplicada em médicos do Hospital de Julho. "Não me vi no direito de não aceitar a Coronavac porque estava na pesquisa [da AstraZeneca] para garantir, inclusive, a segurança dos meus pacientes".

“Médicos do Hospital das Clínicas afirmaram que estavam recrutando profissionais de saúde com mais de 60 anos para testes da Coronavir, daí falei na hora: ‘sou eu’”, brinca ainda hoje Ana Escobar, 63, pediatra e professora da Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo), que recebeu a segunda dose da vacina em dezembro de 2020.

Aprovamos, que foi infectado com o vírus, mas não passou a ter os sintomas leves, afirmou o vereador, em praça pública, para preparar o alívio que está a acontecer em um caso maluco e que ainda usa argumentos de equilíbrio para convencer outras pessoas a se vacinarem.

"Muitos me chamaram de corajosa, que fui cooptada", afirmou a bióloga Cristina Piratininga Jatobá, 58, que tomou dois placebos em estudo da AstraZeneca. "Só que não participei do projeto por ato de coragem, mas para colaborar com a ciência", afirmou.

Para Thiago Cuesta da Silva, 41, que trabalha em UTIs nos hospitais São Paulo e Samaritano Paulista, os voluntários podem ser considerados "pilotos que pegaram um avião em pânico".

"Era preciso bater no peito e tentar achar algo que fizesse tudo que acontecia", disse o técnico em enfermagem, que fez parte dos estudos da Oxford, AstraZeneca.





ESTABIMOS  
PODE SER SUA



Blue



249

37% OFF

Antigo R\$ 380,00



249

37% OFF

Antigo R\$ 380,00



128

37% OFF

Antigo R\$ 200,00



149

37% OFF

Antigo R\$ 230,00



49

37% OFF

Antigo R\$ 75,00



28

37% OFF

Antigo R\$ 45,00



SAC

11115033-2021

VISITE NOSSO SITE

WWW.NICOM.COM.BR

R. Atten, 47 - Brooklin - SP/SP

Tele: 11 5033-2000 98200-1400





# cotidiano



Reprodução Observatório IDS

## METEORO É VISTO EM CIDADES DE SÃO PAULO, MINAS GERAIS E GOIÁS

Moradores de cidades de Minas Gerais, São Paulo e Goiás registraram a queda de um meteoro na noite de sexta-feira (14). Além das imagens, uma explosão foi ouvida em alguns lugares. O bolido, como é chamado o meteoro em chamas, aconteceu às 20h53 (horário de Brasília), de acordo com o observatório IDS, em Patos de Minas. "É comum [a queda de meteoros] mas não nessa magnitude e com possibilidade de fragmento no solo", afirmou Ivan Soares, operador da Bramon (Brazilian Meteor Observation Network) e responsável pelo Observatório IDS.

# De Kung Fu a ioga, SP oferece 70 ações públicas aos idosos

Até 2024, projeto pretende implantar atividades em toda a capital paulista

### VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO "Acabei de voltar da aula de zumba. As vezes esqueço que tenho 71 anos" É assim que a aposentada Ivone Rodrigues Ciocki inicia a conversa com a reportagem. Ela também luta kung fu e joga capoeira no Polo Cultural da Terceira Idade no Cambuci, no centro de SP.

Essas atividades fazem parte do Plano Intersetorial de Políticas Públicas para o Envelhecimento, lançado pela Prefeitura de São Paulo em outubro de 2021 com o compromisso de implementar 70 ações para pessoas acima de 60 anos até 2024 em áreas como cultura, saúde e cuidado domiciliar.

De acordo com Raissa Monteiro Saré, coordenadora de Promoção e Defesa de Direitos Humanos, o programa quer mostrar que os idosos tem valor à sociedade. "O objetivo é que eles interajam e conheçam outras pessoas além de aproveitar todos os serviços que oferecemos para desfrutarem de autonomia".

Em São Paulo, 15% da população da capital paulista tem 60 anos ou mais, e a previsão da Fundação Seade é que o percentual dobre até 2050. Segundo estimativa do IBGE, a cidade tem 12,4 milhões de habitantes em 2021.

Muito mais do que bem-estar ou passatempo, os mais velhos precisam de autonomia e saúde para terem disposição. Para isso, eles devem ser vistos e ouvidos. É assim que a antropóloga Miriam Goldenberg, 65, uma das maiores estudiosas da velhice do país, descreve a qualidade de vida na maturidade.

Para a especialista —colunista da Folha e autora de



A aposentada Ivone Rodrigues Ciocki, 71, treina kung fu na Vila Itoorô. Ilustração: Hugo Falcão

30 livros, entre eles "A Invenção de uma Bela Velhice", o Estado, a sociedade e a família não devem ser obstáculos nesse processo, e, sim, facilitadores. "Não podemos roubar a autonomia de mais velhos. É preciso combater a velhofobia que está impregnada dentro das nossas próprias casas de nós mesmos". Por essa razão, uma das ideias do programa é usar o conhecimento e as lembranças dos mais velhos para um intercâmbio com novas gerações, como no Brincando Como Antigamente, da secretaria de Esportes. Ali, os idosos vão encontrar jovens para contar histórias e ensiná-los a construir brinquedos do passado e, claro, a interagir com eles.

Além dessas atividades, como culinária, danças variadas, artesanato, pintura em tecido e oficina da memória, que já existiam em sua rotina antes do programa, a coordenadora afirma que no Polo Cultural os idosos podem se voluntariar para ensinar aos de mais sobre algum assunto que eles dominem. "Já temos idosos ensinando francês e espanhol, por exemplo, a outros idosos. Mostra como estamos abertos a receber ajuda deles mesmos".

A ideia da prefeitura, explica Raissa, é que todas as 469 UBBS (Unidades Básicas de Saúde) da capital paulista tenham alguma atividade para envelhecimento ativo.

Para Miriam, as políticas públicas propostas pela prefeitura são boas, mas precisam ser implementadas imediatamente, agora, já.

Não podemos roubar a autonomia dos mais velhos. É preciso combater o que chamo de 'velhofobia', impregnada dentro das nossas próprias casas, de nós mesmos

Miriam Goldenberg, antropóloga, escritora e estudiosa da velhice no país

## Conheça 25 iniciativas voltadas aos idosos até 2024 em São Paulo

### CENTRO

- Kung fu e capoeira
- Teatro
- Oficina de memória e história
- Oficina artesanal para criar pratos saudáveis
- Conhecimento digital: dicas para usar tablets e celulares

### LESTE

- Programa Vem Dançar (bailes temáticos)
- Culinária
- Rodas de música
- Suporte domiciliar para ir ao banco, alimentação e fazer compras
- Treinamento de profissionais para o cuidado ao idoso

### OESTE

- Jogos e brincadeiras
- Cinema e exposições
- Roda de histórias
- Oficinas de tapeçaria e artesanatos
- Acompanhantes levam idosos a consultas, exames, mercado e cinema

### NORTE

- Danças circular e livre
- Passeios culturais
- Caminhadas
- Uso de quadras e piscinas
- Centros Educacionais Unificados tem cursos como administração e aprendizagem de instrumentos

### SUL

- Tai chi chuan
- Pintura em tela
- Empréstimo de livros em bibliotecas
- Atividades físicas
- Ações de autocuidado e autonomia a idosos debilitados a cozinhar, tomar banho e arrumar a casa

### Serviço

Confira mais informações e os endereços no site [www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos\\_humanos/idosos/rede\\_de\\_atendimento](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/idosos/rede_de_atendimento)

\* A maioria das atividades citadas já estão disponíveis nas cinco regiões de cidade

## MORTES

colana.06@uol.com.br

## Elo da família, não media esforços para ajudar os amigos

ALAN VINÍCIUS BARCELOS XAVIER (1988-2022)

Priscila Camazano

SÃO PAULO O empresário Alan Vinícius Barcelos Xavier fazia questão que todos ao seu redor estivessem bem. Os familiares, os amigos e os funcionários eram sempre bem assistidos por ele. Considerado o elo da família, organizava tudo para todos e sempre com bom humor.

"Alan tem uma história muito bonita com os amigos e as pessoas que contratavam os nossos serviços. Ele foi muito homenageado. No dia do velório, vi o tanto que ele era amado e querido por todo mundo e que não era só o meu amor que enxergava isso", afirma a viúva, Camila de Arruda Volpado, 31. Segundo filho de pais goi-

anos, ele nasceu em Quirinópolis (GO), mas foi criado em Curitiba (MT). Alan tinha um irmão um pouco mais velho que nasceu no mesmo dia que ele, mas que infelizmente os pais também perderam há alguns anos.

Há sete anos, conheceu Camila por meio de uma amiga em comum. "Desde então nunca mais ficamos longe nem que fosse por um dia", lembra a viúva.

Formado em engenharia ambiental, ele administrava, com a mulher e os pais, a empresa Xavier Engenharia Sanitária e Ambiental.

"Nosso objetivo era trabalhar para poder dar um estudo muito bom para a filha dele — de dez anos, fruto do primeiro casamento por quem ele era apaixonado e muito dedicado — e uma qualidade de vida para os pais dele", afirma Camila.

Alan era muito desafiador. Ele tinha pressa na vida para resolver as coisas e era muito sonhador, mas com o pé no chão. Os dois eram parceiros no lazer e no trabalho. "Gostávamos de ficar com a família, de ir para a fazenda e trabalhar o gado. Nós sempre fomos muito parceiros

em tudo nessa vida."

O empresário e 14 amigos ficaram conhecidos após o vídeo de uma pegadinha feita no Ano-Novo viralizar nas redes sociais.

As esposas combinaram de comprar para os maridos o mesmo estilo de camiseta. Sem saberem, foram convencidos a vestir a peça de roupa em tom de azul, rosa e branco.

Protesto e Serviço Funerário Municipal de São Paulo.

tel. (11) 3396-3100 e central 156, prefeitura.sp.gov.br/serviciofunerario

Anúncio pago na Folha. Tel. (11) 3224-0000. Seg. a sex.: 10h às 18h. Sáb. e dom.: 10h às 17h.

Assa grátis na seção Folha/Anúncios até às 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos). Os pedidos devem ser feitos até às 18h em um site ou formulário de telefone para chegar antes das 17h.





Alana (2) volta

# Cento e cinquenta

É o número de pessoas com quem conseguimos ter relações significativas

Antonio Prata

Escritor e jornalista, autor de "Nu, da Bonas"

O Ilan Kirw me apresentou o produtor do Alan Aida, o Alan Aida me apresentou aos estudos do Robin Dunbar, e Robin Dunbar não me apresentou a ninguém — mas falou coisas muito interessantes na entrevista. O Ilan foi meu editor no

Estúdio. O Alan foi o protagonista de M.A.S. O Ilan é meu amigo. O Alan, infelizmente, não. Robin Dunbar, antropólogo, psicólogo e primatologista britânico, não é meu amigo, nem do Ilan, nem do Alan, mas em compensação

descobriu e batizou o "Número de Dunbar". Cento e cinquenta é, na média, a quantidade de pessoas com quem um ser humano consegue estabelecer relacionamentos significativos, simultaneamente.

Não só um ser humano. Per-

to de 150 é o número máximo em qualquer bando de primatas. Pense nisso, aí vai se em dois. Quando eram os caçadores e coletores, cente cinquenta era a média de indivíduos de cada grupo. O Facebook fez uma pesquisa com 60 mi-

lhões de usuários e descobriu que, apesar de uns perfis terem trezentos "amigos" os que realmente importam são, estatisticamente, 150.

Segundo Dunbar, num povoado com até 250 moradores, todo mundo se conhece e as relações pessoais funcionam como instituições. Você evita bater a carteira da senhora sentada sobre o monte de feijoão não pelo imperativo moral, mas porque a senhora sentada sobre o monte de feijoão é a dona Maquili, filha do Elcinho Bola Sete, que tocava triângulo no bando de salsa do tio Olavo — que Deus o tenha. Passou de 150, virou buganga: entra polícia, catraca, pusei-rinha VIP e outros bulhufan-dos foucaultianos.

Robin Dunbar cita estudos: pessoas com muitas vinculações significativas adoecem menos e vivem mais. Tocar triângulo na banda de salsa do tio Olavo faz com que o cérebro do Elcinho Bola Sete libere dopamina, que colubara no fortalecimento do sistema imunológico. Imagina quantos meses de vida não ganhamos com um abraço coletivo num galho de Cornélias?

Entre os 150, cada indivíduo tem uma relação íntima com apenas cinco pessoas. Durante a pandemia, aos trancos e barrancos, demos um jeito de continuar próximos desses cinco. Dos outros 145, não. Minhas maiores alegrias nes-

ta reabertura (momentaneamente pausada pelo pente-lho do ômicron, mas em breve retomada, inexorável e definitivamente) têm sido ver estes 145.

Quatro dia visível minha amiga Flávia. Quem abriu a porta foi o marido, Luiz. A gente se conhece pouco. Pra mim, ele é marido da minha amiga. Pra ele, sou amigo da mulher. Mas foi bater a olho pra sentir meus leucócitos bombando e entender que o mesmo ocorria no sistema imunológico adiante. Deu vontade de abraçar e pular gritando "orô, urô, urô, 150 é nosso!"

Desde que se apresentou, há 30 anos, o pai do Ilan encontrava seus cinco amigos duas vezes por dia. De manhã, tomavam café na padaria do esquina. Mesma mesa. Mesmas lugares. Fim da tarde tomavam café numa doceria do shopping. Mesma mesa. Mesmas lugares. Ano retrasado, a padaria foi reformada e meteram uma catraca bem onde a turma do pai do Ilan se sentava. Não consultaram os caras, nem avisaram. O pessoal chegou pra tomar café e o programa tinha morrido.

Num bando de leões, digamos, 130 machos preta, duvidando que isso ocorra, e primeiramente que chegasse a um catraca recebia um sopro de medo e desistia da estupidez. É meio nojento, mas, convenhamos, tem subordina.

BOM, Antonio Prata | SES, Marcia Castro, Maria Hornem | TER, Vera Jacobelli | QUIN, Gloria Szabo de Carvalho, Jairo Marques | QUA, Sergio Rodrigues | SEX, Tati Bernardi | SÁB, Oscar Vilhena Vieira, Luis Francisco Carvalho Filho

## classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse  
folha.com/classificados

11 3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MANUTENÇÃO**  
107 - Aca, manutenção  
Cardinal Teodoro 526-1076

**sigla folha**

**CLASSIFICADOS FOLHA**  
11/3224-4880

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**T**

**TOURNEO PERMANENTE DE MAN**







esporte

# Busca por técnico estrangeiro cresce e 2022 inicia com recorde de forasteiros

Seis clubes da Série A começam o ano com treinadores de fora do país, superando 2021 e 2020

Bruno Rodrigues

SÃO PAULO O português Paulo Sousa, 51, e o uruguaio Alexander Medina, 43, já se apresentaram aos seus novos comandados e deram início à pré-temporada no Flamengo e no Internacional, respectivamente. Antônio "Turco" Mohamed, argentino de 51 anos, foi anunciado na última quinta-feira (13) pelo Atlético-MG e em breve começará a trabalhar com a equipe mineira.

O trio se junta a outros três estrangeiros que comandam clubes da Série A do Campeonato Brasileiro: o também lusitano Abel Ferreira, 43, do Palmeiras, o paraguaio Gustavo Morinigo, 44, do Coritiba, recém-promovido à primeira divisão, e o argentino Juan Pablo Vojvoda, 46, do Fortaleza.

Nunca neste século uma temporada do futebol nacional havia se iniciado com seis comandantes de fora do país na elite. Tanto em 2021 como em 2020, que detinham o recorde até então, quatro clubes tinham começado o ano com nomes não brasileiros.

Jorge Jesus, um dos responsáveis por essa busca de treinadores de outros países, em razão de seu sucesso à frente do Flamengo em 2019, foi considerado pelo próprio clube carioca como uma opção para assumir o time após a saída de Renato Gaúcho. Seu contrato Paulo Sousa acabou ficando com o cargo.

Demitido do Benfica, seu também foi despedido pelo Atlético-MG, outro negócio que não se concretizou.

Os títulos do português pelo Flamengo há dois anos an-

tensificaram a procura dos rivais por suas versões particulares (e raras) de estrangeiro que chega, logo se adapta e vence. Na temporada 2020, no ano seguinte às conquistas de Jesus na Libertadores e no Brasileiro, dez técnicos de fora desembarcaram em clubes da primeira divisão.

Em 2021, o número foi menor, mas a busca continuou grande: nove treinadores comandaram equipes da Série A. Entretanto, apesar da aposta constante em forasteiros, vale para esses profissionais a mesma lei da curta duração que aflige muitos técnicos brasileiros.

Dos nove que passaram por clubes da elite em 2021, apenas Abel Ferreira, Juan Pablo Vojvoda e Gustavo Florentin viraram parte empregados.

Os argentinos Ariel Holan e



O técnico português Paulo Sousa, 51, comandará o Flamengo nesta temporada

## Técnicos estrangeiros na elite do futebol brasileiro em 2021

Menos profissionais de fora passaram por clubes da Série A em comparação a 2020



# Australian Open oferece mais do que a novela Novak Djokovic

Daniel E. de Castro

SÃO PAULO Após ser o noticiário praticamente tomado pela novela Novak Djokovic nas duas últimas semanas, o Australian Open, primeiro evento de Grand Slam em 2022, começa nesta segunda-feira (17) noite de domingo no Brasil.

O torneio volta ao mês de janeiro após ser adiado para fevereiro em 2021 por conta da pandemia. Desta vez, com a exigência de vacinação, não houve imposição de quarentena, mas o aumento de casos de Covid relacionados à vari-

ante ômicron fez com que o público fosse limitado a 50%.

A primeira rodada acontece a partir das 20h deste domingo (16) no horário de Brasília. Os canais ESPN transmitem na TV fechada, e todos os jogos estarão disponíveis no Star+ streaming da Disney.

Há algumas ausências importantes confirmadas. Roger Federer e Serena Williams, ambos com 40 anos e em recuperação de lesões, serão destaques. A dupla brasileira Luísa Stefani, que precisou passar por cirurgia no joelho direito, também está fora.

Se Djokovic for retirado da chave, o favoritismo passará para o russo Daniil Medvedev, 25, e o alemão Alexander Zverev, 24. Em caso de título, eles poderão se aproximar de uma meditação do ranking.

Segundo e terceiro colocados, respectivamente, conquistaram três dos principais títulos em disputa no segundo semestre de 2021. Zverev foi campeão olímpico e do ATP Finals, e Medvedev venceu seu primeiro Slam ao dominar Djokovic na final do US Open.

O retrospecto dos confrontos está empatado em 6 a 6. O

russo vinha de cinco vitórias consecutivas, desde 2020, até ser derrotado pelo alemão na decisão do ATP Finals.

Zverev ainda busca o seu primeiro título de Slam, assim como o grego Stefanos Tsitsipas, 23, que tenta recuperar a boa forma de primeira metade de 2021, antes de sofrer lesão no cotovelo direito.

Rafael Nadal, que assim como Novak Djokovic possuiu todos os Grand Slam, mas agora contrário do serviço está devidamente vacinado, terá a oportunidade de se tornar o recordista com 21 títulos.

Depois de jogar apenas um torneio no segundo semestre, Nadal, 35, voltou às quadras com título há uma semana, no ATP 250 de Melbourne.

O espanhol deve chegar com grande apetite e não pode ser descartado, mas os torcedores devem sempre estar atentos em que ele teve mais dificuldades para triunfar mesmo nos melhores dias. Foi um dos quatro grandes eventos que venceu apenas uma vez, em 2009.

Com quatro títulos de Grand Slam, dois em Melbourne e dois em Nova York, Naomi Osaka, 24, sempre chega à

Austrália bem rotada para vencer. Foi o que ela conseguiu em 2021, em campanha na qual perdeu apenas um set e sobreviveu após salvar dois match points diante de Garbiñe Muguruza nas oitavas.

O restante da temporada foi marcado por emoções e turbulências. Foi escolhida para acender a chama olímpica em Tóquio, mas teve atuação ruim em quadras nos jogos em casa. Também pautou discussões relevantes ao recusar dar entrevistas coletivas em Roland Garros e revelar um quadro de depressão.

# Aumentaram as esperanças

Não sou cego. Reconheço que muitas coisas melhoraram no futebol

Tostão

Centista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Há tempos, crítica a maneira ultrapassada de jogar de várias equipes brasileiras, a ausência de mais craques na seleção, no nível das melhores do mundo, e a estrutura viciada e desorganizada do futebol brasileiro. São reflexos do que acontece no país, da falta de profissionalismo, da pouca assistência em fazer bem-feito e do pouco desenvolvimento técnico, social, educacional e moral que assola o Brasil.

Mas não sou cego. Reconheço que muitas coisas melho-

ram no futebol, como a presença, no ano passado, de três clubes fortes, dentro e fora de campo, Flamengo, Atlético e Palmeiras. Outras equipes, como Fortaleza, Bragantino e Athletico, tiveram, na medida, bons resultados e desempenhos. Vi também evoluções nas estratégias de jogo, pressão para recuperar a bola, defesa e ataque em bloco e maior troca de passes.

Na seleção, aumentaram as esperanças com a enorme evolução de Vinicius Junior e com

as boas atuações, nos clubes e na time brasileiro, de vários outros jogadores, como Paquetá, Fabinho, Militão, Raphaela e Antony.

Faltam à seleção jogadores excepcionais na função de centroavante, nas laterais e no meio-campo, naquela posição que é chamada no Brasil de segundo volante, que joga de uma intermediária à outra, que marca, constrói e ataca.

O melhor que atua nessa posição no Brasil, Edmilson, não foi convocado, não por injusti-

ça, mas pela incapacidade do país de formar grandes jogadores nessa posição. Edmilson tem 32 anos, destaca-se mais pela força física, pela capacidade de atacar e de defender, e não fez a formação habitual das categorias de base.

Durval Alves, que terá 39 anos na Copa, foi convocado e, provavelmente, será o titular no Mundial. Contra o Real Madrid, além de mostrar sua classe nos passes, marcou bem Vinicius Junior. Em vez de chegar junto para tomar a bola,

Daniel recuava para não receber a bola nas costas. O Brasil não tem outro excelente para a posição. Danilo, contido, é apenas um bom jogador, e Emerson, convocado, não tem talento para jogar na seleção.

Tite mudou, nas últimas convocações, vários jogadores. Salom Firmiano, Ruanilson, que está lesionado, e Everton Cebalhinha, e entraram Raphaela, Antony, Matheus Cunha, Rodrygo e Vinicius Junior. No Real, Vinicius Junior aprendeu a ser um pontavél e driblador, também a entrar pelo meio, no momento certo, para definir a jogada com um passe ou com uma finalização. Mas ainda é cedo para colocá-lo no nível dos melhores jogadores do mundo.

Como Neymar está contido e Paquetá, suspenso para a primeira partida contra o Equador, é provável que, de acordo com a esquema tático que tem sido utilizado, Couti-

nho, mesmo fora de forma, seja substituído de Neymar, para atuar mais próximo ao centroavante. Essa é a melhor posição para ele, pois dribla e finaliza bem de fora da área. Na Copa de 2018, Coutinho jogou muito recuado, na função de Renato Augusto. Não tinha força física para atacar e defender.

Quando tiver Vinicius Junior pela esquerda e Neymar pelo centro, próximo ao centroavante, Tite terá de arrumar uma posição para Paquetá, pela direita ou mais recuado, no lugar de Fred, pelo menos em alguns momentos da partida.

Paquetá pode também atuar mais à frente, como no Lyon, entre Vinicius Junior e Neymar, dois atacantes agressivos, que precisam contar com um facilitador, com toques rápidos e precisos. Conheço essa história. A vida e o futebol não começaram nem terminaram com a internet.



NOSSO ESTRANHO AMOR

Bob e Ana: o casal menos vigiado do Brasil

Pouca gente sabe, mas, antes de o BBB começar, há uma espécie de ensaio de Big Brother Brasil que acontece escondido do grande público. É uma das fases finais do processo seletivo do programa, em que a direção junta candidatos que já foram entrevistados por horas. E colocam essas pessoas em um salão de festas de hotel para... Bom, para viver, assim como elas vão fazer numa casa vigiada por câmeras e por milhões de brasileiros. “Não sabem nada. Te deixam solto num salão de festas e ficam ali, olhando como você vai reagir. É bem doido”, diz Bob, um empresário que foi para a final da seletiva do BBB anos atrás. “É muito esquisito, porque ninguém sabe o que fazer. É tipo receber uma prova do Enem, mas com as perguntas em branco. Você precisa responder sem saber qual é a pergunta” ri a dançarina Ana, que participou do processo seletivo no mesmo ano que Bob. Nenhum dos dois vai revelar sua identidade porque, ainda

eles assinaram com seus nomes completos um contrato de confidencialidade. No dia do ensaio de BBB, os dois acharam por bem mostrar o que tinham de mais unco. “Eu fiz a simpática. Comecei a puxar papo com todo mundo, fazer piada, mostrar que eu rendia”, diz Ana. Já Bob apostou na marra como característica que o faria único. “É uma situação esquisita, então eu já tava meio cabreiro. Cruzei os braços e conversei com quem parecia comigo. Eu não sou bom de fingir, e não ia fingir que sei fingir, sabe?” O experimento social durou quase quatro horas. Eles contavam que, em dado momento, uma pessoa se agachou em um canto e começou a chorar. Pessoas fletaram. Houve um ensaio de briga, mas punhos não foram empregados — até porque uso de violência física é eliminação do programa na certa. Ao fim da tarde que passaram confinados no hotel, num bairro periférico de São Paulo, os dois já tinham feito amigos. Bob tinha passado a maior

parte do tempo conversando com um chef de cozinha que como ele, queria abrir um restaurante. Já Ana tinha criado uma pateta com um maquiador e uma estudante de direito. “É tão esquisito, porque eu sentia que a gente podia ser amigo mesmo, tipo melhor amigo, por mais que tivesse se conhecido naquele dia”, diz ela. O olhar dos dois não se cruzou durante o ensaio de BBB. Mas, assim que saíram do hotel, se viram na mesma rodinha de meia dúzia de pessoas. O grupinho cometeu uma união. Foram para o apartamento de uma das amigas de Ana para tomar uma cerveja e conversar sobre a experiência surreal que estavam vivendo em sigilo, e com isso descumpriram a ordem da produção, que era de não manter contato. Ali, na casa de um candidato a BBB, os dois conversaram e trocaram telefones. Mas só foram trocar mensagens meses depois, quando o programa já havia estreado. Saíram para tomar uma cerveja sem burlar as regras de um processo seletivo. Falaram de BBB. De como nenhum dos dois tinha recebido uma resposta negativa, só deixaram de ser procurados pela produção. Falaram sobre

a dificuldade que era não poder contar para ninguém que estavam prestes a entrar no programa mas comentado do Brasil. E daí pararam de falar de uma simulação de vida real e começaram a falar da vida real mesmo. F deram risada. E viram que tinham muita coisa em comum, e ainda mais coisa de diferente, mas de instigante. Veio o beijo. E um segundo date. E um terceiro. E, quando viram, já estavam juntos há algumas edições de BBB, com planos de casamento (em breve) e filhos (em breve se depender dele, daqui a uns dez anos, se depender dela). O casal de ex-quase-funerais BBBs hoje vive longe das câmeras. Ela abriu uma escola de dança, que teve de fechar durante a pandemia e resgatar no meio de 2021. Ele trabalha em uma empresa de telefonia móvel, mas ainda sonha com o restaurante próprio. Os dois dizem que não trocaram os empregos por um convite de Boninho. Mas vão estar na frente da televisão no dia 17 de janeiro de 2022, com os olhos costurados na tela para ver quem serão os participantes do programa. “Só quem já participou sabe como aquilo é esquisito”, diz Ana. “Ou quando se partiu ipôu”, arremata Bob.



Erik Jennings Simões via BBC News Brasil

IMAGEM DA SEMANA

Viralizou a imagem de um jovem do povo Zé'ê do Pará, carregando o pai nas costas para tomar a vacina contra a Covid-19. O registro foi feito pelo

médico Erik Jennings Simões em janeiro de 2021, mas só foi publicado nesta semana. Exceção entre os indígenas, muito impactados pela pandemia,

os 325 Zé'ê não registraram casos de coronavírus. Eles adotaram estratégia de isolamento que os separou em grupos menores que não se cruzavam.

FRASES DA SEMANA

**BEM VINDA, A CASA É SUA**  
**Jair Bolsonaro**  
Presidente imbuído em garantir ao povo brasileiro a liberdade de expressão e de imprensa, o impacto da chegada da variação ômicron no Brasil é o que a população não conseguiu mais. Um senhor de 68 anos com as mãos doentes da vacina, mas com um

**NENHUM POR TODOS, TODOS POR JM**  
**Especialistas da OMS**  
Grupo alerta em comunicado em 11 de março (14) que doses de reforço de vacina não funcionam para combater a pandemia de Covid-19 e é preciso desenvolver vacinas melhores. “É improvável que uma estratégia de vacinação

baseada em reforço imediato das primeiras vacinas seja apropriada ou viável”

**VIVER NA PELE**  
**Luís Fernandes Júnior**  
Guinéense foi vítima de racismo ao ser acusado de roubo após tentar comprar pão na Zara no Shopping da Bahia. “Foi perceber o racismo no Brasil. Nunca havia vivido isso. Na Guiné-Bissau, a discriminação se trata mais de uma questão de privilégios econômicos de alguns cidadãos que herdaram poder de portugueses ou, então, daqueles que falam português com sotaque de português e são vistos como mais inteligentes”

**TETO NA CULTURA**  
**Regina Duarte**  
A atriz, que chefiou a Secretaria Especial da Cultura em 2020, celebrou a união

do secretário de fomento da Secretaria Especial da Cultura, André Portunus, que prevê a criação do teto para doações em projetos culturais, regulados por meio da Lei Rouanet para R\$ 3 milhões.

**“Novidade importante para o setor cultural brasileiro”**

**DO LATIM CANCELLARE**  
**Papa Francisco**  
O pontífice criticou na segunda-feira (10) a cultura do cancelamento em um discurso à plateia de mais de 150 países. “Sob o pretexto de defender a diversidade, acaba anulando todo o sentido de identidade com o risco de silenciar posições que defendem uma compreensão respeitosa e equilibrada das várias sensibilidades”

**LA VIE SANS ROSE**  
**Stefano Paoloni**  
Senador-geral do sindicato de policiais italiani aos 50 anos divulgou na

quarta (12), protestando contra uma lista de músicos enviados aos agentes na cidade de Palermo. A polícia recebeu uma carta em “proteção” da “dignidade” de um músico.

**“As razões por trás da compra de máscaras de uma cor que não parece adequada à nossa Administração não são conhecidas, e a decisão de aprovar esta compra é desconcertante”**

**DISTANCAMENTO**  
**Gabinete de Boris Johnson**  
Representantes do governo se reuniram na sexta-feira (14) após revelação de que funcionários do governo quebraram as regras de confinamento e fizeram festas em Downing Street na véspera do funeral do príncipe Philip.

**“É profundamente lamentável que isso tenha acontecido em um momento de luto nacional, e o número 10 [referência à residência oficial do premiê] pediu desculpas ao Palácio”**

CRUZADAS

**HORIZONTAIS**  
1. Acrescentado. 2. Estonteado e perturbado. 3. (Vanessa da Cantora e compositora) / Falso, roupa. 4. (Biot) O conjunto dos seres vivos de uma área / Como esse. 5. Expectorção. 6. O hábitat do polvo / (Fut) Jogo entre equipes tradicionais. 7. Partidários de reformas extremas. 8. Rotula do joelho / Sigla do estado de Torres e Osorio. 9. Os satélites de Saturno e Júpiter / ideia central. 10. As iniciais da atriz e diretora de cinema norte-americana John de “O Colecionador de Ossos” / Garantir como fiador. 11. (Vieira) Avenida do Rio de Janeiro de luxuosos prédios / Sigla inglesa do ácido desoxirribonucleico, a substância básica de todos os seres. 12. (Matem) Multiplicadores. 13. (da Serra) Parque nacional localizado entre SC e RS.

**VERTICAIS**  
1. Além disso / A parte líquida do sangue vivo. 2. Atriz carioca, companheira de Lázaro Ramos. 3. Moralça absoluta / Ainda bem! 4. Texto ou peça teatral / Tirar o hó. 5. O organismo humano psicologicamente considerado / Ação que visa ludir, lograr uma pessoa, um animal / O calçado dos caubóis. 6. O cantor Mays (1942-1998) da “Costa da Tenda de você” / Moderação de impulsos / Ordem do Dia. 7. Instalação para condução das águas de uma fonte para um reservatório / Planta usada como condimento. 8. O ex-ditador ucraniano de Amin / Do atual Myanmar para asiático. 9. Exclamação de alegria por notícia ou acontecimento feliz.

		2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									

Adutora: Lídio. 1. Bada. 2. Mays. 3. Adv. 4. Drama. 5. Lídio. 6. Bada. 7. Mays. 8. Adv. 9. Adv. 10. Lídio. 11. Bada. 12. Mays. 13. Adv. 14. Drama. 15. Lídio. 16. Bada. 17. Mays. 18. Adv. 19. Adv. 20. Lídio. 21. Bada. 22. Mays. 23. Adv. 24. Drama. 25. Lídio. 26. Bada. 27. Mays. 28. Adv. 29. Adv. 30. Lídio. 31. Bada. 32. Mays. 33. Adv. 34. Drama. 35. Lídio. 36. Bada. 37. Mays. 38. Adv. 39. Adv. 40. Lídio. 41. Bada. 42. Mays. 43. Adv. 44. Drama. 45. Lídio. 46. Bada. 47. Mays. 48. Adv. 49. Adv. 50. Lídio. 51. Bada. 52. Mays. 53. Adv. 54. Drama. 55. Lídio. 56. Bada. 57. Mays. 58. Adv. 59. Adv. 60. Lídio. 61. Bada. 62. Mays. 63. Adv. 64. Drama. 65. Lídio. 66. Bada. 67. Mays. 68. Adv. 69. Adv. 70. Lídio. 71. Bada. 72. Mays. 73. Adv. 74. Drama. 75. Lídio. 76. Bada. 77. Mays. 78. Adv. 79. Adv. 80. Lídio. 81. Bada. 82. Mays. 83. Adv. 84. Drama. 85. Lídio. 86. Bada. 87. Mays. 88. Adv. 89. Adv. 90. Lídio. 91. Bada. 92. Mays. 93. Adv. 94. Drama. 95. Lídio. 96. Bada. 97. Mays. 98. Adv. 99. Adv. 100. Lídio. 101. Bada. 102. Mays. 103. Adv. 104. Drama. 105. Lídio. 106. Bada. 107. Mays. 108. Adv. 109. Adv. 110. Lídio. 111. Bada. 112. Mays. 113. Adv. 114. Drama. 115. Lídio. 116. Bada. 117. Mays. 118. Adv. 119. Adv. 120. Lídio. 121. Bada. 122. Mays. 123. Adv. 124. Drama. 125. Lídio. 126. Bada. 127. Mays. 128. Adv. 129. Adv. 130. Lídio. 131. Bada. 132. Mays. 133. Adv. 134. Drama. 135. Lídio. 136. Bada. 137. Mays. 138. Adv. 139. Adv. 140. Lídio. 141. Bada. 142. Mays. 143. Adv. 144. Drama. 145. Lídio. 146. Bada. 147. Mays. 148. Adv. 149. Adv. 150. Lídio. 151. Bada. 152. Mays. 153. Adv. 154. Drama. 155. Lídio. 156. Bada. 157. Mays. 158. Adv. 159. Adv. 160. Lídio. 161. Bada. 162. Mays. 163. Adv. 164. Drama. 165. Lídio. 166. Bada. 167. Mays. 168. Adv. 169. Adv. 170. Lídio. 171. Bada. 172. Mays. 173. Adv. 174. Drama. 175. Lídio. 176. Bada. 177. Mays. 178. Adv. 179. Adv. 180. Lídio. 181. Bada. 182. Mays. 183. Adv. 184. Drama. 185. Lídio. 186. Bada. 187. Mays. 188. Adv. 189. Adv. 190. Lídio. 191. Bada. 192. Mays. 193. Adv. 194. Drama. 195. Lídio. 196. Bada. 197. Mays. 198. Adv. 199. Adv. 200. Lídio. 201. Bada. 202. Mays. 203. Adv. 204. Drama. 205. Lídio. 206. Bada. 207. Mays. 208. Adv. 209. Adv. 210. Lídio. 211. Bada. 212. Mays. 213. Adv. 214. Drama. 215. Lídio. 216. Bada. 217. Mays. 218. Adv. 219. Adv. 220. Lídio. 221. Bada. 222. Mays. 223. Adv. 224. Drama. 225. Lídio. 226. Bada. 227. Mays. 228. Adv. 229. Adv. 230. Lídio. 231. Bada. 232. Mays. 233. Adv. 234. Drama. 235. Lídio. 236. Bada. 237. Mays. 238. Adv. 239. Adv. 240. Lídio. 241. Bada. 242. Mays. 243. Adv. 244. Drama. 245. Lídio. 246. Bada. 247. Mays. 248. Adv. 249. Adv. 250. Lídio. 251. Bada. 252. Mays. 253. Adv. 254. Drama. 255. Lídio. 256. Bada. 257. Mays. 258. Adv. 259. Adv. 260. Lídio. 261. Bada. 262. Mays. 263. Adv. 264. Drama. 265. Lídio. 266. Bada. 267. Mays. 268. Adv. 269. Adv. 270. Lídio. 271. Bada. 272. Mays. 273. Adv. 274. Drama. 275. Lídio. 276. Bada. 277. Mays. 278. Adv. 279. Adv. 280. Lídio. 281. Bada. 282. Mays. 283. Adv. 284. Drama. 285. Lídio. 286. Bada. 287. Mays. 288. Adv. 289. Adv. 290. Lídio. 291. Bada. 292. Mays. 293. Adv. 294. Drama. 295. Lídio. 296. Bada. 297. Mays. 298. Adv. 299. Adv. 300. Lídio. 301. Bada. 302. Mays. 303. Adv. 304. Drama. 305. Lídio. 306. Bada. 307. Mays. 308. Adv. 309. Adv. 310. Lídio. 311. Bada. 312. Mays. 313. Adv. 314. Drama. 315. Lídio. 316. Bada. 317. Mays. 318. Adv. 319. Adv. 320. Lídio. 321. Bada. 322. Mays. 323. Adv. 324. Drama. 325. Lídio. 326. Bada. 327. Mays. 328. Adv. 329. Adv. 330. Lídio. 331. Bada. 332. Mays. 333. Adv. 334. Drama. 335. Lídio. 336. Bada. 337. Mays. 338. Adv. 339. Adv. 340. Lídio. 341. Bada. 342. Mays. 343. Adv. 344. Drama. 345. Lídio. 346. Bada. 347. Mays. 348. Adv. 349. Adv. 350. Lídio. 351. Bada. 352. Mays. 353. Adv. 354. Drama. 355. Lídio. 356. Bada. 357. Mays. 358. Adv. 359. Adv. 360. Lídio. 361. Bada. 362. Mays. 363. Adv. 364. Drama. 365. Lídio. 366. Bada. 367. Mays. 368. Adv. 369. Adv. 370. Lídio. 371. Bada. 372. Mays. 373. Adv. 374. Drama. 375. Lídio. 376. Bada. 377. Mays. 378. Adv. 379. Adv. 380. Lídio. 381. Bada. 382. Mays. 383. Adv. 384. Drama. 385. Lídio. 386. Bada. 387. Mays. 388. Adv. 389. Adv. 390. Lídio. 391. Bada. 392. Mays. 393. Adv. 394. Drama. 395. Lídio. 396. Bada. 397. Mays. 398. Adv. 399. Adv. 400. Lídio. 401. Bada. 402. Mays. 403. Adv. 404. Drama. 405. Lídio. 406. Bada. 407. Mays. 408. Adv. 409. Adv. 410. Lídio. 411. Bada. 412. Mays. 413. Adv. 414. Drama. 415. Lídio. 416. Bada. 417. Mays. 418. Adv. 419. Adv. 420. Lídio. 421. Bada. 422. Mays. 423. Adv. 424. Drama. 425. Lídio. 426. Bada. 427. Mays. 428. Adv. 429. Adv. 430. Lídio. 431. Bada. 432. Mays. 433. Adv. 434. Drama. 435. Lídio. 436. Bada. 437. Mays. 438. Adv. 439. Adv. 440. Lídio. 441. Bada. 442. Mays. 443. Adv. 444. Drama. 445. Lídio. 446. Bada. 447. Mays. 448. Adv. 449. Adv. 450. Lídio. 451. Bada. 452. Mays. 453. Adv. 454. Drama. 455. Lídio. 456. Bada. 457. Mays. 458. Adv. 459. Adv. 460. Lídio. 461. Bada. 462. Mays. 463. Adv. 464. Drama. 465. Lídio. 466. Bada. 467. Mays. 468. Adv. 469. Adv. 470. Lídio. 471. Bada. 472. Mays. 473. Adv. 474. Drama. 475. Lídio. 476. Bada. 477. Mays. 478. Adv. 479. Adv. 480. Lídio. 481. Bada. 482. Mays. 483. Adv. 484. Drama. 485. Lídio. 486. Bada. 487. Mays. 488. Adv. 489. Adv. 490. Lídio. 491. Bada. 492. Mays. 493. Adv. 494. Drama. 495. Lídio. 496. Bada. 497. Mays. 498. Adv. 499. Adv. 500. Lídio. 501. Bada. 502. Mays. 503. Adv. 504. Drama. 505. Lídio. 506. Bada. 507. Mays. 508. Adv. 509. Adv. 510. Lídio. 511. Bada. 512. Mays. 513. Adv. 514. Drama. 515. Lídio. 516. Bada. 517. Mays. 518. Adv. 519. Adv. 520. Lídio. 521. Bada. 522. Mays. 523. Adv. 524. Drama. 525. Lídio. 526. Bada. 527. Mays. 528. Adv. 529. Adv. 530. Lídio. 531. Bada. 532. Mays. 533. Adv. 534. Drama. 535. Lídio. 536. Bada. 537. Mays. 538. Adv. 539. Adv. 540. Lídio. 541. Bada. 542. Mays. 543. Adv. 544. Drama. 545. Lídio. 546. Bada. 547. Mays. 548. Adv. 549. Adv. 550. Lídio. 551. Bada. 552. Mays. 553. Adv. 554. Drama. 555. Lídio. 556. Bada. 557. Mays. 558. Adv. 559. Adv. 560. Lídio. 561. Bada. 562. Mays. 563. Adv. 564. Drama. 565. Lídio. 566. Bada. 567. Mays. 568. Adv. 569. Adv. 570. Lídio. 571. Bada. 572. Mays. 573. Adv. 574. Drama. 575. Lídio. 576. Bada. 577. Mays. 578. Adv. 579. Adv. 580. Lídio. 581. Bada. 582. Mays. 583. Adv. 584. Drama. 585. Lídio. 586. Bada. 587. Mays. 588. Adv. 589. Adv. 590. Lídio. 591. Bada. 592. Mays. 593. Adv. 594. Drama. 595. Lídio. 596. Bada. 597. Mays. 598. Adv. 599. Adv. 600. Lídio. 601. Bada. 602. Mays. 603. Adv. 604. Drama. 605. Lídio. 606. Bada. 607. Mays. 608. Adv. 609. Adv. 610. Lídio. 611. Bada. 612. Mays. 613. Adv. 614. Drama. 615. Lídio. 616. Bada. 617. Mays. 618. Adv. 619. Adv. 620. Lídio. 621. Bada. 622. Mays. 623. Adv. 624. Drama. 625. Lídio. 626. Bada. 627. Mays. 628. Adv. 629. Adv. 630. Lídio. 631. Bada. 632. Mays. 633. Adv. 634. Drama. 635. Lídio. 636. Bada. 637. Mays. 638. Adv. 639. Adv. 640. Lídio. 641. Bada. 642. Mays. 643. Adv. 644. Drama. 645. Lídio. 646. Bada. 647. Mays. 648. Adv. 649. Adv. 650. Lídio. 651. Bada. 652. Mays. 653. Adv. 654. Drama. 655. Lídio. 656. Bada. 657. Mays. 658. Adv. 659. Adv. 660. Lídio. 661. Bada. 662. Mays. 663. Adv. 664. Drama. 665. Lídio. 666. Bada. 667. Mays. 668. Adv. 669. Adv. 670. Lídio. 671. Bada. 672. Mays. 673. Adv. 674. Drama. 675. Lídio. 676. Bada. 677. Mays. 678. Adv. 679. Adv. 680. Lídio. 681. Bada. 682. Mays. 683. Adv. 684. Drama. 685. Lídio. 686. Bada. 687. Mays. 688. Adv. 689. Adv. 690. Lídio. 691. Bada. 692. Mays. 693. Adv. 694. Drama. 695. Lídio. 696. Bada. 697. Mays. 698. Adv. 699. Adv. 700. Lídio. 701. Bada. 702. Mays. 703. Adv. 704. Drama. 705. Lídio. 706. Bada. 707. Mays. 708. Adv. 709. Adv. 710. Lídio. 711. Bada. 712. Mays. 713. Adv. 714. Drama. 715. Lídio. 716. Bada. 717. Mays. 718. Adv. 719. Adv. 720. Lídio. 721. Bada. 722. Mays. 723. Adv. 724. Drama. 725. Lídio. 726. Bada. 727. Mays. 728. Adv. 729. Adv. 730. Lídio. 731. Bada. 732. Mays. 733. Adv. 734. Drama. 735. Lídio. 736. Bada. 737. Mays. 738. Adv. 739. Adv. 740. Lídio. 741. Bada. 742. Mays. 743. Adv. 744. Drama. 745. Lídio. 746. Bada. 747. Mays. 748. Adv. 749. Adv. 750. Lídio. 751. Bada. 752. Mays. 753. Adv. 754. Drama. 755. Lídio. 756. Bada. 757. Mays. 758. Adv. 759. Adv. 760. Lídio. 761. Bada. 762. Mays. 763. Adv. 764. Drama. 765. Lídio. 766. Bada. 767. Mays. 768. Adv. 769. Adv. 770. Lídio. 771. Bada. 772. Mays. 773. Adv. 774. Drama. 775. Lídio. 776. Bada. 777. Mays. 778. Adv. 779. Adv. 780. Lídio. 781. Bada. 782. Mays. 783. Adv. 784. Drama. 785. Lídio. 786. Bada. 787. Mays. 788. Adv. 789. Adv. 790. Lídio. 791. Bada. 792. Mays. 793. Adv. 794. Drama. 795. Lídio. 796. Bada. 797. Mays. 798. Adv. 799. Adv. 800. Lídio. 801. Bada. 802. Mays. 803. Adv. 804. Drama. 805. Lídio. 806. Bada. 807. Mays. 808. Adv. 809. Adv. 810. Lídio. 811. Bada. 812. Mays. 813. Adv. 814. Drama. 815. Lídio. 816. Bada. 817. Mays. 818. Adv. 819. Adv. 820. Lídio. 821. Bada. 822. Mays. 823. Adv. 824. Drama. 825. Lídio. 826. Bada. 827. Mays. 828. Adv. 829. Adv. 830. Lídio. 831. Bada. 832. Mays. 833. Adv. 834. Drama. 835. Lídio. 836. Bada. 837. Mays. 838. Adv. 839. Adv. 840. Lídio. 841. Bada. 842. Mays. 843. Adv. 844. Drama. 845. Lídio. 846. Bada. 847. Mays. 848. Adv. 849. Adv. 850. Lídio. 851. Bada. 852. Mays. 853. Adv. 854. Drama. 855. Lídio. 856. Bada. 857. Mays. 858. Adv. 859. Adv. 860. Lídio. 861. Bada. 862. Mays. 863. Adv. 864. Drama. 865. Lídio. 866. Bada. 867. Mays. 868. Adv. 869. Adv. 870. Lídio. 871. Bada. 872. Mays. 873. Adv. 874. Drama. 875. Lídio. 876. Bada. 877. Mays. 878. Adv. 879. Adv. 880. Lídio. 881. Bada. 882. Mays. 883. Adv. 884. Drama. 885. Lídio. 886. Bada. 887. Mays. 888. Adv. 889. Adv. 890. Lídio. 891. Bada. 892. Mays. 893. Adv. 894. Drama. 895. Lídio. 896. Bada. 897. Mays. 898. Adv. 899. Adv. 900. Lídio. 901. Bada. 902. Mays. 903. Adv. 904. Drama. 905. Lídio. 906. Bada. 907. Mays. 908. Adv. 909. Adv. 910. Lídio. 911. Bada. 912. Mays. 913. Adv. 914. Drama. 915. Lídio. 916. Bada. 917. Mays. 918. Adv. 919. Adv. 920. Lídio. 921. Bada. 922. Mays. 923. Adv. 924. Drama. 925. Lídio. 926. Bada. 927. Mays. 928. Adv. 929. Adv. 930. Lídio. 931. Bada. 932. Mays. 933. Adv. 934. Drama. 935. Lídio. 936. Bada. 937. Mays. 938. Adv. 939. Adv. 940. Lídio. 941. Bada. 942. Mays. 943. Adv. 944. Drama. 945. Lídio. 946. Bada. 947. Mays. 948. Adv. 949. Adv. 950. Lídio. 951. Bada. 952. Mays. 953. Adv. 954. Drama. 955. Lídio. 956. Bada. 957. Mays. 958. Adv. 959. Adv. 960. Lídio. 961. Bada. 962. Mays. 963. Adv. 964. Drama. 965. Lídio. 966. Bada. 967. Mays. 968. Adv. 969. Adv. 970. Lídio. 971. Bada. 972. Mays. 973. Adv. 974. Drama. 975. Lídio. 976. Bada. 977. Mays. 978. Adv. 979. Adv. 980. Lídio. 981. Bada. 982. Mays. 983. Adv. 984. Drama. 985. Lídio. 986. Bada. 987. Mays. 988. Adv. 989. Adv. 990. Lídio. 991. Bada. 992. Mays. 993. Adv. 994. Drama. 995. Lídio. 996. Bada. 997. Mays. 998. Adv. 999. Adv. 1000. Lídio. 1001. Bada. 1002. Mays. 1003. Adv. 1004. Drama. 1005. Lídio. 1006. Bada. 1007. Mays. 1008. Adv. 1009. Adv. 1010. Lídio. 1011. Bada. 1012. Mays. 1013. Adv. 1014. Drama. 1015. Lídio. 1016. Bada. 1017. Mays. 1018. Adv. 1019. Adv. 1020. Lídio. 1021. Bada. 1022. Mays. 1023. Adv. 1024. Drama. 1025. Lídio. 1026. Bada. 1027. Mays. 1028. Adv. 1029. Adv. 1030. Lídio. 1031. Bada. 1032. Mays. 1033. Adv. 1034. Drama. 1035. Lídio. 1036. Bada. 1037. Mays. 1038. Adv. 1039. Adv. 1040. Lídio. 1041. Bada. 1042. Mays. 1043. Adv. 1044. Drama. 1045. Lídio. 1046. Bada. 1047. Mays. 1048. Adv. 1049. Adv. 1050. Lídio. 1051. Bada. 1052. Mays. 1053. Adv. 1054. Drama. 1055. Lídio. 1056. Bada. 1057. Mays. 1058. Adv. 1059. Adv. 1060. Lídio. 1061. Bada. 1062. Mays. 1063. Adv. 1064. Drama. 1065. Lídio. 1066. Bada. 1067. Mays. 1068. Adv. 1069. Adv. 1070. Lídio. 1071. Bada. 1072. Mays. 1073. Adv. 1074. Drama. 1075. Lídio. 1076. Bada. 1077. Mays. 1078. Adv. 1079. Adv. 1080. Lídio. 1081. Bada. 1082. Mays. 1083. Adv. 1084. Drama. 1085. Lídio. 1086. Bada. 1087. Mays. 1088. Adv. 1089. Adv. 1090. Lídio. 1091. Bada. 1092. Mays. 1093. Adv. 1094. Drama. 1095. Lídio. 1096. Bada. 1097. Mays. 1098. Adv. 1099. Adv. 1100. Lídio. 1101. Bada. 1102. Mays. 1103. Adv. 1104. Drama. 1105. Lídio. 1106. Bada. 1107. Mays. 1108. Adv. 1109. Adv. 1110. Lídio. 1111. Bada. 1112. Mays. 1113. Adv. 1114. Drama. 1115. Lídio. 1116. Bada. 1117. Mays. 1118. Adv. 1119. Adv. 1120. Lídio. 1121. Bada. 1122. Mays. 1123. Adv. 1124. Drama. 1125. Lídio.



ilustrada  
e mais  
sua  
sua

## Reconstrução da cidade de concreto

Artistas de diferentes vertentes e vindos de várias regiões do país se agregam em colcha de retalhos que dá nova cara ao urbanismo excludente criado no Distrito Federal C4 e C5



- Neorracismo identitário se tornou norma, escreve Antonio Risério C6
- Os percalços que 'Senhor dos Anéis' enfrentou para chegar às telas C9
- Região preservada da Amazônia sofre com enchentes e queimadas C10

Ilustração  
Evandro Prado



ilustrada ilustríssima

MÔNICA BERGAMO | [monica.bergamo@grupofolha.com.br](mailto:monica.bergamo@grupofolha.com.br)

# Vitão

## Meu sonho é ser lembrado como um marco na música

**[RESUMO]** Aos 22 anos, cantor afirma que está se reerguendo após onda de ataques envolvendo seu relacionamento com a cantora Luisa Sonza, revela que seu novo disco terá participação de Ivete Sangalo e diz ter planos de estudar sobre o universo da política. "É ruim não saber muito bem o que está acontecendo"

Por **Branka Vieira**



O cantor Vitão, que prepara lançamento de álbum e estreia como ator enquanto busca superar cancelamento virtual. *Crédito: Tereza Costa / Omelete*

O primeiro tombo na carreira de Vitão foi tão precoce quanto a sua ascensão. O cantor emplacou seu primeiro hit aos 19. Foi alvo de uma massiva campanha de cancelamento aos 21 e hoje, aos 22, diz tentar se reerguer da rasteira que distanciou sua música de patrocínios, estações de rádio e do foco do público.

No centro do alvoroço, sua relação amorosa com a cantora Luisa Sonza, 23. O namoro foi assumido em setembro de 2020, meses após o fim do casamento dela com o humorista Whindersson Nunes, 27.

Antes de chegar ao fim, em agosto do ano passado, a união de Luisa e Vitão abasteceu teorias em torno de uma suposta traição dela a Whindersson — coisa que os dois negam. Ela foi alvo de ameaças e ataques de ódio, ele ganhou memes e a pecha de “talanco” designada a quem se envolve com uma pessoa comprometida.

“Não afetou só o meu lado pessoal. Foi algo que tirou a minha carreira dos trilhos”, diz Vitão à coluna. “As pessoas não aceitaram a gente se amar, se gostar e querer viver junto.”

“Suríram muitas questões emocionais e psicológicas que eu não tinha. Antes eu era um moleque vivendo meu sonho, gravando com meus ídolos, fazendo um monte de show, viajando o Brasil inteiro. Minha vida era isso, comer pão de queijo no aeroporto e fazer show.”

“Todas essas questões obviamente me prejudicaram muito de um lado, mas por outro acho que me trazem para a realidade” segue. “Hoje eu vivo num outro momento, de mais consciência. Me sinto mais adulto, e acho que virar adulto dói, né? O mundo adulto é meio cinza, meio nublado.”

O cantor, que soma mais de 2,5 milhões de ouvintes mensais no Spotify e 3,5 milhões de seguidores no Instagram, diz ter sentido o peso da turbulência nas métricas. “O artista hoje vive essa loucura de estar todo dia vendo quantos plays, quantos seguidores, quantos likes, quantos comentários, quantos ouvintes mensais. Isso é ogado na nossa cara diariamente e é muito cruel. Faz a gente ficar doente, bitolado. Se você não está com os números [iguais aos] de não sei quem, você é um lixo.”

“Não sei se a gente vai conse-

guir mudar isso, talvez só piore. Mas eu quero, cada vez mais, conseguir me desprender e lembrar do que eu sentia lá na casa da minha mãe, quando eu compunha as minhas primeiras músicas no meu violão. Aquele sentimento etc o porquê de tudo isso.”

Vitão diz estar trabalhando para descolar sua imagem dos números dos últimos anos. Um passo importante nesse sentido, conta, será dado com o lançamento de seu segundo álbum de estúdio. “Está praticamente finalizado” diz ele que afirma ter planejado um disco com cerca de 18 faixas, “à moda antiga”. Previsto para este semestre, o projeto terá participação de Ivete Sangalo.

No segundo semestre de 2021, o artista estreará como ator na minissérie “Tá Tudo Certo” do Disney+, em que viverá um personagem com seu nome e atuará ao lado de cantoras como Ana Caetano, da dupla Anavitória, e Maria Gayassá.

Ele conversa com a coluna por videochamada, falando do camarim de um espaço de eventos onde ensaia com sua banda para um show do dia seguinte, em São Paulo. Sua voz falha em alguns mo-

mentos da conversa. “Fim de semana passado a gente fez um monte de show, dormindo pouco, aí a voz fica doquele jeito, né?” O artista diz que às vezes não consegue dormir mais que duas horas por noite. “Os shows começam super tarde, às 2h. Até acurmar tudo e chegar ao hotel, já são 4h ou 5h. E tem que acordar às 7h ou 8h para ir para outra cidade.”

Nascido em São Paulo, Victor Carvalho Ferreira foi criado no bairro do Caxangá, na zona oeste da capital, no mesmo imóvel em que sua avó e sua mãe cresceram, construído por seu bisavô. O nome artístico, no grau aumentativo, veio do lado de fora do porta de casa, por ideia de um de seus produtores. “Quando surgiram, eu achei ‘zuadasso’. Falei: ‘Porra, eu não tenho nada a ver com Vitão, nem sou tão grande assim’”, diz, rindo.

Seu gosto pela música surgiu muito antes de despontar como intérprete de covers no YouTube: aos 16 anos. A herança, conta, veio dos pais, que se conheceram dançando zouk.

“Minha mãe pagou a faculdade dela dançando, e meu pai sempre dançou também. A música foi o que uniu os dois.

Meu pai sempre amou The Police, Fundo de Quintal, James Brown, e minha mãe sempre amou Michael Jackson, Guns N’ Roses, Bon Jovi e música clássica. Acho que é algo que deu uma apurada no meu ouvido.” Seu próprio som mistura pop, hip hop e R&B.

Para além dos projetos no universo musical, Vitão diz querer se envolver mais em estudos e aprender mais sobre o mundo político. “É algo que eu sinto muita falta na minha personalidade mesmo. De saber sentar numa roda e falar sobre política, de saber exatamente tudo o que está acontecendo dentro do Congresso, leis aprovadas e não aprovadas, cortes de verba... Mergulhei tanto na música que acabei esquecendo de todo o resto.”

“A partir do momento em que eu estiver mais seguro para falar sobre isso de maneira pessoal, o artista Vitão também vai estar mais seguro para passar isso para o público. Me sinto meio perdido mesmo, sabe? É ruim não saber muito bem o que está acontecendo. Isso me dói.”

Aos 22 anos, Vitão diz almejar subir nos palcos de grandes festivais nacionais e um dia

dividir o microfone com ídolos como Caetano Veloso, Diavan, Gal Costa, Criolo e Emicida. E, futuramente, planeja abrir escolas gratuitas de música em comunidades.

“Isso mudaria em 100% a trajetória de vida de moleques que acabam indo para uma vida indesejada, uma vida do crime, de viver trabalhando sem fazer o que ama por falta de oportunidade.”

E continua, cateando o seu futuro: “Acho que o meu maior sonho mesmo é ser lembrado como um marco na música brasileira, de existir um antes e depois de mim” diz o dono de hits como “Café” — dos versos: “E eu até já fiz café pra tu não vir me falar/ Que tá com sono e que o amor tem que esperar”.

“As pessoas estão voltando a prestar atenção no que sempre foi a proposta da minha vida, que é a minha arte. É um caminho [longo], mas sinto que estou conseguindo. Não digo [voltar a, ser o que era antes, porque isso jamais vou ser, mas ser melhor e ter uma carreira muito mais próspera. Aos poucos, as coisas vão acontecendo. Com trabalho, vontade e amor tudo acontece.”

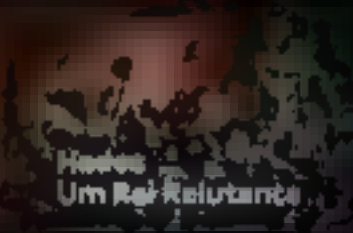


# ZEUS QUER BATER UM PAPO CONTIGO

## GRANDES MITOS GREGOS

O CANAL CURTA! E O CURTA!ON TE OFERECEM **GRATIS** OS 20 EPISÓDIOS DA SÉRIE GRANDES MITOS GREGOS

VEJA ALGUNS EPISÓDIOS E COMO ACESSAR NA TV OU ONLINE



**curta!TV**  
CONTEÚDOS RELEVANTES

Comemorando o 10º ano de operações, o Canal CURTA! abre para todos o seu sinal via Internet, até final de fevereiro. Assista em seu device e/ou espelhe na tela da sua TV.

Confira em [canalcurta.tv.br/viainternet](http://canalcurta.tv.br/viainternet)

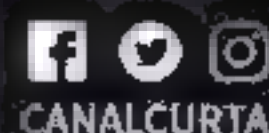
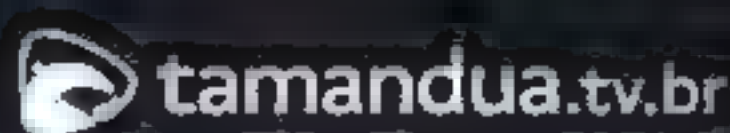


**curta!on**  
CLUBE DE DOCUMENTÁRIOS

Assista quando quiser via streaming, no Clube de Documentários disponível no NOW, da Claro/NET, e em [curtaon.com.br](http://curtaon.com.br).

Use o cupom **GRANDESMITOS** e aproveite.

MÚSICA, ARTES CÊNICAS E VISUAIS, ARQUITETURA, DESIGN, METACINEMA, PENSAMENTO, HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIEDADE





ilustrada ilustríssima



# Linhas do desejo

**[RESUMO]** A identidade nacional vista pelos olhos do Distrito Federal é reconstruída a partir da criação de um novo imaginário cultural que fervilha em Brasília atravessado por cinema, música, foto, artes e poesia

Por **Claudio Leal**  
Mestre pela Universidade de São Paulo, é colaborador de Folha

Ilustração **Evandro Prado**  
Artista visual

Na temporada de chuvas, Brasília parece menos Brasília. Os narizes deixam de sangrar, os canjinhos arborizados ostentam o verde, os ipês brancos abrem seus tapetes e as imortelas tingem as quadras de vermelho. A visão de construções “com as paço calculado para nuvens” como definiu Clarice Lispector, e a atmosfera de ordem e utopias de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa se dissipam nas cidades-satélites. O mau gosto dos prédios de luxo de Águas Claras e o caos inventivo das construções populares de Taguatinga e Ceilândia insistem em chamar Brasília de volta às contradições do Brasil. Em Ceilândia, o cineasta Adirley Queirós, de 51 anos, circula pelo centro planejado e observa seus lugares de afeto. Pouco depois, ele estaciona o carro e subimos no seu apartamento, onde ele trabalha na montagem de seu próximo filme. Indo até a varanda, aponta os limites do Distrito Federal e os montes verdes de Goiás. Queirós dirigiu “Branco Sai, Preto Fica” de 2014, um dos filmes mais vigorosos do cinema nacional recente, e o longa “Era uma Vez Brasília”, de 2017. Estruturado como ficção científica, “Branco Sai” mira a violência policial, o autoritarismo do Estado e o racismo na periferia do sonho modernista. O longa traz stu-

ryboards com ataques a bomba ao Congresso e prédios do Plano Piloto. “A minha geração não circulava muito. A gente ia para Brasília para procurar emprego. Não existia essa relação de fazer Brasília sempre foi opressiva. Aquela aparência de liberdade, para mim, nunca existiu”, ele conta, enquanto almoçamos num restaurante nordestino. “Ceilândia foi expurgada de Brasília por questões estéticas. Ficava perto do aeroporto e a primeira imagem que você tinha de Brasília era a favela.” A exigência de passaporte para entrar em Brasília, na ficção de “Branco Sai” deriva de experiências de sua juventude. Na década de 1980, com a febre do rock brasileiro, seu grupo de amigos pegava um ônibus até o Plano Piloto, no afã de comprar porrada. “A gente arrumava briga para caralho. Brasília já era aquela turma forte de academia. A gente voltava em silêncio total nesses ônibus. Apanhávamos muito”, lembra o cineasta nascido no estado de Goiás. “A sensação que eu sempre tive com Brasília é que eu estava sendo vigiado. Eu fui a Brasília pela primeira vez com 15 anos, depois de 11 anos que eu morava em Ceilândia. Eu e meu irmão vendíamos balinha de chocolate na rodoviária. O ônibus parou na Asa Sul e eu vi

um campo de terra. Eu achei que era espetacular. Depois, percebi os olhares de que eu não era daí.” O imaginário de política, corrupção e rock dos anos 1980 tem sido desmontado por artistas de Brasília e das cidades-satélites do Distrito Federal. Na música, a carência de tradições da capital sexagenária se entrelaça com as sonoridades de outras regiões do país, sobretudo do Nordeste. Das artes visuais à poesia, novas vozes do DF exploram temas e linguagens distanciados dos olhares superficiais sobre a cidade e suas margens. É uma parte delas deseja ocupar as ruas sentu-desertas.

**A** figura alegórica do calango voador, filho do Sol e da Terra, dorme no quintal do grupo Seu Estrela e o Fuá do Terreiro, na 813 Sul. A peça tem um esqueleto de arame e uma pele de barbantes entrelaçados e pintados de verde, rosa e amarelo. O bioma do cerrado seduziu o pernambucano Tico Magalhães, de 44 anos, fundador do Seu Estrela. Residente na capital federal desde os 17 anos, ele frequentou os maracatus Nação Estrela Bri-

**+**  
**Novas expressões**  
*culturas de Brasília*

O cinema sobre o autoritarismo do Estado e o racismo na periferia do sonho modernista de Adirley Queirós

A sonoridade adaptada dos maracatus pernambucanos pelo grupo Seu Estrela e o Fuá do Terreiro

O boi-bumba proveniente do Maranhão executado por um grupo de mulheres vítimas de violência doméstica

A feira dominical na Galeria dos Estados que une artesanato a rodas com sambas, cocos e baiões

Os tormentos da estrada de ferro usados pelo artista plástico João Trevisan em suas esculturas

As pinturas de Antonio Obá, inspiradas no espírito interiorano e nas paisagens naturais do Distrito Federal

lhante e o Piaba de Ouro, no Recife, mas, ao criar seu próprio grupo, no ano de 2004, evitou reproduzir a rigidez da tradição de Pernambuco. “Agente já não é maracatu. O maracatu está lá no Recife”, pondera Magalhães, mais próximo do samba pisado. “Por Brasília ser uma cidade inventada, com pouco tempo, 61 anos, sempre fiquei com essa ideia de criar uma brincadeira nova.” Em 1963, o Boi de Seu Teodoro, em Sobradinho, criou outra ponte com as festas populares. Morto em 2012, o mestre maranhense Teodoro deixou sucessores na família. Sua filha, Tamá Freire, de 55 anos, lidera o projeto Bumba Maria Meu Boi, que ilumina a presença feminina na história do grupo. Suas integrantes são vítimas de violência doméstica. “Conseguimos demarcar um território feminino. Eu queria que elas aprendessem algum ofício dentro do boi além de dançar, cantar e tocar. Elas bordaram a frente dos chapéus”, conta Freire, conhecida no samba como Jamelinha da Mangueira. Ela sente falta de um intercâmbio mais forte com as tradições de outras partes do país. “Quando você traz expressões culturais de fora, se não forem expressivos, as pessoas não comparecem para conhecer”

*Continua na pág. C5*



ilustrada ilustríssima



Continuação da pag. C4

Em outubro passado, uma batucada cresceu no setor comercial sul de Brasília, na Galeria dos Estados, a três quilômetros da praça dos Três Poderes. Aos domingos, a feira do Instituto No Setor passou a reunir artesanato, produtos orgânicos e atrações musicais na região mais estigmatizada da capital, vista por muitos moradores como uma “cracolândia”.

Logo quando as barracas são recolhidas, começa a roda de “pandeiristas amadores” assim batizada pelo poeta Jan Viana, de 25 anos, um dos agitadores do No Setor. A primeira edição da feira dominical não presenciu as centenas de jovens frequentadores das semanas seguintes. Na batucada, são puxados sambas, cocos, baiões e clássicos brasileiros.

Dançando num canto, o compositor Kirá, de 22 anos, aceita conduzir um coco. Ele nasceu no Ceará e, aos 11 anos, se mudou com a mãe para Brasília. Filho do músico francês Manu Chao, de ascendência galega e basca, Kirá afirma que o popstar exerceu somente uma “influência pessoal”, pois as suas referências estéticas são os cordões nordestinos Jackson do Pan-de-ão, João do Vale, Alceu Valença e João Cabral de Melo Neto. Em casa, ouve maracatu, flamenco e hip-hop

Um dia depois da roda, Kirá me encontra na livraria e bistrô Sebulho, a poucos metros de sua casa. “Fui redescobrir o Nordeste aqui. Não sabia que era diferente. Aqui tem muitos nordestinos e eu me aproximei do coco e do boi de Seu Teodoro. Descobrimo Brasília, eu redescobri o Ceará. Mas não quero fazer música nordestina” diz, entre goles de café.

Na feira do setor comercial, Jan Viana o convoca em voz alta, sem chance de recua, para liderar a cantoria. Viana usa um brinco cigano e contos de Ogum e Oxóssi. Nascido em Taguatinga, sentia uma inadequação semelhante à de Adirley Queirós ao pisar nas superquadras. Ele se vestia com elegância e usava o melhor tênis para não ser visto como um “vira-lata”.

Nasala de seu café, vejo imagens de umbanda e quadros do artista mineiro Chico Montello. Em seu quarto, retratos de Glauber Rocha e Oswald de Andrade, uma bandeira do Brasil convertida em toalha e, acima da porta, uma cobra coral feita por sua avó. “Eu Era Aquela Cobra Coral no Quintal da Tua Infância” seu livro de poemas lançado pela Patuá, tem a cadência de sua prosa falada.

Sua ideia de revolução cultural passa pelo encantamento do cotidiano com macumba, Carnaval, sexo, meditações de Osho, poesia e xamanismo.

“Brasília precisa olhar para as tradições culturais de quem fundou essa cidade e botar a mão na massa” diz. “Temos tradições estabelecidas, como sanha de roda e coco, e aquelas dispersas. Por exemplo, a tradição mista envolvendo o cerrado e a Chapada dos Veadeiros, dos objetos usados não identificados, dos cristais. Como a capital é muito nova, qualquer novidade pode ser invenção”.

A poeta e historiadora Julia Moura, de 22 anos, frequentadora da roda, reconhece os laços entre a ocupação de espaços públicos, as rodas de coco, os amigos produzindo uns aos outros e os produtores culturais atuando em conjunto. “Temos exercitado o péssimo hábito de tratar as nossas contradições nas redes sociais, e não coletivamente nas ruas.” Admiradora de Jorge Mautner e Hilda Hilst, Moura prepara “Favo” seu primeiro livro de poemas, “É preciso repensar nossa relação com a palavra antes de todas as coisas.”

A ocupação das superquadras fascina a cantora Gaivota Naves, de 33 anos. Neste ano, ela lança o EP “Concretutopia”, gravado com a banda Akhi Huna e produzido com Gustavo Halfeld, João Davi e João Pedro Mansur. Sua outra banda é o coletivo Joe Silhueta, encabeçado pelo compositor Guilherme Lobelo, que pre-

para seu segundo álbum, “Sobressaltos e Outras Quedas”, produzido por Halfeld e Jota Dale, “com influências do udigrude nordestino, entre o folk e o psicodélico brasileiro”.

Meu EP fala de ocupar Brasília, da vontade de valer o sonho. É como se não conseguisse se apropriar dessa cidade-escultura” diz Gaivota. “A cidade não é muito ocupada, é muito setorizada. O Plano Piloto ainda está dormindo. E tem essa coisa de servidores públicos não gostarem de música. Lutamos para ter música ao vivo. O artista está o tempo inteiro na margem”.

**N**a arte contemporânea, o planalto central se uniu ao planalto de Gizé, no Egito. Convidado para a mostra internacional “Forever Is Now” o artista João Trevisan, de 35 anos, fez a escultura “Um Corpo que se Levanta”, com dormentes da estrada de ferro, diante das pirâmides.

Trevisan tem formação autodidata e migrou do direito para as artes. Peas manhãs, ele caminhava de sua casa até a linha de ferro para sondar se havia dormentes descartados. Em caso positivo, retornava às dez da manhã e carregava as toras de 30 quilos por três quilômetros, despejando as peças no ateliê. Esse esforço braçal se manteve ao longo de dois anos.

“Por girar em torno da ferrovia, meu trabalho, já tem um pensamento específico. Tem também a ideia da materialidade. Por isso que eu não gosto de falar tanto da questão política, senão a gente se limita muito. Mas a questão política é evidente. Estou falando de materiais de uma ferrovia, sobre esses corpos, essa relação do trabalho” diz Trevisan, que faz residência artística na galeria Raquel Arnaud, em São Paulo.

Sua escultura de seis metros se equilibrou na paisagem egípcia. “Eu acabo tratando o dormiente como se fosse um corpo. Comecei a pensar nesses corpos que se levantam, que são os dormentes empilhados. Meu trabalho era dentro dessa ideia da pirâmide construída para chegar aos céus, mas também relacionado com os obeliscos retificados do Cairo.”

Os corpos negros também se abrem para os céus nas pinturas do artista plástico Antonio Obá, de 38 anos, representado pela galeria Mendes Wood DM. Quadros como “Sesta” de 2019, e “Eucalipto, Corpo Elétrico” e “Os Infantes, Irreverência” de 2020 são atravessados pelo espírito interiorano do Distrito Federal e por suas paisagens rurais. Nascido em Ceilândia e residente em Taguatinga, Obá demonstrou talento precoce para o desenho, mas sua sensibilidade foi despertada pela música.

Seu trabalho busca uma verdade íntima. “Quería entender os elementos socioculturais que me formaram. Percebi que era inevitável falar de uma raiz familiar e que não dava para denunciar de uma raiz maior, que é a própria formação do Brasil”, diz. “Eu problematizo a questão do corpo negro, mestiço, mas pegando aspectos históricos que fazem parte de uma dinâmica de preconceito no Brasil e em outras partes do mundo”.

Outro caminho foi percorrido pelo fotógrafo Diego Bresani, de 39 anos. Em Brasília, as trilhas sinuosas traçadas por pedestres nos gramados são chamadas de “linhas do desejo”. Ele encontrou um significado mais largo para o improviso. “Meu trabalho pessoal parte da relação com a cidade, da tentativa de entender uma cidade que não é comum. Minha série é uma tentativa de entender a cidade como uma panela de pressão. O urbanismo de Lucio Costa é ando, mas viver nele é muito duro”.

“Existem calçadas, mas não são lógicas, obedecem mais à questão estética do que a prática. Os pedestres precisam romper essa lógica modernista e criar seus caminhos. A cidade exige da gente uma selvageria”.

Destacado na cena de fotografia, Bresani realizou retratos de políticos de direita para a revista Piauí de Bolsonaro e seu filho Eduardo à Sara Winter e Joice Hasselmann.

Seu olhar prefere os caminhos bifurcados nas terras do Plano Piloto, rasgados por trabalhadores em direção ao trabalho ou a pontos de ônibus. Na pandemia, Bresani imaginou que seria mais fácil fotografar os atalhos desertos. Mas, na primeira saída, percebeu que a grama crescera e apagara todos os rastros. Do alto, prevaleciam as retas de Lucio Costa. Aos poucos, com a reabertura da cidade e o vaivém de pernas, as linhas de desejo renasceram no barro vermelho de Brasília. ←



ilustrada ilustríssima

# Neorracismo identitário

**[RESUMO]** Ataques de negros contra as atcos, brancos e judeus invalidam a tese de que não existe racismo negro em razão da opressão a que estão submetidos. Sob a capa do discurso antirracista, esquerda e movimento negro reproduzem projeto supremacista, tornando o neorracismo identitário mais norma que exceção

Por **Antonio Risério**

Antropólogo, poeta e romancista. Autor, entre outros livros, de "A Utopia Brasileira dos Movimentos Negros" e "Sobre o Relativismo Pós-Moderno e a Fantasia Fascista da Esquerda Identitária".

Ilustração **PogoLand**

Ilustrador

Todo o mundo sabe que existe racismo branco antipreto. Quanto ao racismo preto antibranco, quase ninguém quer saber. Porém, quem quer que observe a cena racial do mundo vê que o racismo negro é um fato.

A universidade e a mídia norte-americanas insistem no discurso da inexistência de qualquer tipo de "black racism". Casos desse racismo se sucedem, mas a ordem-norma ideológica manda fingir que nada aconteceu.

O dogma reza que, como pretos são oprimidos, não dispõem de poder econômico ou político para institucionalizar sua hostilidade antibranca. É uma tolice. Ninguém precisa ter poder para ser racista, e pretos já contam, sim, com instrumentos de poder para institucionalizar o seu racismo.

A história ensina: quem hoje figura na posição de oprimido pode ter sido opressor no passado e voltar a ser no futuro. Muçulmanos escravizaram e mataram milhões de pretos durante séculos de tráfico negreiro na África.

No entanto, a visão atualmente dominante, marcada por ignorância e fraudes históricas, quando não pode negar o racismo negro, argumenta que o racismo branco do passado desculpa o racismo preto do presente. Mas o racismo é inaceitável em qualquer circunstância. A universidade e a elite midiática, porém, negavam.

Em "Coloring the News", William McGowan lembra uma série de ataques racistas de pretos contra brancos no metrô de Washington. Em um deles, um grupo de adolescentes negros gritava: "Vamos matar todos os brancos". O Washington Post, contudo, não tratou o conflito como conduta racial criminosa e sim como "confronto de duas culturas".

McGowan sublinha que a recusa em reconhecer a realidade do racismo antibranco é particularmente evidente na cobertura midiática de crimes de pretos contra brancos.

De nada adianta a motivação racial ser ostensiva, como no caso de ataques a idosos brancos no Brooklyn, quando um membro da gangue preta declarou: "Fazemos um acordo entre nós de não roubar mulheres brancas. Só pegaríamos mulheres brancas. Foi um pacto que todos fizemos. Só gente branca".

O "detalhe" não foi mencionado nas reportagens do jornal The New York Times, e a postura foi a mesma quando três adolescentes brancos foram atacados por uma gangue de jovens pretos no Michigan. Os rapazes pretos curtaram a moça branca e fuzilaram um jovem branco.

O New York Times não indigtiu o caráter racial do crime e o relegou a uma matériazinha de um só dia. Se os papéis fossem invertidos, uma gangue de jovens brancos curtando uma mocinha preta e assassinando um jovem negro, o assunto seria explorando amplamente — e em mais de uma reportagem. Lá, como aqui, o "double standard" midiático é um fato.

Merece destaque o racismo preto antijudaico, que não é de hoje. Em Crown Heights, no verão de 1991, os pretos promoveram um formidável quebra-quebra que se estendeu por quatro dias, durante o qual gritavam "Heil Hitler" em frente a casas de judeus.

Mas a elite midiática, do New York Times à ABC, continuou sistematicamente o racismo, destacando que seculos de opressão explicavam tudo.

Vemos o racismo negro também contra asiáticos. Na história racial de Nova York, negros aparecem tanto como vítimas quanto como agressores criminosos. Judeus e asiáticos, ao contrário, quase que só se dão mal.

Em um boicote preto a um armazém do Brooklyn, cujos proprietários eram coreanos, os pretos foram inquestionavelmente racistas. Diziam aos moradores do bairro que não comprassem coisas de "pessoas que não se parecem com nós" e chamavam os coreanos de "macacos amarelos".

Curiosamente, por mais de três meses, a grande mídia não deu a menor atenção ao boicote. Um jornalista do New York Post denunciou: "Se fos-

se boicote do Ku Klux Klan a um armazém de um negro, logo se tornaria assunto nacional. Por que as regras são outras quando as vítimas são coreanas?"

Não são poucos, de resto, os comerciantes coreanos que perderam a vida em enfrentamentos com "consumidores" negros. Há casos de militantes pretos extorquindo amarelos. Exatidão e violência racistas, é claro.

Sob a capa do discurso antirracista, o racismo negro se manifesta por meio de organizações poderosas como a Nação do Islã, supremacista negra, antissemita e homofóbica.

Discípulo, de resto, de Marcus Garvey, admirador de Hitler (seu antissemitismo chegou a levá-lo a procurar uma parceria desconcertante com o Ku Klux Klan) e de Mussolini — que virou guru de Bob Marley e do reggae jamaicano, fiéis do culto ao ditador Haile Selassie, o Ras Tafari, suposto herdeiro do Rei Salomão e da Rainha de Saba.

A propósito, a Frente Negra Brasileira, na década de 1930, não só fez o elogio aberto de Hitler, inclusive tratando Zumbi como um "Führer

de ébano" como apoiou o Estado Novo de Getúlio Vargas, versão tristetropical do fascismo italiano — e o próprio Abdiel do Nascimento, guru de nossos atuais movimentos negros, foi militante integralista.

O líder da Nação do Islã, Louis Farrakhan, sempre exibiu também um franco e ostensivo racismo antijudaico. Hoje, o Black Lives Matter pede a morte dos judeus em manifestações públicas.

Em um artigo recente no jornal Le Monde ("Biden, au cœur du combat identitaire"), Michel Guérin sublinhou que o "antissemitismo está bem presente no poderoso mo-

vinento Black Lives Matter".

A turma discursiva contra o "genocídio" palestino, "organiza manifestações onde podemos ouvir matem os judeus" — é próxima do líder da Nação do Islã, Louis Farrakhan, que fez o elogio de Hitler e tem como cofundador da sua seção em Toronto, Canadá, Yusra Khogali, que praticamente chegou a pedir o assassinato de brancos.

O racismo antijudaico de pretos pobres dos guetos pode contar com alguma pequena motivação cotidiana, mas o que pesa mesmo é o antissemitismo generalizado nas lideranças da esquerda mul-

ticultural-identitária.

Tudo bem criticar o governo de Israel. Os próprios israelenses costumam fazê-lo, vivendo em um regime democrático, ave raríssima no Oriente Médio. Outra coisa é pregar o desaparecimento de Israel, como querem o Irã e alguns movimentos de esquerda. Aqui, o antissemitismo. O ódio multicultural-identitário a Israel parece não ter limites.

Tomo Yusra Khogali — jovem mulata sudanesa que não diz uma palavra sobre as atrocidades de negros contra negros em seu país natal, vivendo antes no Canadá, onde se comprax em xingar a opressão branca — como um caso exacerbado disso tudo.

Ela não só confessou que tem impetos de assassinar todos os brancos. Expôs também uma fantasia "acadêmica" que bem pode ser classificada como a primeira imbecilidade produzida por um "neorracismo científico".

Vejam a preciosidade pseudobiológica de madame Khogali: os brancos não passam de um defeito genético dos pretos. "A branquitude não é humana. De fato, a pele branca é sub-humana". Porque a branquitude é um defeito genético recessivo. "Isso é fato" afirma sovenemente.

Diz que as pessoas brancas possuem uma "alta concentração de inibidores de enzima que suprimem a produção de melanina" e que a melanina é indispensável a uma estrutura óssea sólida à inteligência, à visão etc.

Enfim, apareceu a mulata racista para inverter o "racismo científico" branco do século 19 — e dizer que os brancos, sim, é que são uma raça inferior. Mas Yusra é apenas um exemplo, entre muitos, e ela teve a quem puxar.

O fato é que não dá para sustentar o clichê de que não existe racismo negro porque a "comunidade negra" não tem poder para exercê-lo institucionalmente. Mesmo que a tese fosse correta, o que está longe de ser o caso, existem já meios para o exercício do racismo negro.

Engana-se, mesmo, com relação ao Brasil, quem não quer ver racismo, separatismo e mesmo projeto supremacista em movimentos negros. O retomo à loucura supremacista aparece, agora, como discurso de esquerda.

Se quiserem manter a complacência, podem fazer disso como de realidades apenas embrionárias, mas a verdade é bem outra. Milhares de pretos, como pastores evangélicos, querem o poder.

Não devemos fazer vistas grossas ao racismo negro, ao mesmo tempo que esquadrinharmos o racismo branco com microscópios implacáveis. O mesmo microscópio deve enquadrar todo e qualquer racismo, venha de onde vier.

Como em um texto do escritor negro LeRoi Jones: "Nossos armãos estão se movimentando por toda parte, esmagando as frágeis faces brancas. Nós temos que fazer o nosso próprio mundo, cara, e não podemos fazê-lo a menos que o homem branco esteja morto".

Resta, então, a pergunta fundamental. O neorracismo identitário é exceção ou norma? Infelizmente, penso que é norma. Decorre de premissas fundamentais da própria perspectiva identitária, quando passamos da política da busca da igualdade para a política da afirmação da diferença.

Ao afirmar uma identidade não podemos deixar de distinguir, dividir, separar. Não existe identitarismo que não traga em si algum grau e alguma espécie de fundamentalismo.

Nesse fundamentalismo, se o que conta é a afirmação de um essencialismo racial, reagindo ressentido a estigmatizações passadas, dificilmente os sinais supremacistas não serão invertidos. As implicações disso me parecem óbvias. ←



Sob a capa do discurso antirracista, o racismo negro se manifesta por meio de organizações poderosas como a Nação do Islã, supremacista negra, antissemita e homofóbica

Não devemos fazer vistas grossas ao racismo negro, ao mesmo tempo que esquadrinharmos o racismo branco com microscópios implacáveis



## Mulheres que sofrem

Voltei quase bem de Pernambuco, mas vi tanto sofrimento que me calei.

Marilene Felinto

Essa obra é traduzida a pedido de 'As Mulheres de Tucupiza' Marizeth e suas mães, enviadas com:

Você sabe que bem (a) dizer "Je-  
i. 27" de curtos fêrras em Per-  
nambuco. Mas dei de curu com  
húntes mulheres em sofrimento  
fugir e la que me dei

Você quer bem, porque lá é que se cria um tanto da minha nostalgia, o reencontro com sabores e paisagens de infância: mingau, pitomba, carurujeira, coqueiros e praia de águas mornas.

Volter até que bem, ainda que não se, a tempo de carunquijos. É época de defeso, a espécie está em reprodução. Só foi possível comer um resto de muitos magros. A captura e o cultivo de sementes para engordar estão proibidos.

Respeitar se, mas lamentei, porque costumamos comer inteiros esses crustáceos, patas e carapaças, cozidos só na água e sal. Passa horas sentada a uma mesa de praia comendo caranguejos (do tipo quarianum, de

preferência), numa voracidade de deselegante e pré-histórica, como se estivesse num daqueles períodos de fome atávica da história da humanidade,

Mas voltei testemunha de  
mulheres em sofrimento por

que foram mûes ou porque não são mûes; sofrendo por terem revivido (assistindo ao parto) a dor da desistência de uma mulher a trazer à existência, a desistência e a violência médica na hora do parto, sem nunca terem conseguido elaborar esse trauma.

Sofrendo porque seus filhos e filhos sofrem (mas também porque às vezes acham esses filhos e filhas usurpatáveis e viram isso em um fume e se identificam, mas não podem dizer ao vivo real). Mulheres cujos filhos morreram antes delas e que sofrem da incalçável dor dessa morte.

Sofrem porque foram abandonadas por seus companheiros ou companheiras (ou porque abandonaram seus companheiros ou companheiras). Que sofrem porque são filhas e acham suas próprias mães um fardo a carregar.

Sofrem porque seus companheiros são violentos feminicidas latentes ou ativos. Porque não conseguem denunciá-los ou porque conseguiram denun-

cião. Ou mulheres que sofrem porque suas companhe-

ras homoafetivas demandam  
demais, querem exclusividade,  
demonstrações públicas de re-  
cusa heteronormativa, mandam  
irritante paradas não de ge-  
nera (de exatidão)

Mulheres que sofrem porque não sabem se querem transar com homens ou com mulheres. Sofrem porque, no fundo, nunca vão atingir, como as homens, um certo desinteresse pela monogamia: é que um homem disse uma vez a uma mulher (foi uma berta de espanto, que o mundo das mulheres é fascinante porque é de uma diversidade, riqueza, que não há na e na igual a outra, que é preciso experimentar muitas, variando de vagina em vagina, e daí a infidelidade dos homens).

Sofrem também porque acham que são boas mães, mas que seus filhos não reconhecem isso. Elas que abram um pouco os olhos porque

responsabilizam essas intrusões e intrusões pelo sofrimento incalculável que é a síndrome do ninho vazio.

Sofrem porque estão velhas e perderam seus gatos e cachorros idosos, e seus netos

são ausentes. Ou porque são jovens demais e não se compreendem (sa írem desse tipo específico de cegonha)

Sobrem porque seus chefes são os machistas de sempre supostos profissionais bem sucedidos no "mercado" homens casados que querem mesmo comer suas subordinadas, e pagando pouco.

Mulheres que sofrem porque precisam escrever suas teses e livros e (quando) não encontram a paz de que os homens desfrutam para desenvolver seus trabalhos — e, que, quando se sentam a uma mesa para escrever ou desenhar, botam na conta aquele ar de gênios superiores.

Mulheres que sofrem por que são pobres e regem e sustentam a família sozinhas — e porque de faxineiras e empregadas domésticas, foram desmoldadas em cuidadoras, não mais do que isso.

Ou porque são ricas e deprimidas e não sabem o que fazer da vida, além de unhas, cabelo e ginástica (e de ingerirem psicotrópicos, porque estão magras demais ou obe-

[1]

É um sofrimento  
sem ideologia  
(aquem ou além  
dos feminismos).  
Como se, na  
andada solitária  
delas, tivessem  
caninhado para  
trás nos tempos.  
E não é exatamente  
uma culpa. é uma  
agonia como uma  
fome ancestral

sas demats)

Mulheres maduras ou velhas, que sofrem porque as novas tecnologias criaram lhes barreiras insuperáveis, elas que não sabem a que se digitalizar, zapear, printscreenar — nem gozar no aplicativo de relacionamentos sociais, na plataforma de suas novas estações.

Safrem porque a tecnologia instituiu essa espécie de viagem na vida delas — uma sem exclusão, elas que achavam que já sabiam tudo, porque por serem mães, já têm o conhecimento e a sabedoria, tendo vivido o que existe de mais rico em aprendizagem (do mesmo tempo prazeroso e doloroso).

Voltei de Pernambuco quase feliz. Ainda que também não fosse época de pitumbus. Mas sofri só de ver como as mache res estão sofrendo (aqui e lá).

É um sofrimento sem deolo-  
gia (alguém ou várias das femi-  
nistas). Como se, na ausência  
solidária delas, tivessem camu-  
nhado para trás nos tempos.  
E não é exatamente uma cul-  
pa: é uma agonia, como uma  
fome ancestral.

**EDM.** Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, Marlene Felinto, Hermann Vianna

[illegible]



ilustrada ilustríssima

# Silêncios memoráveis

Ela gosta de falar e eu gosto de estar calado

Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro da coleção portuguesa Gato Fedorento. É autor de "Boca do inferno"

Pego a atenção do respeitável público para o seguinte episódio doméstico: eu estava a ver a espectáculo de stand-up de uma comediante americana quando a minha mulher entrou na sala e se sentou ao meu lado. Passado algum tempo, ela disse: "Estas coisas ficam lhe mal". Eu fiquei calado. Depois, ela disse: "A voz dela irrita-me". Eu fiquei calado. Um pouco mais

tarde, ela disse: "Não lhe acho muita graça". Eu fiquei calado. E então a minha mulher levantou-se e foi embora, e eu sei que ela ia satisfeita, com a firme convicção de que tínhamos tido uma excelente conversa. Não se preocupem, isto não é o pretexto para uma dessas reflexões estafadas sobre as mulheres serem de Vênus e os homens de Marte. Nunca percebi a ideia segundo a qual, por não

serem da mesma planeta, mulheres e homens não se entenderiam. O ET e o menino são de planetas diferentes e estabelecem uma relação bem sólida. O que um sente, o outro sente, quando um adoece, o outro adoece. Isso é que é estar junto na saúde e na doença. A questão aqui é outra. Ela e eu somos diferentes independentemente do fato de eu ser um homem e ela ser uma mu-

lher. Acontece que ela gosta de falar e eu gosto de estar calado. Quando ela sai da sala contente depois de eu não ter dito uma palavra, isso indica-me, uma vez mais, que há poucas atividades para as quais eu tenha mais talento do que para estar calado. Nem todo o mundo consegue, mas eu nasci para isso. Nesse mesmo dia, quando me fui deitar, ela já estava na cama. Pensei que

ela tivesse adormecido, mas, quando eu pousava a cabeça no travesseiro, ela disse: "Não sei como consegues dormir despida com este frio". E, ao mesmo tempo que o dizia, enfiava os pés no meio das minhas pernas. Eu fiquei calado. Não foi fácil, porque os pés estavam gelados, mas eu sou um profissional. É um modo de ser que consiste também num projeto a longo prazo. Quando eu morre, ela vai lembrar-se de mim cada vez que não houver barulho. Sempre que comprar uma resma de folhas brancas recordará alguns dos meus melhores silêncios. Talvez ela pegue numa e a coloque numa moldura. E, como é óbvio, estará a falar sozinho a tempo todo. Eu, mantendo uma notável coerência, em princípio não responderei.



Luiza Paes/Artes

DOM Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Mariana Cantarária | QUA. Gregório Duvviler | QUI. Flávia Baggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

## É HOJE

Tony Gons

tonygons@uol.com.br

**Diretor do filme 'Mar Adentro' faz série de aventura na televisão paga**

**A Fortuna**  
AMC, 22h, 2 anos  
Conhecido por dramas psicológicos como "Os Outros" e "Mar Adentro", o chileno-espanhol Alejandro Amenábar assina sua primeira minissérie de ação e aventura. Em oito episódios, "A Fortuna" conta a história de um jovem diplomata que lidera uma missão para resgatar um tesouro encontrado em um navio afundado, roubado por um aventureiro americano.

**Expresso**  
Starzplay, 16 anos  
Nesta minissérie espanhola, Maggie Civantos, de "Vis a Vis", faz uma psicóloga criminal que sofre um sequestro relâmpago. Ela então deixa a polícia e passa a trabalhar para uma seguradora. Um novo episódio todo domingo.

**Grandes Mitos Gregos**  
Curtal, a partir de 9h, livre  
Para comemorar dez anos no ar, o canal promove maratona aos domingos de uma de suas séries de maior sucesso. Até março, quatro episódios também serão disponibilizados gratuitamente na plataforma Curta! On.

**Amazônia**  
Entre a Vida e a Morte  
Cultura, 16h30, livre  
Produzida em parceria com o Amazon Rainforest Journalism Fund e o Pulitzer Center, esta série documental em quatro episódios denuncia um novo polo de desmatamento na divisa entre os estados do Acre, Amazonas e Roraima.

**Harry e Meghan**  
Escapando do Palácio  
Netflix, 21h, livre  
O terceiro telefilme produzido pelo canal sobre o príncipe Harry e sua mulher Meghan Markle dramatiza os acontecimentos que levaram o casal a se afastar do deveres da monarquia britânica após o nascimento do filho Archie.

**Acumuladores Compulsivos: Melhores Momentos**  
ABÉ, 21h30, 14 anos  
Uma coletânea dos episódios mais marcantes de "Acumuladores Compulsivos", com cenas inéditas de cada caso.

**Canal Livre**  
Band, 0h30, livre  
O governador da Bahia, Rui Costa, do PT, fala sobre os prejuízos causados pelas chuvas em seu estado e a corrida eleitoral que se avizinha.

## QUADRÃO | Jan Limpens



DOM Jan Limpens, Lutz Gê | Ricardo Coimbra, Angeli, Luiza

**Crise no Iphan leva a suspensão do mestrado do órgão, referência em preservação**

Carollina Moraes

SÃO PAULO O Iphan, principal órgão de preservação do patrimônio cultural do país, atravessa uma crise. O capítulo mais recente foi Bolsonaro admitindo que rifou servidores para beneficiar Luciano Hang, dono das lojas Havan. A paralisação de atividades, que chegou a atingir as ações do conselho consultivo da instituição, agora impacta também o mestrado profissional do Centro Regional de Formação em Gestão do Patrimônio, o Centro Lucio Costa. O edital de 2021 do curso não foi lançado. Pela primeira vez desde 2012, quando foi reconhecido, o mestrado não terá nova turma. A paralisação acontece por falta de aprovação do edital pela diretoria colegiada, formada pelos diretores do Iphan e pela presidente da instituição Larissa Pelozo, que assumiu em 2020. Funcionários e especialistas da área de patrimônio defendem o mestrado profissional como um dos mais importantes cursos da área no Brasil. Documentos no sistema de informação do Iphan mostram que em junho de 2021 a diretoria oficializou em reunião que o edital de 2021 ficaria suspenso provisoriamente. Ficou definido que a publicação dependeria da nomeação de um diretor definitivo para o Centro Lucio Costa, cargo vago desde maio. Há também uma série de comunicados enviados tanto pelo Centro Lucio Costa quanto pelo Departamento de Cooperação e Fomento do Iphan pedindo uma previsão de publicação do edital nesse período, sem respostas. O Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Brasileiro, formado por 18 instituições, publicou um documento em defesa do curso e listou o que eles entendem como indícios da "falta de interesse do atual diretor da instituição para dar continuidade ao programa". Membros do conselho consultivo, a instância máxima para tombamentos e registros de bens materiais na instituição, também se manifestaram sobre o assunto na última reunião do conselho, no fim do ano passado, que teve participação da presidente. Procurado pela reportagem, o Iphan não se pronunciou até o encerramento desta edição sobre previsão de lançamento dos editais de 2021 e 2022 para o mestrado e se há a intenção de transferência de acervos e instituições do Rio de Janeiro para Brasília.



# Um pequeno gigante

**(RESUMO)** Há pouco mais de 20 anos, um cineasta neozelandês desconhecido, Peter Jackson, lançava o primeiro filme da trilogia 'O Senhor dos Anéis', após percalços quase tão difíceis quanto os de Frodo. A saga, que ganhou 17 Oscars e se tornou um fenômeno de bilheteria, inaugurou a era de fantasias épicas adultas como 'Game of Thrones' e vai virar série neste ano

Por **Rodrigo Salem**  
Jornalista especializado em cinema

Quando a atriz Cate Blanchett, no papel da rainha élfica Galadriel, proferiu a frase "ate a menor das criaturas pode mudar o curso do futuro" ela se referia a Frodo, o pequeno hobbit protagonista de "O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel", obra de J.R.R. Tolkien publicada em 1955.

Essas mesmas palavras podem ser usadas para ilustrar como um pequeno cineasta de uma ilha distante um oceano de Hollywood conseguiu mudar a história não apenas do cinema moderno, mas da própria cultura pop do século 21.

Não são hipóboles vazias. Sem "O Senhor dos Anéis" filme que o neozelandês Peter Jackson lançou há 20 anos, muita coisa seria diferente. Certamente, não teríamos visto a invasão de fantasias épicas mais sérias como "Game of Thrones", "His Dark Materials" e "A Torre Negra".

Personagens digitais tão emocionantes quanto os colegas humanos não se tornariam tão comuns em Hollywood sem o Gollum de Andy Serkis, e o próprio conceito de trilogia, tão na moda, tomou força após o sucesso bilionário dos longas de Jackson. Antes de "O Senhor dos Anéis" o cinema de fantasia era sinônimo de fracassos de bilheteria, dramaturgia risível e efeitos especiais capengas que atingiam apenas um nicho de público.

Até os Beatles, em 1968, tentaram fazer uma adaptação musical da série, mas foram vetados pelo próprio Tolkien, que vendeu os direitos da obra para o estúdio United Artists um ano depois. "Peter Jackson entendeu que a fantasia de 'O Senhor dos Anéis' precisava ser realista", escreveu o jornalista Ian Nathan no livro "Peter Jackson and The Making of Middle-Earth" (2018).

A trajetória do diretor para levar ao cinema uma das obras mais vendidas e amadas da literatura fantástica foi tão difícil e inesperada quanto a jornada de Frodo rumo à Montanha da Penitência.

Como muita coisa na Hollywood dos anos 1990, a história de "O Senhor dos Anéis" no cinema começa com Harvey Weinstein. Atualmente preso e condenado a 23 anos de prisão por abuso sexual e estupro, o ex-produtor tinha um contrato com Jackson que dava a seu estúdio o direito de ser a primeira escolha do diretor para o filme seguinte ao drama "Almas Gêmeas" (1994).

Uma das ideias jogadas por Jackson e sua esposa, Fran Walsh, foi exatamente "O Senhor dos Anéis". Weinstein gostou e sugeriu que fizessem três filmes: o primeiro adaptaria "O Hobbit", livro mais infantil que mostra as aventuras do hobbit Bilbo na fantástica Terra Média, enquanto os dois restantes trariam a jornada de Frodo, sobrinho de Bilbo.

Eventualmente eles descobriram que os direitos de "O Hobbit" eram impossíveis de ser adquiridos na época pois estavam sob posse da MGM. "Dane-se, faremos ape-



O ator Elijah Wood, que interpreta o hobbit Frodo, em cena de "O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel" Reprodução

nas dos filmes com "O Senhor dos Anéis", teria praguejado o grosseirão Weinstein.

Na época, Jackson já estava dirigindo "Os Espíritos" (1996) e começou a procurar seu novo projeto para olerer. Os filmes de Weinstein não lhe faltavam alternativas.

A primeira foi uma atualização de "O Planeta dos Macacos" com Arnold Schwarzenegger no papel principal e produção de James Cameron, mas o neozelandês decidiu cair fora quando a produção ficou megalomaniaca demais para seu gosto. A outra

foi o remake de "King Kong", filme que era grande paixão de Jackson desde criança. Dessa vez, ele topou recriar o drama do gorila gigante.

Weinstein não recebeu bem a notícia de que Jackson não topa "O Senhor dos Anéis" naquele momento, mesmo que os direitos não estivessem assegurados. "Isso não está acontecendo. Você não está me falando isso" disse aos gritos.

"Eu estou te falando isso. Harvey. Nós ainda vamos fazer, mas consiga os direitos que voltamos depois de 'Kong'", replicou o diretor. A respos-

ta nem veio. Weinstein bateu o telefone na cara de Jackson.

Esperto, o cineasta conseguiu driblar a raiva do produtor ao costurar um acordo: a Miramax entraria em parceria com a Universal em 50% do orçamento de "King Kong" e, em troca, o estúdio pagaria metade de "O Senhor dos Anéis" para os Weinstein.

Mais esperto ainda, Harvey Weinstein disse que não seria um acordo justo, pois a adaptação da obra de Tolkien geraria dois longas. Ele pediu para ficar com os direitos de outro roteiro da Universal,

"Shakespeare Apaixonado", que três anos depois ganharia sete Oscars, incluindo o de melhor filme.

Quando tudo parecia certo na carreira em ascensão meteórica do cineasta que veio do submundo dos filmes de terror B da Nova Zelândia, uma nova surpresa. A Universal decidiu cancelar a refilmagem de "King Kong" porque a Disney já havia lançado "O Poderoso Jué" (1998), uma cópia feita que não gerou nenhuma comoção. Além disso, o estúdio havia fechado com Roland Emmerich, na época um dos diretores mais prestigiados de Hollywood, para ressuscitar outro monstro: Godzilla.

Também não ajudou nada o fato de o novo nome de Jackson, "Os Espíritos" (1996) ter naufragado nas bilheterias. Harvey Weinstein, contudo, tomou as dores do cineasta. "Vamos fazer 'O Senhor dos Anéis'", teria dito, "e sem o envolvimento deles [Universal]."

Alua-de-mel não durou muito. Apesar de ter concordado em fazer dois filmes com o orçamento de US\$ 75 milhões, Jackson logo percebeu que não seria possível alcançar a qualidade desejada de efeitos visuais, produção e direção de arte com essa quantia. Ele pediu pelo menos o dobro, mas Weinstein nem deu ouvidos.

A solução dada pelo brucutu hollywoodiano era a mais radical possível: adaptar os três livros da saga em apenas um filme, cortando dezenas de personagens (como Saruman), mesclando outros (os nobres Faramir e Éowyn seriam apenas uma guerreira), eliminando locações (os reinos humanos de Gondor e Rohan seriam o mesmo lugar) e condensando cenas (um dos pedidos de Weinstein era matar um dos hobbits para chorar um momento emotivo).

Peter Jackson se recusou a embalar nessa cartola furada. O produtor ameaçou tirá-lo do projeto por inteiro e repassar "O Senhor dos Anéis" para algum cineasta mais próximo, como Quentin Tarantino ou John Madden ("Shakespeare Apaixonado"). Ninguém sabe se ele estava blefando, mas é fato que Weinstein enviou o roteiro dos filmes para Hossein Amiri, de "Asas do Amor".

O projeto estava por um fio. Jackson já havia pedido para seu agente comunicar a Weinstein que não faria "O Senhor dos Anéis" como um filme isolado. O agente, contudo, preferiu pedir ao chefe da Miramax mais tempo para encontrarem um estúdio que garantisse os dois filmes.

Normalmente algo dessa magnitude requer, pelo menos, um ano. Weinstein deu quatro semanas a Jackson, que voltou para a Nova Zelândia e preparou um vídeo com testes de efeitos, além de maquetes para poder exibir nas apresentações.

Dias depois, ele estava se reunindo com presidentes de produção de vários estúdios. Por uma razão ou outra, Jackson só ouviu recusas. Sua última esperança era a pequena New Line, que começou a ganhar muito dinheiro com filmes de terror como "A Hora do Pesadelo" e, ao ser comprada pela Warner, ganhou poder para financiar outros filmes.

A reunião foi tensa. Apesar de o produtor Mark Odersky ser apoiador e amigo de Jackson, ele precisava da aprovação de Bob Shaye, presidente

da New Line. Shaye assentiu à apresentação de Jackson sem exibir um sorriso.

O cineasta achou que era o fim do sonho, mas veio a reviravolta. "Por que você faria dois filmes se Tolkien escreveu três livros?" perguntou Shaye a um Jackson incrédulo. "Se queremos fazer justiça, precisamos fazer três filmes."

Entre acordos e apertos de mão, assim nasceu a trilogia "O Senhor dos Anéis": "A Sociedade do Anel" lançada em dezembro de 2001, "As Duas Torres" em dezembro de 2002 e "O Retorno do Rei" de dezembro de 2003. Os três épicos foram filmados simultaneamente na Nova Zelândia, entre 1998 e 2001, mas exigiram novas filmagens para cenas extras meses antes de cada episódio estreiar.

Esse feito descomunal consumiu dez anos da vida do diretor. "Eu teria morrido se tivesse feito os dois. Duna de uma vez. Não sei como Peter Jackson conseguiu fazer três 'Senhor dos Anéis'. Ele tem muita maior respeito", disse Denis Villeneuve em um evento recente em Los Angeles.

A trilogia de Jackson não apenas rendeu cerca de US\$ 3 bilhões nos cinemas (sem contar as versões do diretor lançadas sempre um ano depois das estréias normais), como se tornou uma devoradora de prêmios: no total, os três longas foram indicados a 30 Oscars e venceram 17 deles — "O Retorno do Rei" com 11 estatuetas, é recordista da história da Academia, ao lado de "Ben-Hur" (1959) e "Titanic" (1997).

Na esteira do sucesso, os estúdios saíram em busca de obras similares, como "As Crônicas de Nárnia", de C.S. Lewis, escritor que fazia parte do grupo de Tolkien em Oxford; "A Bussola de Ouro", livro de Philip Pullman que fracassou no cinema, mas encontrou lugar na TV na série "His Dark Materials" e até "Eragon", fantasia infantil-juvenil de Christopher Paolini.

Podemos dizer que "Game of Thrones" nunca teria chamado a atenção da HBO e ganhado a liberdade para florescer sem ter recebido o bastão de "O Senhor dos Anéis".

O próprio Jackson, contudo, não alcançou o mesmo resultado quando finalmente adaptou "O Hobbit" em 2012. Pressionado após a saída de Guillermo del Toro, que teve choque de agenda por causa de diversos atrasos nas filmagens, Jackson assumiu a cadeira de diretor e transformou um livro curto e infantil em três filmes longos e mal acabados esteticamente.

De toda forma, "O Senhor dos Anéis" permanece um pote de ouro para o audiovisual. Em setembro de 2021, a Amazon Prime Video lançou uma série ambientada milhares de anos antes das aventuras de Frodo, mas trazendo alguns personagens conhecidos do grande público. A expectativa é tão alta que a gigante de Jeff Bezos deve investir cerca de US\$ 1 bilhão no projeto, fazendo desta a série mais cara de todos os tempos.

Como a produção está sendo mantida em absoluto segredo, não se sabe se Peter Jackson participará ou não. Mas, em uma trajetória com tantas surpresas, o que seria mais uma para esse pequeno gigante neozelandês que trouxe Tolkien para toda uma nova geração? <

Antes de "O Senhor dos Anéis", o cinema de fantasia era sinônimo de fracassos de bilheteria, dramaturgia risível e efeitos especiais capengas

A trilogia não apenas rendeu cerca de US\$ 3 bilhões nos cinemas como se tornou uma devoradora de prêmios: no total, os três longas foram indicados a 30 Oscars e venceram 17 deles



## ilustrada ilustríssima



Árvores mortas em várzea na Reserva Extrativista Baixo Rio Branco-Jauaperi. Foto: Paulo Luchessa. 9 de 21, 1.º de agosto

# Enchentes, fogo e descaso

**[RESUMO]** A centenas de quilômetros da frente de desmatamento da Amazônia e cercada de outras unidades de conservação, reserva extrativista na divisa de Roraima e Amazonas vem sofrer do incêndios e enchentes de proporções inéditas. Negligência de órgãos ambientais federais se soma a crise climática agravando a situação de ribeirinhos e criando risco de desaparecimento de tartarugas

Por **Fabiano Maisonnave**  
Correspondente da Folha em Manaus

Acessível apenas de barco, longe das cidades habitadas por algumas dezenas de famílias de ribeirinhos e cercada por outras áreas protegidas, a Resex (Reserva Extrativista) Baixo Rio Branco-Jauaperi está no meio de uma das regiões mais preservadas da floresta amazônica. Apesar de centenas de quilômetros distante das frentes de desmatamento, são inúmeras as árvores mortas que despontam das águas escuras da várzea inundada pelo rio Jauaperi, afluente do rio Negro que marca a divisa entre os estados de Roraima e Amazonas.

A cena lugubre — que soma alguns quilômetros de floresta destruída em dois pontos distintos da Resex, lembra os “paliteiros” presentes em reservatórios de usinas hidrelétricas, como a de Belo Monte, sobre o rio Xingu, no Pará. A causa da mortandade, porém, é outra. A vegetação nessas duas trechos foi destruída, no início de 2016, por incêndios de extensão e intensidade inéditas — na época, a região atravessava a maior seca que os ribeirinhos têm memória.

Por outro lado, a água que alagava as várzeas do Jauaperi no início de dezembro, quando a reportagem da Folha visitou o local, é reflexo da maior enchente em pelo menos um século.

Em meados de 2021, as águas, assim como roças e plantas frutíferas, foram “pro fundo”, na linguagem local. Em alguns pontos, a alagação da floresta de terra firme matou árvores que não sobrevivem muito tempo submersas, incluindo castanheiras.

Esses dois eventos extremos, separados por um intervalo de cinco anos, reforçam as projeções de que as mudanças climáticas são uma ameaça crescente para a maior floresta tropical do mundo.

Entre 2013 e 2016, a seca foi provocada por um “super El Niño” um dos mais fortes já

registrados, ao lado dos de 1982 e 1997. O fenômeno provocado pelo aquecimento das águas do Pacífico, teve repercussão global e causou desde um número recorde de ciclones tropicais na região do Haiti até a maior elevação anual de dióxido de carbono na atmosfera já registrada.

“É como um gigante tocando um sino tão alto que derubou os pratos das estantes na casa do bôia, da rua”, sintetiza uma anfitriã da Associação de Ribeirinhos e Extrativistas do Rio Jauaperi (AARJ), localizada no norte-americano do oceano e da atmosfera.

No rio Negro, os impactos também foram sem precedentes. O ecólogo Bernardo Flores, pós-doutorando na USP (Universidade Federal de Santa Catarina), calculou que, na região de Barcelos, vizinha à Resex, foram destruídos 70 mil hectares de floresta de igapó, nome dado ao ecossistema alagável que cresce às margens dos rios de água preta.

O tombo da área consumida pelas chamas, equivalente ao município de Florianópolis — e ainda mais impressionante se comparado com o fato de que, ao longo dos 40 anos anteriores, o fogo havia atingido apenas 10 mil hectares na mesma região.

“Eu acredito no risco de queimar quase tudo”, afirma Flores, em conversa por telefone. “Os El Niños estão ficando mais frequentes. A tendência é de, em breve, ter um El Niño mais forte que o de 2015.”

Flores explica que, mesmo inundado durante parte do ano, o igapó é vulnerável ao fogo por acumular muita matéria orgânica, que se transforma em combustível no período seco.

O ecólogo diz que a regeneração do igapó é lenta e que, caso a mesma região queime duas vezes, a floresta já não dá a uma campina com espécies típicas da savana nativa amazônica, comum em várias regiões de Roraima.

Essa avaliação é corroborada pela experiência dos ribei-

rinhos. “Depois do fogo, não se recupera mais a mata nativa. Cresce mais embaúbera, crio tiringica, aquele cipó que impede outras plantas nascerem. No tempo dos meus pais, um vizinho jogou uma baganha de cigarro e queimou um pedaço. Tem 45 anos e agora está começando a crescer, mas ainda tem muita diferença para chegar ao porte da floresta nativa”, afirma Francisco Paredê de Lima, 54, presidente da Associação dos Artesãos e Extrativistas do Rio Jauaperi (AARJ).

Na última década, de 2011, foi provocada pelo El Niño. Ao contrário do El Niño, é um fenômeno causado pelo resfriamento das águas do Pacífico e, na Amazônia, provoca chuvas acima da média. Em Manaus, o rio Negro atingiu o nível mais alto desde o início da medição, há 119 anos.

Na comunidade Tanauai, por exemplo, só 2 das 17 casas escaparam da enchente. Alguns se mudaram para áreas mais altas, outros passaram a morar em barco. “A alagação durou três meses. Durou muito tempo. Geralmente, se passamos um mês alagado aqui”, diz o ribeirinho

Alberto Oliveira, 45.

A perda das roças — oriundas de povos indígenas — é pensada por estas famílias. O principal dador foi o empresário de turismo Ruy Tene, que as distribuiu três vezes pelas 25 comunidades, das quais só três não foram “pro fundo”. Houve também ajuda do CNS (Conselho Nacional dos Seringueiros) e, por último, do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade).

Em situações de emergência, a presença do poder público é escassa. Assim como o Estado não contém o aumento do desmatamento, “potencializa” como admitiu o presidente Jair Bolsonaro em 2019 — quase nada se fez para mitigar os efeitos da crise climática na floresta amazônica.

Via assessoria de imprensa, o ICMBio informou que o processo de criação do conselho consultivo da Resex foi aberto em 2021 e que depende das restrições impostas pela pandemia da Covid-19. O órgão informou que, em 2020, servidores e brigadistas ligados em Novo Aarão foram capacitados em prevenção e combate a incêndios florestais.

A Resex Baixo Rio Branco-Jauaperi é uma das regiões que

sofreu com esse descaso. De responsabilidade federal, na última unidade de conservação criada na Amazônia, em junho de 2018, no governo Michel Temer (MDB). Quase quatro anos depois, está sem conselho deliberativo e plano de manejo e não conta nem sequer com ribeirinhos treinados como brigadistas.

A demanda para a criação da Resex foi formalizada pelos ribeirinhos em 2001, mas o trâmite se arrastou durante os anos seguintes devido a uma polêmica iniciada pelo governo de Roraima, que chegou a criar uma APA (Área de Proteção Ambiental) estadual na mesma região. Tratou-se da categoria de unidade de conservação de mais baixa proteção, que permite desmatamento e propriedade privada.

No entanto, uma mudança trazida pelo Código Florestal, em 2012, mudou a posição da classe política de Roraima, vinculada ao agronegócio, a madeira e ao garimpo. As áreas de 65% do território estadual — por unidade de conservação — e terras indígenas, o percentual de área de mata nativa preservada por lei diminuiu de 80% para 50% nas propriedades privadas.

Nesse cálculo, a criação da Resex paradoxalmente, pode em breve contribuir para que fazendeiros de Roraima desmatem para produzir carne, soja e outros produtos agropecuários.

ribeirinhos para vigiar as praias de desova, coletar os ovos e depois soltar os filhotes. O projeto, que hoje abrange sete praias, é financiado por doações privadas.

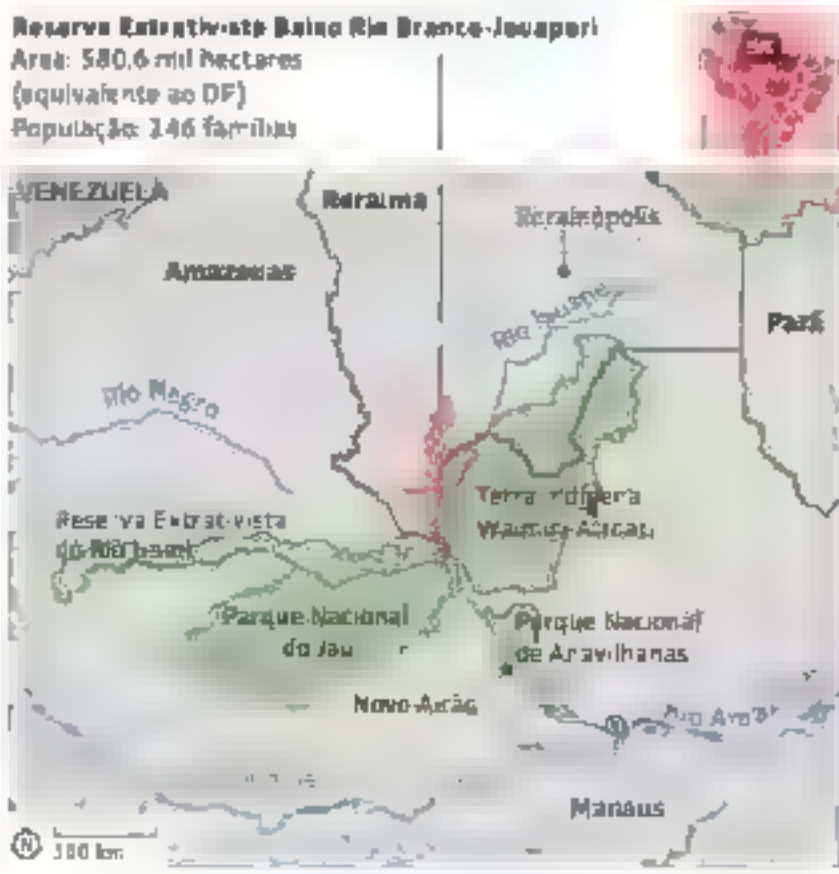
Em dezembro, a reportagem acompanhou o trabalho da associação, a bordo de uma embarcação de 15 metros movida por um motor fabricado em 1963. Com uma velocidade não maior do que 7 km/h, foram precisos seis dias para visitar todas as comunidades do projeto. A distância de Novo Aarão, o ponto de partida, até a Resex é de 110 a 120 km.

No barco, além de Lima, estava o escocês Paul Clark. Ele se mudou para Jauaperi nos anos 1990 junto com a mulher, a italiana Bianca. Fundaram uma escola para os ribeirinhos, tiveram dois filhos e deram início ao projeto de proteção dos quelônios, além de participar da AARJ, onde ele atua como vice-presidente.

Neste ano, o trabalho dos prateiros foi prejudicado pelo nível elevado do rio, que encobre boa parte das praias, instabilizando a desova das tartarugas. Por segundo ano consecutivo, a região está com chuvas acima da média, novamente devido ao fenômeno El Niño.

O maior problema, contudo, é a falta de fiscalização por parte dos agentes ambientais. Desde 2018, o ICMBio realizou apenas três operações. Sem vigilância, é comum a caça indiscriminada das quatro espécies de tartaruga da região. E las depois são vendidas em Novo Aarão e Manaus, onde a carne de tartaruga é muito apreciada.

“É meio frustrante dizer que você está lutando, suando a camisa para fazer algo para uma pessoa que está só destruindo”, diz Lima. “A gente tenta salvar o máximo de quelônios para soltar na natureza e os caras vão tirando. Já houve comentários: ‘Ora, vocês estão criando, e a gente vai pegando, agora vai equilibrar’. É uma perda desagradável.”



**Tartarugas sob ameaça**  
Com os órgãos ambientais ainda mais enfraquecidos sob Bolsonaro, a Resex está vulnerável à pesca predatória e à caça de quelônios, atividades ilegais que empregam parte dos ribeirinhos, fonte recorrente de conflitos internos.

Para tentar recuperar a reduzida população de quelônios, a AARJ mantém há dez anos um projeto pelo qual a associação paga uma rede de





Enfermeira conforta colega na troca de turnos no cuidado a pacientes com Covid-19 no Hospital Cremona, em Milão, na Itália — Paola Miranla — 3 mar.2020/AFIP

# Médicos têm altas taxas de ideias suicidas na pandemia

Depressão cresceu entre profissionais de saúde latino-americanos, diz estudo

WASHINGTON, AFP — Os trabalhadores da saúde de 11 países latino-americanos apresentam “altos índices” de sintomas depressivos e pensamentos suicidas, segundo um estudo publicado nesta quinta-feira (13) pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas). O relatório “The Covid-19 health care workers study (HECOWS)” mostra que entre 14,7% e 31% dos profissionais de saúde consultados em 2020 demonstraram sintomas que permitiram suspeitar de um episódio depressivo, enquanto entre 5% e 15% reconhecem que pensaram em suicídio, disse a Opas. O estudo foi realizado pelas universidades do Chile e Colúmbia, em colaboração com a Opas, com profissionais na Argentina, Brasil, Chile, Co-

lômbia, Bolívia, Guatemala, México, Peru, Porto Rico, Venezuela e Uruguai. “A pandemia aumentou o estresse, a ansiedade e a depressão entre os profissionais de saúde e revelou que os países não desenvolveram políticas específicas para proteger sua saúde mental”, afirmou Ruben Alvarado, pesquisador da Universidade do Chile. Em alguns países, apenas cerca de um terço daqueles que disseram precisar de atendimento psicológico receberam o apoio, segundo comunicado da organização. “A pandemia evidenciou o desgaste do pessoal de saúde e em países onde o sistema de saúde entrou em colapso, eles sofreram com maiores extenuantes e dilemas éticos que impactaram sua saúde mental”, apontou An-

selm Hennus, diretor do Departamento de Doenças Não Transmissíveis e Saúde Mental da organização. A saúde mental dos profissionais da área foi afetada, entre outros motivos, pela necessidade de apoio emocional e financeiro, preocupação em infectar seus familiares com o vírus, conflitos com parentes de pessoas infectadas e mudanças nas funções laborais, indica o estudo. Entre os fatores que protegeram a saúde mental do grupo, o texto destaca a confiança de que as instituições e o governo poderiam lidar com a pandemia, contar com o apoio de colegas e ser uma pessoa espiritual ou religiosa. Para amenizar o problema, o relatório recomenda modificar o ambiente de trabalho, melhorar salários e contratos e criar espaços para que

as equipes possam desabafar. Também defende o apoio ao cuidado de seus filhos e idosos sob seus cuidados, à que a maioria são mulheres e cuidadoras, além da facilitação do acesso aos serviços de saúde mental. “Após dois anos de pandemia, muitos trabalhadores ainda não recebem o apoio de que precisam e isso pode levá-los a desenvolver diferentes transtornos mentais, algo para o qual temos que estar preparados”, alerta J. J. Zúñiga, pesquisador da Universidade Colúmbia. O estudo é baseado em entrevistas com 14.503 profissionais de saúde e contou com o apoio de dezenas de instituições dos países estudados. “A pandemia não acabou. É fundamental cuidar de quem cuida de nós”, concluiu Anselm Hennus.

## OMS recomenda 2 novos tratamentos anti-Covid

A OMS (Organização Mundial da Saúde) recomendou oficialmente dois novos tratamentos contra a Covid-19 em casos muito específicos, elevando o total desses fármacos a cinco. Em um relatório publicado nesta sexta-feira (14) na revista médica The BMJ, os especialistas da OMS recomendam um tratamento à base de anticorpos sintéticos, o sotrovimab, e um medicamento em geral usado contra a poliartrite reumatóide, o baricitinib. Os medicamentos, contudo, não são destinados a qualquer paciente. O sotrovimab é recomendado para pacientes que contraíram Covid sem gravidade, mas com alto risco de hospitalização. Seu benefício para pacientes que não correm este risco é muito baixo. Quanto ao baricitinib, é recomendado para “pacientes acometidos de Covid grave ou crítica” e o medicamento deve ser administrado “combinado com corticoides”. Nesses pacientes, sua ingestão “melhora a taxa de sobrevivência e reduz a

necessidade de se submeter à ventilação mecânica”. Até agora, a OMS recomendava três tratamentos: os anticorpos sintéticos, vendidos com o nome Ronapreve, desde setembro de 2020; um tipo de medicamento chamado “antagonista da interleucina 6” (tocilizumabe e sarilumab) desde julho de 2021; e os corticoides sistêmicos para pacientes graves. Desde setembro de 2020, o sotrovimab trata o mesmo tipo de pacientes do Ronapreve. Sua eficácia contra novas variantes, como a omicron, ainda é incerta, afirmou a OMS. O baricitinib tem os mesmos efeitos dos antagonistas da interleucina 6 e deve ser administrado ao mesmo tipo de paciente. Quando ambos estão disponíveis, é preciso escolher qual dos dois usar em função do custo, da disponibilidade e da experiência dos profissionais de saúde. A organização já rejeitou vários tratamentos, entre eles plasma de pacientes curados da Covid, a ivermectina e a hidroxicloroquina.

# Pesquisa ajuda a entender como sentimentos causam doenças

Gabriel Alves

SÃO PAULO — O funcionamento do corpo humano é tão curioso que se você apresentar uma flor artificial a uma pessoa sabidamente alérgica a pólen, é possível que ela tenha reações como se a planta fosse de verdade. Esse fenômeno foi descrito no periódico científico The American Journal of The Medical Sciences em 1886, mais de 130 anos atrás. Agora, um estudo publicado na revista Cell e realizado por cientistas do Technion (Instituto de Tecnologia de Israel) e de outras instituições ajuda a entender como e por que isso acontece: o córtex insular (uma área do cérebro que fica, grosso modo, atrás do lobo temporal, na lateral do órgão) é capaz de armazenar um tipo de memória e, mesmo sem es-

tímulos externos, disparar sinais para que o corpo apresente uma resposta inflamatória. Inflamação, vale lembrar, é um mecanismo de defesa, uma espécie de sirene bioquímica para que o corpo mobilize defesas e combata invasores ou inicie o reparo de lesões. Classicamente, a inflamação pode ser notada por alguns sinais: vermelhidão, inchaço, temperatura local elevada, dor e perda de função da área ou órgão afetado. Mas nem sempre esse tipo de resposta é desejada, como no caso de algumas doenças inflamatórias que têm um gatilho psicossomático. Isto é, que podem desencadear certos efeitos, como cólicas intestinais e idas indesejadas ao banheiro, a partir do estado psicológico da pessoa. A colite (inflamação no in-

testino grosso), assim como outras doenças do trato digestivo, possui um forte componente psicossomático, e por isso foi escolhida pelos autores dos estudos, liderados por Asya Rolls, do Technion, como modelo experimental, em camundongos. “Sabemos que muitas doenças ligadas ao aparelho digestório são muito sensíveis a gatilhos emocionais, por isso escolhemos a colite. Também estudamos a peritonite [inflamação do peritônio, estrutura que envolve os órgãos abdominais] como forma de entender quão específica é essa ‘memória imunológica’ do cérebro”, conta a cientista à Folha. No fim, ambos os modelos experimentais serviram para mapear o caminho da informação, com a codificação

e armazenamento no córtex insular. A estratégia para entender como isso funcionava foi usar “etiquetas moleculares”, capazes de denunciar o comportamento dos neurônios durante os eventos inflamatórios suscitados pela aplicação de substâncias químicas. Ao estimular essa mesma rede neural, se obteve uma resposta imunológica semelhante àquela original, mesmo sem o estímulo químico. Os autores explicam que, com base nesses achados, é possível expandir o conceito tradicional de memória imunológica: de um fenômeno sem participação do cérebro para um que inclui essas representações neuronais da informação inflamatória. “Sabemos que muitas doenças se desencadeiam a partir de um gatilho emocional, e

há evidência de doenças psicossomáticas em todo lugar, mas nós não entendemos como elas acontecem. Por essa razão, temos pouca habilidade em lidar com elas. O entendimento que emerge a partir do nosso estudo abre uma nova possibilidade terapêutica, e até mesmo uma potencial cura ao inibir essa atividade do córtex insular”, afirma Rolls à reportagem. Um desafio que permanece é entender qual seria a vantagem evolutiva de termos em nós um “software” neurológico que consegue emular doenças inflamatórias. Uma possibilidade, aventam os autores, seria a conveniência de o organismo antecipar um estímulo, preparando o corpo para o que vem a seguir, com base em pistas ambientais, como odores e imagens.

Por outro lado, como vimos, isso pode levar a situações indesejadas, como uma reação alérgica a flores artificiais ou até mesmo complicações estomacais e intestinais nos momentos mais inconvenientes. O plano dos pesquisadores agora, revela Rolls, é entender melhor o que compõe essa memória neuronal da inflamação, o que faz uma memória ser mais neurologicamente armazenável do que outra e se outras áreas do cérebro também estão envolvidas. “Não podemos capturar certos aspectos psicológicos em modelos animais, e por isso é importante avançarmos para estudos em humanos. Assim entenderemos, com base em descobertas, se é possível atenuar essas doenças a partir da inibição da atividade cerebral”, afirma a pesquisadora.





Aluna caminha até escola de Chicago, nos EUA, avanço da ômicron afeta retorno dos estudantes Scott Olson - 2 jan 2022/Getty Images/AFP

# Escola convoca pais no lugar de professores com Covid-19

Avanço da ômicron desfalca colegas no Texas e provoca greve do setor na França

**BELO HORIZONTE** A alta vertiginosa de casos de Covid nos EUA, ligada ao avanço da ômicron, tem afetado o funcionamento das escolas no país. Algumas instituições decidiram não retomar as aulas presenciais, e outras sofrem com a falta de mão de obra, já que muitos professores precisam se afastar após contrair a doença.

No Texas, um distrito escolar da cidade de Kyle, a 35 km da capital Austin, teve que pedir aos pais dos alunos que se tornassem professores substitutos. Na semana passada, a organização que adminis-

tra os colégios locais enviou um e-mail às famílias incentivando os responsáveis a se inscrever para as vagas.

O distrito abriga mais de 20 mil estudantes em 25 campi. Segundo um levantamento da instituição, há 318 alunos com Covid na região, sendo que só entre terça (11) e quarta (12) foram 241 novos diagnósticos informados — além de 61 casos ativos da doença entre funcionários.

No último dia 6, a instituição postou no Facebook um anúncio de vagas direcionado aos pais de alunos, comunicando que as escolas estavam contratando profes-

sores substitutos com certificação ou elegíveis ao cargo ainda que sem certificação. O texto pontuou vantagens como "remuneração competitiva", acesso a seguro de saúde, oportunidade de treinamento contínuo e "programas de bonus amadores".

No próprio post, a gestão pediu desculpas à iniciativa. "Isso é uma piada, apoiem seu sistema local de educação", escreveu um homem. Outra usuária questionou: "Em vez de melhorar as condições de alunos, professores e funcionários, vocês decidiram contratar fura-greves?" em referência a um movimento de re-

vindicações dos profissionais.

Em resposta, uma porta-voz do distrito disse à rede Fox 7 Austin que seria melhor usar os pais-professores do que fechar as escolas.

O distrito escolar geralmente tem cerca de 500 professores substitutos disponíveis por ano, mas o número caiu a cerca de cem no ano passado, em meio ao avanço da variante delta. Desde então, segundo disse a porta-voz da instituição, Tim Hovey do portal Insider, foram contratados 200 profissionais. Mas com a ômicron "a demanda aumentou bastante".

Devido à alta de diagnósti-

cos, na primeira semana do ano algumas cidades americanas decidiram voltar para o ensino remoto —entre elas Atlanta, Detroit e Milwaukee.

Só nos primeiros sete dias do ano, 4.783 escolas americanas estavam com aulas presenciais suspensas, mais do que em qualquer outro período de 2021, segundo a Burbio, empresa que mapeia a situação das instituições no país.

Levantamento do jornal The Washington Post apontou que ao menos 4.000 crianças com Covid estavam hospitalizadas nos EUA no último dia 5, marca superior a picos registrados durante o verão de 2021, entre junho e agosto.

No último domingo, os EUA ainda registraram um recorde no número de hospitalizações, levando em conta todas as faixas etárias.

O avanço da ômicron também tem afetado instituições de ensino em outras partes do mundo. Na Europa, atual epicentro da pandemia, professores franceses entraram em greve nesta quinta, com críticas à forma como o governo tem agido para frear os casos da doença nessa categoria.

De acordo com o sindicato que representa a categoria, 75% dos docentes pararam as atividades. Já o Ministério da Educação francês fala em adesão de 38%.

"Estamos no 30º protocolo desde o início da crise" disse a agência de notícias AP Vanessa Cognet, diretora de uma escola rural em Châteldon reclamando ainda que novas instruções chegam um dia antes de serem implantadas.

Na segunda (10), o premiê Jean Castex anunciou o protocolo mais recente —e um pouco mais flexível, para tentar acalmar a tensão. Os professores, porém, mantiveram a greve.

Pelas regras, quando um caso é detectado em sala de aula, o restante dos alunos deve realizar até três autotestes para continuar frequentando a escola. Antes, as crianças e adolescentes precisavam se submeter a um primeiro teste de antígeno ou PCR.

As medidas anteriores causaram longas filas em frente a farmácias, e muitos pais disseram que precisaram faltar ao trabalho para auxiliar os fi-

lhos com os exames. De acordo com o Ministério da Saúde francês, quase 12 milhões de testes foram realizados dessa forma na semana passada, um aumento de 44% em relação às últimas semanas.

No Finlândia, quem se revoltou com as orientações do governo central para frear a disseminação do vírus em escolas foram as administrações locais. A ministra responsável pela gestão da Covid no país disse na semana passada que a volta presencial às aulas não era segura e recomendou que as instituições deixassem toda a classe em quarentena no caso de um estudante receber diagnóstico de Covid.

Em resposta, um grupo de epidemiologistas escreveu uma carta aberta criticando os planos de ensino remoto.

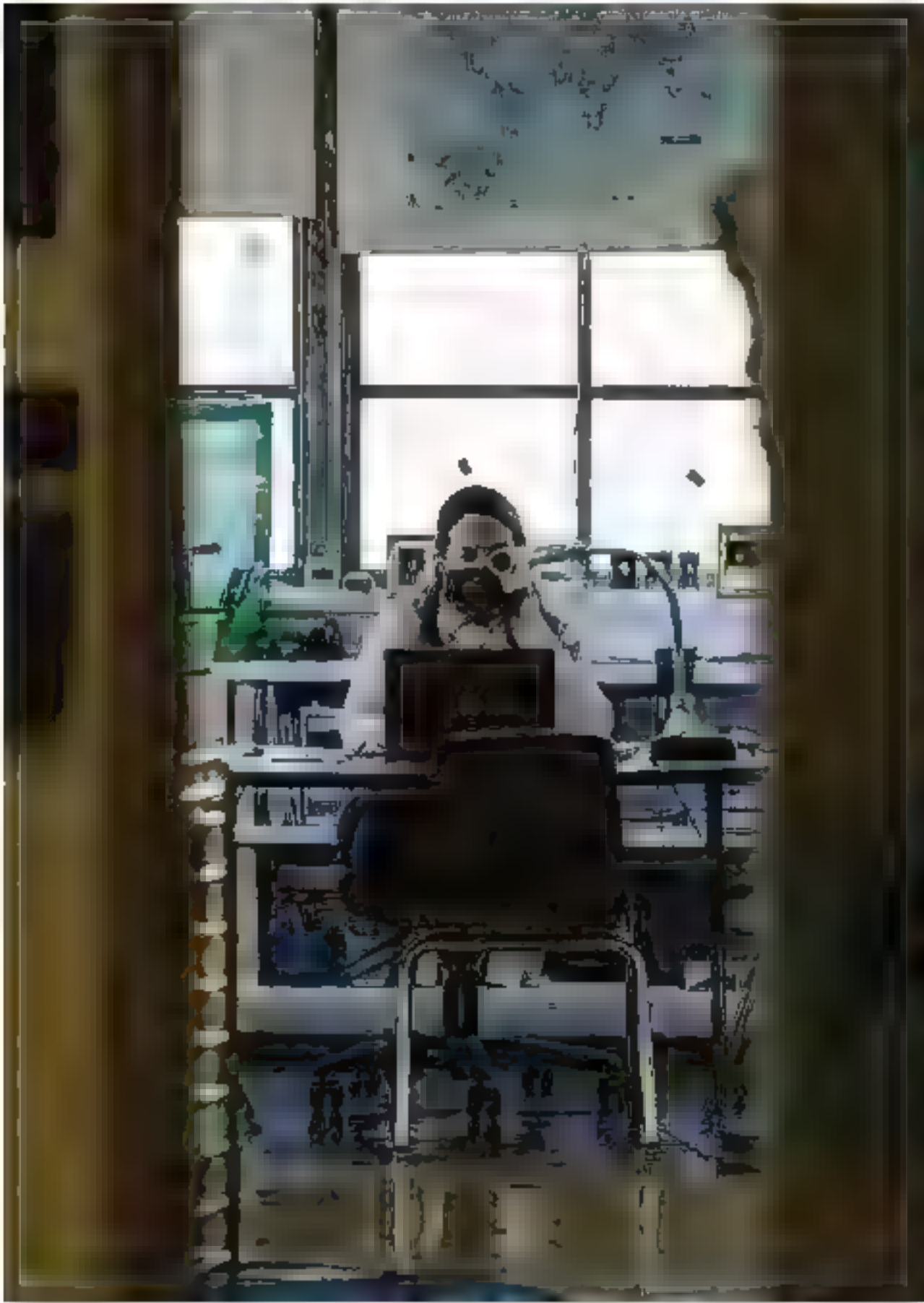
"Quarentenas obrigatórias não são mais um jeito efetivo de controlar a pandemia" disse Taina Isoaho, secretária de Saúde de Helsinque, à agência de notícias Reuters. Segundo ela, as escolas da região metropolitana da capital vão se rebelar e deixar de seguir a orientação do governo.

A disseminação da ômicron lotou fechamentos de instituições de ensino ainda em locais do Canadá, incluindo Ontario, província mais populosa do país, da Índia, a exemplo da capital, Deli, e do Nepal. Pelas próximas três semanas, as escolas nepalesas só vão abrir presencialmente para servir de posto de vacinação de adolescentes de 12 a 17 anos.

Hong Kong também apostará na imunização infantil como forma de garantir uma volta às aulas em breve. A chefe-executiva do território, Carrie Lam, determinou que jardins de infância e escolas primárias fiquem fechadas até o Ano Novo Lunar, em fevereiro, depois que foi detectada a transmissão comunitária da nova cepa a ao menos 40 pessoas — Hong Kong chegou a ficar três meses sem registrar casos locais de Covid.

Lam anunciou também a autorização da vacinação de crianças a partir de cinco anos de idade contra a Covid.

Com AFP



Professora dá aula online em sala vazia de colégio em Louisville, nos EUA Jan Cherry - 15 jan 2022/AFP

## Volta às aulas exigirá revisão de medidas sanitárias e apoio a estudantes e famílias

### EDUCAÇÃO OPINIÃO

Alexandre Schneider

Pesquisador da Transformative Learning Technologies Lab da Universidade Columbia em Nova York, do Centro de Estudos e Políticas de Saúde Pública da FGV/SP e ex secretário municipal de Educação de São Paulo

Após um breve período de aulas presenciais, os estudantes brasileiros estão em férias e devem retornar às aulas em meio ao recrudescimento da pandemia de Covid-19, dessa vez com uma nova variante mais contagiosa que as anteriores. Garantir um retorno seguro às aulas será a principal missão da sociedade brasileira neste início de ano.

Não um certo enfado da população após dois anos de pandemia, seguido de um afrouxamento dos cuidados pessoais, como demonstra o comportamento geral durante o período de festas de fim de ano. Cabe a todos a consciência de que ainda não é a hora de jogar a toalha.

Garantir o retorno seguro, com todos na escola aprendendo, exigirá uma articulação entre profissionais da educação, gestores, familiares e governos.

Em relação à segurança de todos na escola, o primeiro passo é revisar os protocolos sanitários em conjunto com a área da saúde, levando em conta as lições de 2021.

Observar a organização dos espaços da escola, suas regras de uso, circulação, higieniza-

ção e ventilação deve ser parte do planejamento do ano letivo. A garantia de materiais de higiene pessoal antes do início do ano letivo também.

As escolas devem utilizar as primeiras semanas de aula para orientar os estudantes e suas famílias sobre os cuidados pessoais necessários dentro e fora da escola, como o uso de máscaras, uso individual de materiais, copos e outros utensílios, higiene frequente das mãos e outros cuidados.

Ainda são necessárias a medição de temperatura de todos aqueles que circulam pela escola e a adoção e comunicação às famílias das medidas de monitoramento de sintomas, isolamento, rastreamento de contatos e pontos de atendimento de saúde.

A garantia do direito à educação se materializa quando todos os indivíduos em idade escolar estão na escola, aprendendo. As escolas já têm em mãos uma lista de estudantes que não voltaram às atividades presenciais no fim do ano letivo de 2021. A busca ativa desses estudantes deve ser realizada antes do início do ano letivo de 2022.

Vale lembrar que em boa parte das redes públicas não houve reprovação, e os estudantes foram automaticamente matriculados para o ano letivo seguinte, mas isso não garante sua presença.

Para evitar a evasão e o abandono, devem ser criados protocolos que alertam para ausências não justifi-

cas de estudantes, promovendo trocas de informação entre secretarias de Educação, Saúde e Desenvolvimento Social e a articulação de redes de proteção social no território que garantam mais fluidez no atendimento a fatores extracurriculares que impactam na vida dos estudantes.

A garantia da aprendizagem se faz com equipes coesas, capazes de identificar as necessidades individuais dos estudantes e agir sobre elas. É preciso investir fortemente na formação dos professores e gestores escolares para engajar os estudantes em torno da aprendizagem.

Por fim — e não o menos importante — o fato de a educação se esperar mais rapidamente exigida não só por protocolos cuidadosos mas a adoção de medidas como a vacinação das crianças, a organização de materiais para ensino remoto para estudantes em isolamento e a reorganização de recursos humanos para que não haja perda em caso de afastamento de educadores por contaminação.

O ano letivo de 2022 pode ser melhor do que os anteriores se organizarmos o sistema educacional a partir das orientações da saúde, das necessidades individuais dos estudantes em torno de uma grande parceria entre profissionais da educação, gestores educacionais, famílias e governos em torno da garantia do direito à educação de todos. Nenhum a menos.





Manifestantes em protesto durante a COP26, em Glasgow. Daniel Leal-Olivera - 8/10/21/ANP

# Crise climática gera ecoansiedade em jovens que temem pelo planeta

Especialista diz que é preciso ter cautela para que medo não se transforme em negação dos fatos

## AMBIENTE

Isabella Menin

SÃO PAULO Enquanto conversava com a reportagem por telefone, o advogado Leandro Luz, 29, confessa que está nervoso. A angústia em sua fala se refere ao tema da conversa que envolve um de seus maiores medos: a crise climática. Ler, ouvir e falar sobre aumento da temperatura na Terra, queimadas na Amazônia, derretimento de geleiras e desastres ambientais cada vez mais frequentes lhe provoca taquicardia.

Por um tempo, ele não entendia bem o que sentia — até que descobriu sofrer da chamada ecoansiedade. O termo, que aparece em um relatório divulgado pela Associação Americana de Psicologia em 2017 e foi incluído no dicionário Oxford no final de outubro de 2021, é des-

crito como um medo crônico sobre a destruição ambiental acompanhado do sentimento de culpa por contribuições individuais e o impacto disso nas gerações futuras.

A primeira vez que Luz prestou atenção às questões climáticas foi após o tsunami em Fukushima, no Japão, quando ondas gigantes mataram 18 mil pessoas.

Hoje, ele vive em Salvador, mas conta que pensa em se mudar para o interior. "Converso com a minha namorada de morar longe da costa, mas sei que esses locais também serão afetados", diz ele.

"Não sei como me comportar nos próximos 30 anos, procuro evitar o consumo desnecessário e evito produzir muito lixo plástico, mas sei que são atitudes muito pontuais que, a grosso modo, não vão mudar a realidade".

O advogado, porém, também critica o governo sobre

sua postura diante da crise climática. Para ele, por exemplo, a prioridade de autoridades deveria estar na mudança da matriz energética brasileira. "Mas estamos no canjinho oposto, voltamos a discutir a implementação de usinas de carvão para produção de energia no Brasil, algo que é totalmente rudimentar".

Assim como Leandro Luz, a aluna do ensino médio Mariana dos Santos, 16, se recorda de chorar copiosamente quando criança após assistir a reportagens sobre mudança climática. Hoje, ela diz que, apesar de não desabar mais diante das notícias, a ansiedade vira e mexe ainda a abala.

Ela costuma temer, por exemplo, o aumento do nível da água dos oceanos. "Penso nas cidades que podem desaparecer e as consequências que isso pode acarretar. Isso se torna uma bola de neve que não dá para fazer muito e

é isso que desencadeia o desespero", diz.

A estudante de gestão ambiental Maria Antonia Luna, 20, também descobriu recentemente que o aperto no peito e a sensação de falta de ar ao ler notícias sobre o incêndio no Pantanal em 2020 se referem à ecoansiedade.

"A sensação é de uma angústia de que nada vai melhorar", define ela, que agora busca uma terapia que a ajude a enfrentar aflições relacionadas às crises climáticas, tópico frequente em sua graduação.

Marina, Maria e Leandro não são casos isolados. Um estudo publicado no The Lancet Planetary Health, no início de setembro de 2021, analisou a ansiedade climática entre jovens de dez países, como Brasil, Estados Unidos, Índia, Filipinas, Finlândia e França.

O artigo, em preprint (não revisado por pares), ouviu 10 mil jovens de 16 a 25 anos e



A consequência relacionada à saúde mental é preocupante, mas não podemos manter nossas crianças e jovens em uma redoma dizendo que está tudo bem, quando corremos o risco de perder a Amazônia

Alexandre Araújo Costa  
pesquisador de crises climáticas

apontou que a maioria sente com medo, raiva, tristeza, desespero, culpa e vergonha diante de problemas ecológicos.

Ao todo, 58% consideram que seus governos traíram os jovens e as gerações futuras. Apenas franceses e finlandeses não concordam majoritariamente com a afirmação.

Quando os números são destrinchados por país, a sensação de traição tanto por parte dos adultos quanto dos governantes é mais patente entre os brasileiros (77%), seguido por indianos (66%).

Para Alexandre Araújo Costa, físico e pesquisador de crises climáticas há 20 anos, a pesquisa também permite um olhar otimista, pelo maior potencial de conscientização entre os mais jovens. "Eles sentem que o Brasil não faz nada para evitar a atual situação e isso pode ser bom para mobilizar", diz Costa.

Segundo ele, não é possível hoje evitar que o assunto seja debatido. "A consequência relacionada à saúde mental é preocupante, mas não podemos manter nossas crianças e jovens em uma redoma dizendo que está tudo bem, quando corremos o risco de perder a Amazônia", afirma.

O professor ainda analisa que a situação não deve ser vista apenas como um sofrimento individual, já que todos vão acabar impactados de alguma forma com a crise ambiental. "É preciso que a gente troque esse governo que dá de ombros para o problema ou que é sequestrado por interesses econômicos que só visam lucro de curto prazo".

A bióloga Beatriz Ramos segue a linha de Costa. Para ela, o real perigo da ecoansiedade é que surja dela a vontade de não saber o que está acontecendo. "Ao nos afastarmos dos fatos, podemos entrar em um processo de negação", diz. "Não dá para agir só com otimismo ou só com a sensação apocalíptica", afirma.

Depois de uma depressão profunda disparada pelo sentimento de degradação ambiental, a ecóloga Ana Lúcia Tourinho entendeu que a única forma de se sentir melhor seria se continuasse atuando na linha de frente.

Esse foi um dos motivos que a levaram a trabalhar em Sinop (MT), região que sofreu com queimadas e densas névoas de fumaça em 2020.

"Eu respiro fumaça de incêndio. É triste, mas é uma forma que encontrei de não me esconder. A sensação de impotência diminui, sinto que não estou parada assistindo à destruição", diz ela, recordando que, nos piores momentos do ano passado, presenciou cenas desesperadoras de animais agonizando.

A angústia diante da crise climática parece cada vez mais evidente e atinge, principalmente, os mais jovens. Em Portugal, de acordo com uma reportagem publicada pela Agência Lusa, o termo traz um novo desafio aos psicólogos. Já no Brasil, o uso do termo ainda é emergente, apontam especialistas.

O antropólogo Rodrigo Toniol, por exemplo, não acredita que esse diagnóstico vá emplacar. "Não acho que a gente vá chegar a um consultório e ter esse diagnóstico à mão de todos os psiquiatras, mas acho que esse é um sintoma relevante que aponta para problemas ligados à falta de um pacto social", diz ele.

Para o psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da USP Christian Dunker, os efeitos da ansiedade causada pelo clima são colaterais. Dunker reflete que, na verdade, nota no consultório o crescente sentimento de injustiça quanto às situações que demandariam ações que não são sendo tomadas, como desigualdade social, racismo, homofobia e desigualdade de gênero.

"No bojo desta modificação da nossa indignação aparece a situação em que passamos a emergir o planeta como alguém, e não como algo".





# Destaque para África no Met alerta para revisão necessária

Mostra é linda, mas museu de Nova York precisa refletir sobre colonialismo

ILUSTRADA  
OPINIÃO

Holland Cotter

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES  
Em termos de objetos, não há exposição mais linda em Nova York do que "A Origem Africana da Civilização", no Metropolitan Museum of Art. E também não há outra mais permeada por tensões éticas e políticas.

A reunião de 42 esculturas em uma das Galerias Egípcias do Met exibe, pela primeira vez, peças de suas coleções do Antigo Egito e da África Subsaariana, com séculos de distância.

O pretexto para a mostra é prático. Ela ocorre imediatamente depois do recente fechamento para reforma da Ala Michael C. Rockefeller e de suas galerias de Artes da África — a ala deverá reabrir em 2024. É uma maneira de manter alguns de seus tesouros em exposição e de reconhecer diretamente a própria África como a fonte original da cultura humana.

A exposição ocorre num momento em que a história da arte africana nos museus ocidentais — como ela chegou até eles e como é tratada — está sendo examinada de perto.

As peças do continente africano em poder do Met sempre ocuparam duas seções muito distantes — literalmente, em extremidades opostas do edifício na Quinta Avenida —, refletindo distinções ocidentais antigas e racistas entre "alta" cultura (Egito) e cultura "primitiva" (a maior parte do continente).

A exposição faz um gesto de unificação, considerando, porém, seu objetivo arquitetônico, a antiga divisão presumivelmente continuará intacta, em escala ampliada, na geografia do museu após a reforma da ala Rockefeller.

A mostra também coincide com um momento de conscientização internacional sobre o colonialismo ocidental na

África e as realidades predatórias da maior parte da captação de arte no continente. Em certos países europeus — Bélgica, França, Alemanha —, gestos tardios de restituição estão sendo discutidos.

O próprio Met devolveu recentemente à Nigéria duas das várias esculturas do Benin em seu poder. Mas a exposição não faz quase nenhuma menção clara a nada disso. É preciso olhar a informação nos rodapés — citações de proveniência nas legendas dos objetos — para saber dessa história de furtos.

Em vez disso, suas organizadoras — Alisa LaGamma, curadora encarregada do departamento de artes da África, Oceania e Américas, e Diana Craig Patch, curadora do departamento de arte egípcia — deram uma história diferente, menor, da aquisição de arte africana pelo próprio Met e as mudanças de percepção estética e cultural envolvidas na história.

Como os antigos gregos admiravam a arte dinástica egípcia, e aprenderam com ela, os fundadores do Met, helenófilos, também a valorizavam. Ao mesmo tempo, para eles, quase toda outra arte da África não era "arte" e pertencia ao Museu Americano de História Natural, do outro lado do Central Park.

Foi só no final dos anos 1960 que uma mudança de postura da instituição se manifestou, quando o Met começou a adquirir a coleção de arte primitiva do Museu Nelson A. Rockefeller e, em 1983, construiu uma ala para abrigá-la.

Por meio das datas de aquisição nas legendas, é possível identificar quando os objetos, antigos e mais recentes, entraram na coleção do Met e assim rastrear o progresso do investimento do museu para apresentar e promover a arte africana.

Mas as curadoras embutiram essa história em uma "exposição de obras-primas" à moda antiga, composta de

uma seleção dos maiores sucessos das diferentes coleções africanas sob seu encargo.

Sob a denominação "Pares Básicos" estão duas esculturas aproximadamente do mesmo tamanho, cerca de 1 metro de altura, separadas por milênios. Em um entalhe egípcio em calcário, em alto-relevo, datado entre 2.575 e 2.465 a.C., um homem e uma mulher chamados Memi e Sabu olham rigidamente à frente, como que congelados para tirar uma foto.

Estão nus, são jovens e alertas, e o homem predomina. Uma cabeça mais alta que sua companheira, ele tem o braço esquerdo sobre o ombro dela e cobre seu seio com a mão. A outra escultura, isolada, foi cortada de um único bloco de madeira por um artista dogon, no Mali, no século 18 ou início do 19. Aqui não se nota hierarquia de gênero com base no tamanho.

As figuras têm quase a mesma altura, e suas feições combinam com precisão delicada, quase matemática, até os atributos que definem seus papéis na vida: a aljava de flechas pendurada nas costas do homem e o bebê enrolado que a mulher carrega nas suas também têm o mesmo tamanho.

Os primeiros critérios de beleza escultórica do Met foram definidos por uma tradição "clássica" ocidental, em que a arte do Antigo Egito recebeu menção honrosa. Meus critérios são moldados pela exposição durante toda a vida a tradições diferentes, al-

gumas ainda rotuladas de "primitivas". No caso desses dois objetos africanos, "mais belo" simplesmente não se aplica como categoria comparativa. De qualquer modo, as comparações entre culturas podem ser traiçoeiras, se não forem baseadas em dados verificáveis — não é o caso aqui.

Por exemplo, em nenhum lugar as curadoras tentam demonstrar que a arte do antigo Egito serviu como fonte direta para a arte dos séculos 19 e 20 em Gana, no Mali ou no Sudão. E muitos dos temas conceituais sob os quais os objetos foram colocados — "Comemorando a Beleza", "Forças Fascinantes", "Domínio dos Metais" — são tão amplos que podem acomodar quase qualquer coisa.

Com efeito, os pares de fato se baseiam na morfologia, na forma, no motivo visual — isto se parece com aquilo — que apela diretamente ao olhar.

Você não precisa ter nenhum conhecimento especial para ver que uma figura de um filhote de leão, do tamanho de um punho, cinzelada e raspada em quartzo branco no início do Egito dinástico e pulsante de vida, é um milagre de empatia entre humano e animal. Ou que aquele esguio leopardo de bronze de Edo (1.550-1.680 a.C.), fundido em um ateliê da corte do Benin, onde hoje é a Nigéria, é uma representação da beleza sobre quatro patas.

Um objeto de poder em forma de hipopótamo, do Mali do século 20, moldado em

terra misturada com álcool e sangue, se parece muito com uma granada de mão para merecer o tema sob o qual aparece, "Dominando o Perigo".

Mas o belo pequeno hipopótamo de louça na mesma vitrine? A etiqueta informa que esse guardião de tumba foi considerado tão agressivo em seu zelo protetor que suas pernas foram quebradas antes do enterro para que não ferisse seu dono no pós-vida.

Na categoria "Almofadas Sublimes", encontramos um descanso de cabeça egípcio em alabastro, luminoso como um lótus, feito para eternizar adormecidos, e outro de madeira do século 19 da República Democrática do Congo, destinado a proteger o penteado de uma mulher deitada.

As imagens mais impressionantes, porém, são as de corpos e rostos: humanos, divinos ou ambos. Dois nus masculinos altos, esculpidos em madeira, um do Antigo Reino do Egito, o outro do Sudão do século 19, são figuras memoriais de gravidade equivalente, nobres como monarcas, leves como dançarinos.

Certas esculturas podem ter sido concebidas como retratos, embora os nomes ligados a elas tenham se perdido, como no caso da cabeça fragmentada de uma rainha egípcia cortada em jaspe cor de mel. E certas semelhanças sobreviveram com as identidades intactas.

Um pendente de marfim do século 16 — um ícone da Ala Rockefeller representa a mãe e o principal assessor de um rei do Benin. A face de um velho marcada pelo tempo em quartzo, com os lábios voltados para baixo e olhos pesados, pertence ao rei egípcio Senwosret 3º, embora também pudesse ser facilmente uma foto daquele homem triste sentado à sua frente no metrô ontem à noite.

Tecnicamente, a mostra se estende pelo museu em geral, com algumas obras africanas estrategicamente posicionadas. Uma figura kongo de olhos arregalados, dedicada a expulsar o mal, perturba a paz das galerias grega e romana. Um grupo de cruzes usadas em procissões etíopes levita no Salão Medieval.

No andar superior, nas galerias de pintura europeia, uma figura materna do Mali, esculpida em madeira, chamada honorificamente de "Gwandansu", está próxima de uma

pintura monumental de Jusepe de Ribera, "A Sagrada Família com Santos Anjo e Catarina de Alexandria", de 1648.

Criar esses pontos de luz através de culturas é importante, conforme vão se formando novos públicos e "conhecido" e "desconhecido" começam a mudar de lugar. O dia virá em que uma figura poderosa da etnia kongo seja tão conhecida do público do Met quanto um "kouros" grego, e "Gwandansu" ajude a explicar o que significa uma "Madonna". A ideia de beleza pode ao mesmo tempo ser inclusiva e preservar as diferenças.

Nesse sentido, "A Origem Africana da Civilização" certamente tem valor. Mas, enquanto previu a reforma da Ala Rockefeller, também tem problemas. Não basta que o espaço seja apenas redesenhado. Ele tem de ser repensado conceitualmente, em todos os níveis, o que não será tarefa fácil para o Met — que, como todos os nossos grandes museus tradicionais, é profundamente conservador.

Nessa revisão, será vital incorporar o Egito na história das "artes da África", como faz a exposição atual. E será necessário politizar a narrativa histórica da arte. A coleção africana do Met (e as coleções da Oceania e das Américas) trata de colonialismo, de como a arte foi deslocada de seu lugar de origem.

Não há como ser ético e atenuar, quem dirá esquecer, o relato da ocupação militar britânica assassina do Benin no século 19. Será ainda importante enfatizar o quanto boa parte da arte da África Subsaariana na coleção do Met é inerentemente, e muitas vezes francamente, sobre ética, sobre mecanismos de justiça social; sobre viver direito, em termos pessoais, sociais e espirituais; sobre a busca por equilíbrio no mundo natural.

Tudo isso fica evidente no vigor acusatório da figura de poder, na calma montanhosa de Gwandansu e nos chifres apontados para o sol, buscando o céu, de uma máscara de colheita malinesa em forma de antelope.

São ideias sobre as quais ainda temos muito que aprender. E, como comprova a atual mostra do Met, em nenhum lugar do planeta elas são ensinadas com uma beleza tão fascinante quanto nas artes da África.

Tradução Luis Roberto M. Gonçalves





Visitantes da mostra 'Origem Africana da Civilização' veem 'Casal Sentado', do Egito, à esquerda, e 'Memi e Sabu', do Egito, à direita. Escultura 'Os Amigos do Rei Memi e Sabu', do Egito, a visão frontal de 'Casal Sentado'. À esquerda, 'Figura de Poder Masculina (Nkisi)', de artista da etnia kongo; à direita, 'Figura Ajoelhada', do Egito. Estátua de mármore de um 'kouros', Grécia; e 'Figura de Poder Mangaaka (Nkisi N'Kondi)' Objeto de poder em forma de hipopótamo (Boli) do Mali; abaixo, 'Figurinha de Hipopótamo', do Egito. Fotos: Seth Caplan/The New York Times.



## Museu Rubin vai restituir relíquias do Nepal que teriam sido roubadas

Zachary Small

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES O Museu de Arte Rubin, em Nova York, anunciou na última segunda-feira (10) que vai devolver ao Nepal duas esculturas, depois que pesquisadores que trabalham para a instituição concluíram que os artefatos, esculpidos em madeira, tinham sido roubados por contrabandistas de sítios religiosos. "Estamos profundamente gratos", disse o cônsul-geral do Nepal em Nova York, Bishnu Prasad Gautam, em um comunicado divulgado à imprensa. "A resposta proativa e colaboração consciente do Rubin contribuíram positivamente para os esforços nacionais do Nepal para recuperar artefatos perdidos."

O museu deu crédito à instituição sem fins lucrativos Campanha para Recuperação do Patrimônio do Nepal por sua atuação na repatriação, chamando a atenção para a história das peças. Em setembro, uma conta no Twitter afiliada à campanha postou preocupações de que as relíquias de madeira pudessem ser roubadas. A iniciativa participou da devolução de ao menos sete relíquias no ano passado, retornadas por instituições culturais como o Metropolitan Museum of Art e o Museu de Arte de Dallas. O Museu Rubin disse em sua declaração que essas duas relíquias foram as primei-

ras peças de origem considerada ilegal em sua coleção. Há cinco anos a instituição vem promovendo uma revisão completa dos seus artefatos, a qual inclui preencher lacunas dos registros de proveniência dos itens. "Temos o dever permanente de pesquisar com cuidado a arte e os objetos que colecionamos e expomos. O furto de objetos arqueológicos continua sendo uma grande preocupação no mundo da arte", disse num comunicado Jorrit Britschgi, diretor-executivo do museu. "Acreditamos ser nossa responsabilidade abordar e resolver questões de propriedade cultural, inclusive ajudando a facilitar a devolução dos dois objetos em questão."

Uma das relíquias é a parte superior de uma torana —portal ornamental na arquitetura budista e hindu— feita de madeira e datada do século 17, vinda de Yampi Mahavihara, complexo de templos em Patan. Outra é um entalhe de uma apsara —espírito feminino das nuvens e ondas—, em forma de guirlanda, datada do século 14 e que fazia parte originalmente de uma janela ornamental do mosteiro de Itum Bahal, localizado em Katmandu. Estudiosos que trabalham para o museu concluíram que a guirlanda desapareceu do mosteiro em 1999, quatro anos antes de ser comprada pela Fundação Cultural Shelley e Donald Rubin, que

representa os fundadores do Museu Rubin. Sandrine Milet, porta-voz do museu, disse que os dois artefatos foram adquiridos em negociações privadas, mas não quis citar os nomes dos vendedores, dizendo que eles desejam permanecer anônimos. O Departamento de Arqueologia do Nepal vai determinar se os objetos voltarão a seus locais de origem ou se irão para um museu nacional. Em dezembro, autoridades do governo devolveram uma escultura representando a deusa hindu Lakshmi-Narayan a seu templo em Patan, depois que o Museu de Arte de Dallas o devolveu. Em uma procissão comemorativa, os participantes se estendiam para tocar a estátua, que é considerada uma deusa viva, e levavam os dedos à testa para receber a bênção.

Roshan Mishra, diretor do Museu Taragaon em Katmandu, espera que uma cerimônia semelhante receba os objetos que voltarão do Museu Rubin. Ele ajudou a Campanha de Recuperação do Patrimônio do Nepal a divulgar os esforços para garantir o retorno das relíquias de madeira. "Estou muito feliz", disse Mishra em entrevista. "Se museus como o Rubin estiverem ativamente repatriando seus artefatos, acho que será mais fácil outros seguirem sua iniciativa."

Tradução: Lu e Roberto M. Gonçalves



Entalhe de uma apsara (espírito), peça que será devolvida Museu de Arte de Rubin/Divulgação





Instalação 'Protect Me from What I Want' ('proteja-me do que eu quero'), da artista Jenny Holzer, colocada no display de edifício na Times Square, em Nova York, em 1986. Reprodução

# Metas para o Ano-Novo podem nos ajudar, mesmo se as descumprirmos

Goethe ensina em suas obras que seremos redimidos apenas por meio de nossos próprios esforços

## OPINIÃO

Juliana de Albuquerque

Escritora, doutoranda em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Nos primeiros dias do mês, Leandro Narloch questionou em sua coluna no site da Folha a necessidade de nos prescrevermos resoluções de Ano-Novo. Munido da leitura do psicanalista Josh Cohen, autor do ensaio "The Perfectionism Trap" [a armadilha do perfeccionismo] — para quem a vida começa quando desistimos de nos tornarmos uma melhor versão de nós mesmos —, Narloch sugere que "ser adulto é abandonar o objetivo de autossuperação".

Concordo com os autores quanto a não podermos paular a vida por uma desenfreada busca por aprovação, como se o sucesso das nossas empreitadas dependesse unicamente da opinião dos outros. Por outro lado, a insinuação de que ser adulto é abandonar objetivos de aperfeiçoamento de si é problemática, por nos negar a chance de distinguir entre o que eles chamam de perfeccionismo — ou seja, a necessidade de fazermos o que achamos ser a coisa certa, com objetivo de obter a aprovação alheia —

e a busca por um exercício de superação pessoal condizente com o nosso desejo por aprimoramento.

Portanto, ainda que os autores mencionem essa distinção — Narloch, comenta, inclusive, que "não se trata, é claro, de recusar qualquer tipo de aperfeiçoamento" —, algo importante parece-me ficar de fora, cabendo-nos, aqui, a tentativa de oferecer uma reflexão mais ampla do tema.

Na literatura, talvez, uma das figuras que melhor representem essa distinção entre o perfeccionismo e o aperfeiçoamento de si é "Fausto", de J.W. von Goethe.

No início do drama, trancafiado em seu gabinete, o personagem se lamenta por haver dedicado a vida inteira ao mais completo aprendizado de todos os conhecimentos possíveis sem que isso houvesse feito com que ele se tornasse mais sábio ou consciente: "Estudei com ardor tanta

filosofia, Direito e medicina. E infelizmente até muita teologia. A tudo investiguei com esforço e disciplina.

E assim me encontra eu, qual pobre tolo, agora. Tão sábio e tão instruído quanto fora outrora!"

Aqui, a instrução de Fausto,

representada pela necessidade de tudo conhecer como se estivesse a superar metas acadêmicas e profissionais, contrapõe-se à sua formação ou projeto de autoaperfeiçoamento, trazendo-me à lembrança o registro de uma conversa entre Goethe e o seu secretário, J.E. Eckermann, sobre o que existe de artificial e doentio no estilo de vida das metrópoles e, sobretudo, na educação oferecida aos jovens:

"Entre nós, tudo é direcionado para a domesticação prematura de nossa querida juventude e para extirpar dela toda a natureza, toda originalidade e toda selvageria, de modo que por fim não resta mais nada a não ser o filisteu. [...] Vamos manter a esperan-

ça e aguardar para ver como estaremos nós, alemães, em um século, e se teremos alcançado não mais sermos filósofos e eruditos abstratos, e sim seres humanos."

Para Goethe, exercitamos a nossa humanidade à medida que demonstramos coragem e desenvolvemos para lidarmos com experiências boas e más, a partir das quais vislumbramos a possibilidade de nos tornarmos capazes de finalmente reconhecer o que exige a nossa própria natureza.

Entretanto, por mais equivocados ou estapafúrdios que sejam planos, metas e resoluções, estes podem despertar em nós a necessidade de avaliar os nossos limites, de repensar as nossas prioridades e de corrigir o curso das nossas vidas por meio de uma reflexão sobre as habilidades e ferramentas que possuímos para enfrentar os obstáculos impostos tanto pelas circunstâncias como por nós mesmos

ridades e de corrigir o curso das nossas vidas por meio de uma reflexão sobre as habilidades e ferramentas que possuímos para enfrentar os obstáculos impostos tanto pelas circunstâncias como por nós mesmos.

Deste modo, embora seja mais fácil pensar que estejamos nos impondo metas simplesmente para satisfazer a cobrança dos outros em relação a como deveríamos ser, onde deveríamos estar e o que precisamos ter, devemos nos perguntar, igualmente, por que será que nos deixamos levar por esse tipo de pressão. Pois, quando se trata de tentarmos agradar os outros, estamos longe, muito longe mesmo, de sermos totalmente desinteressados.

Exemplo disso é o que acontece com outro célebre personagem de Goethe, Wilhelm Meister, que, ao apaixonar-se por uma atriz, tenta convencer a si mesmo e aos outros que a sua verdadeira vocação está no teatro.

No entanto, ao longo dos seus anos de aprendizado, à medida que ele começa a se expor ao mundo e a questionar os seus objetivos, Wilhelm percebe que o teatro não é o que ele realmente almeja.

Mais tarde, nos seus anos de peregrinação, Wilhelm con-

templava uma porção de outros projetos e novos objetivos de vida, comenta sua dificuldade em encontrar um caminho a seguir e, por fim, encontra uma vocação condizente com as suas inclinações artísticas e sociais, ensinando-nos que ser adulto não significa abandonar os nossos planos de autoaperfeiçoamento.

Significa, sim, saber mesurar as nossas expectativas com relação ao que somos capazes de alcançar a partir de um cálculo que envolve um limitado conjunto de aptidões e recursos, opções e possibilidades.

A esse exercício dá-se o nome de resignação, algo que muitas vezes interpretamos como complacência ou, até mesmo, desistência, mas que, no linguajar de Goethe, significa, em verdade, saber interpretar os nossos próprios desejos de modo a finalmente termos alguma noção de como dosar a intensidade dos esforços a serem despendidos em cada uma das metas que informam as nossas demandas por felicidade.

Portanto não se sintam inibidos na hora de estabelecer resoluções para este ano que se inicia. Afinal, se não agora, quando?

Eu mesma já tracei uma porção de planos para 2022, alguns mais e outros menos difíceis para a execução. Sei bem que uma parcela desses planos jamais será realizada e que outra terá de passar por uma série de reajustes para conseguir sair do papel.

Nada disso importa. O que interessa mesmo, lembra-nos Goethe, é que nos esforcemos de algum modo, seja como for, pois é somente por meio dos nossos próprios esforços que seremos redimidos.